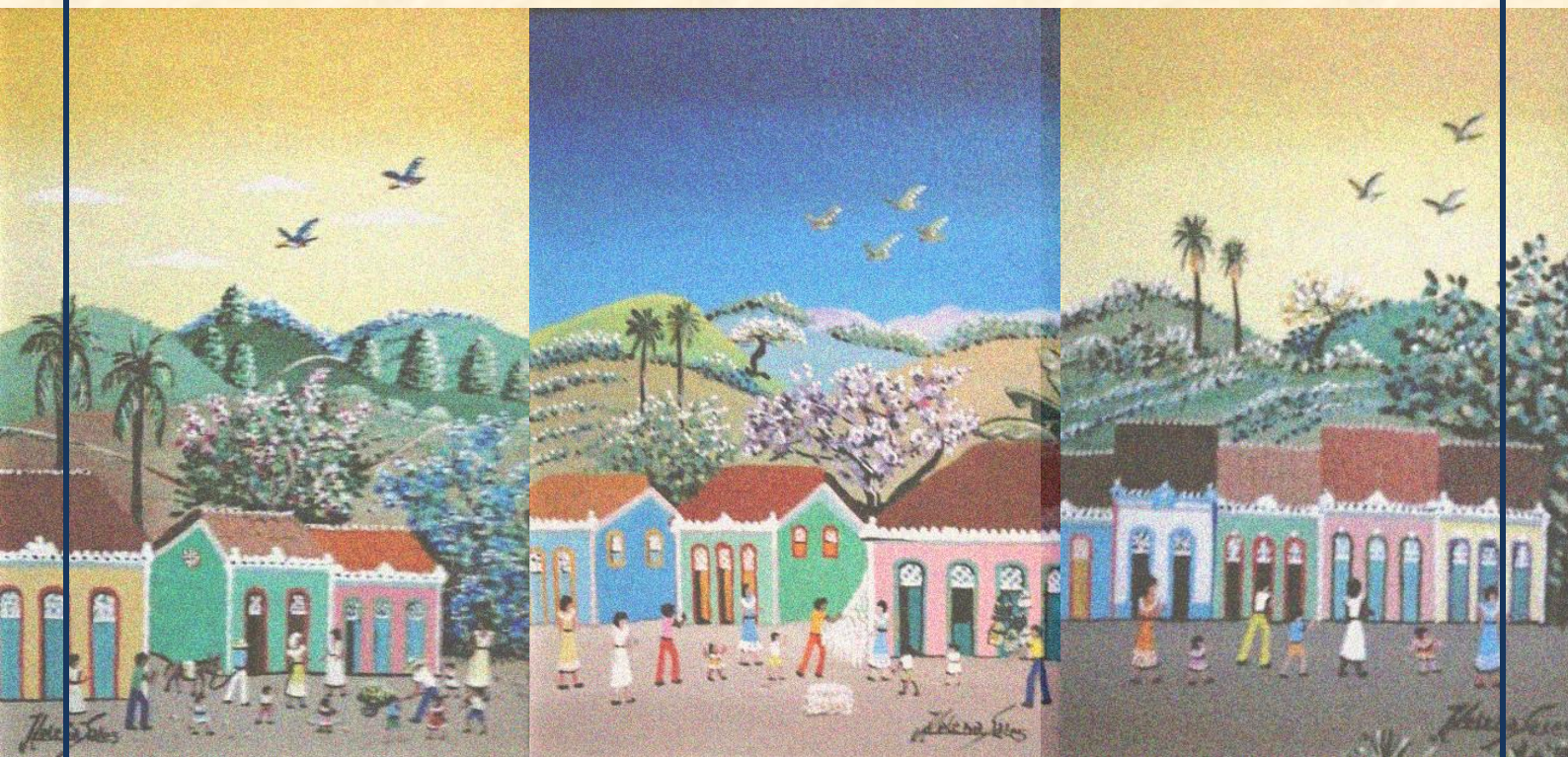


DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA



SÉRIE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

JÚLIO CÉSAR SUZUKI

RITA DE CÁSSIA MARQUES LIMA DE CASTRO

LAURA JANAÍNA DIAS AMATO

(ORGANIZADORES)

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

FFLCH-USP - 2020

ISBN 978-65-87621-11-1

DOI: 10.11606/9786587621111

JÚLIO CÉSAR SUZUKI

RITA DE CÁSSIA MARQUES LIMA DE CASTRO

LAURA JANAÍNA DIAS AMATO

(ORGANIZADORES)

**DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO NA
AMÉRICA LATINA**

FFLCH-USP

2020

[SÉRIE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES]

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Prof^a Dr^a Maria Armanda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Comitê editorial

Prof. Dr. Adebaro Alves dos Reis (IFPA)

Prof^a Dr^a Adriana Carvalho Silva (UFRRJ)

Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira (UFG)

Prof. Dr. Alberto Pereira Lopes (UFT)

Prof. Dr. Alécio Rodrigues de Oliveira (IFSP)

Prof^a Dr^a Ana Regina M. Dantas Barboza da Rocha Serafim (UPE)

Prof. Dr. Cesar de David (UFSM)

Prof. Dr. Gevson Silva Andrade (UPE)

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto (UEG)

Prof^a Dr^a. Maria Jaqueline Elicher (UNIRIO)

Prof. Dr. Ricardo Júnior de Assis Fernandes (UEG)

Prof. Dr. Roni Mayer Lomba (UNIFAP)

Prof^a. Dr^a. Telma Mara Bittencourt Bassetti (UNIRIO)

Prof^a. Dr^a. Valéria Cristina Pereira da Silva (UFG)

Catálogo na Publicação (CIP)

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Maria Imaculada da Conceição - CRB - 8/6409

D441 Desafios da Comunicação na América Latina [recurso eletrônico] /
Organizadores: Júlio César Suzuki, Rita de Cássia Marques Lima de
Castro, Laura Janaína Dias Amato. -- São Paulo: FFLCH/USP,
2020.
2.674 Kb ; PDF. (Diálogos interdisciplinares)

ISBN 978-65-87621-11-1

DOI: 10.11606/9786587621111

1. América Latina – Estudo e pesquisa. 2. Pesquisa em comunicação.
3. Comunicação de massa. 4. Meios de comunicação. 5. Tecnologia da
comunicação. I. Suzuki, Júlio César. II. Castro, Rita de Cássia Marques
Lima de. III. Amato, Laura Janaína Dias.

CDD 980

Capa: Pinturas de Helena Sales – foto de autoria de Júlio César Suzuki, arte final
(montagem): Rita Lima de Castro.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e
autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade
dos autores, os quais também se responsabilizam pelas imagens utilizadas.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

LAZOS: CUERPO ORGÁNICO EN LA CULTURA DIGITAL..11

Tania Marín Pérez

CAPÍTULO 2

RETÓRICA E MÍDIA NO DISCURSO DA UNILA: UMA UNIVERSIDADE COM VÁRIOS POVOS, DIFERENTES CULTURAS E UM DESAFIO42

Cláudia Maria Serino Lacerda Muniz

Ivo José Dittrich

Denise Rosana da Silva Moraes

CAPÍTULO 3

O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NA MÍDIA TV: REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES78

Laura Duarte Marinoski

Denise Rosana da Silva Moraes

CAPÍTULO 4

ALTERIDADE NAS MÍDIAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CONTEXTO DE FRONTEIRA: COMO RECONHECER O OUTRO NAS TELAS? 109

Regiane Cristina Tonatto

Denise Rosana da Silva Moraes

CAPÍTULO 5

NOTÍCIAS DE HONDURAS: UMA LEITURA CRÍTICA DA COBERTURA DOS JORNAIS DIÁRIOS SOBRE A DEPOSIÇÃO DE MANUEL ZELAYA129

Samantha Maia Araujo

Renato Braz Oliveira de Seixas

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o livro *Desafios da Comunicação na América Latina*, que inaugura a interlocução entre os programas de Pós-Graduação Interdisciplinares: Programa de Mestrado e Doutorado em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP), Programa de Mestrado e Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) em Foz do Iguaçu no Estado do Paraná e Programa de Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

O resultado deste *e-book* fortalece os programas interdisciplinares, pois as experiências de pesquisas aqui relatadas são fruto de práticas empíricas e teóricas que tematizam as fronteiras não disciplinares, e ainda evidenciam a crítica que deve ser feita às ciências sociais e humanidades sobre o fazer ciência que vem sendo adensada desde a década de 1970. Dessa forma, promove novas abordagens de pesquisas em que os diálogos entre áreas de conhecimento diversas são bem-vindos e ampliam o escopo das pesquisas. Essa concepção de formação prevê que este pesquisador e esta pesquisadora não são intelectuais técnicos, mas orgânicos, humanos, sociais e políticos. Isso nos permite relativizar tanto os limites disciplinares quanto as oposições entre os saberes, sejam eles científicos ou não (COELI e MORAES, 2016).

Eclode, assim, na ciência, o que se pode denominar de uma maturação qualitativa, como expressa a autora Beatriz Sarlo (2014, s/p.)¹ “*La llegada del milenio invita a hacer un balance*”. A autora elabora seu pensamento em torno da ideia de que a universidade precisa ser aberta ao povo, como um novo cenário que contribui para a política nacional. As

¹ SARLO, Beatriz. *Tiempo presente: Notas sobre el cambio de una cultura*. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014 (*e-book*).

pesquisas aqui apresentadas têm como marco axiológico a interdisciplinaridade, no sentido de que, não sendo utilitaristas, contribuam para promoção de alteridades.

Este livro, tecido a muitas mãos, compila pesquisas que constituem ensinamentos teórico-metodológicos para compreender o presente. Michel de Certeau discorre sobre os atributos dos pesquisadores (as) que é localizar de que lugares falam os autores(as) e quais as condições de produção que os levam a refletir tais conjunturas. Logo, com a perspectiva de pensar o tempo presente sem deixar de olhar o passado, como um espaço de experiências em relação ao futuro, nosso horizonte de expectativas, apresentamos os textos que compõem essa obra.

O primeiro artigo, *Lazos: cuerpo orgânico en la cultura digital*, de Tania Marín Pérez, traz uma oportuna abordagem acerca do impacto da tecnologia no cotidiano das pessoas. Partindo da pergunta de pesquisa acerca de como ocorre a tradução da identidade orgânica do indivíduo que possui um perfil no Facebook, a autora nos brinda com várias questões que levam a cogitações acerca do futuro e da virtualidade. As tecnologias, como bem destaca a autora, se firmaram como uma rede de conexões sem fronteiras e fazem parte da construção das identidades por meio da presença constante nas redes, construção essa que se realiza, também, com o corpo e os elementos simbólicos que o acompanham e que são reforçados e incorporados por meio das tecnologias digitais, criadoras da identidade digital do indivíduo. É uma problemática que abre muitas vertentes para investigação, como o texto de Tania Marín Pérez nos estimula a pensar.

O segundo capítulo, de autoria de Cláudia Maria Serino Lacerda Muniz, Ivo José Dittrich e Denise Rosana da Silva Moraes, aborda o tema *A retórica e mídia no discurso da UNILA: uma universidade com vários povos, diferentes culturas e um desafio*. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar na qual o objeto de pesquisa é a retórica e a mídia no

discurso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) situada em Foz do Iguaçu, Estado do Paraná. Os autores abordam o discurso como legitimação legal, contudo, asseveram que isto não é condição suficiente para que uma instituição seja aceita pela sociedade. Para que isso aconteça, faz-se necessário construir legitimidade em dois outros níveis, além do jurídico: normativo (convergência com os valores preservados pelo público) e cultural-cognitivo (reconhecimento social).

O terceiro capítulo traz a pesquisa de Laura Duarte Marinowski e Denise Rosana da Silva Moraes, versa em torno da mídia no texto intitulado *O adolescente em conflito com a lei na mídia TV: reflexões interdisciplinares*. Ao problematizar a mídia TV e a sua cultura na construção de uma identidade do adolescente em conflito com a lei, as autoras investigam programas televisivos, em três canais de ampla repercussão social, em canal aberto, como a cultura da mídia contribui para disseminar e ao mesmo tempo construir identidades que legitimam seu pensamento. Pontuam, ainda, que o estudo reconhece a importância da tecnologia e das mídias, não vendo como um instrumento que exerce somente uma apologia alienadora. Compreendem que é possível, por suas arestas, uma nova leitura e com isso a revolução pode vir de baixo, das bases (MORAES, 2013).

No quarto capítulo, as autoras Regiane Cristina Tonatto e Denise Rosana da Silva Moraes apresentam a pesquisa intitulada *Alteridade nas mídias e a formação de professores em contexto de fronteira: como reconhecer o outro pelas telas?* As autoras destacam que é no sentido de perceber a escola como um local de possibilidades para romper barreiras, quebrar tabus, enfrentar conflitos, dissolver limites e fronteiras que a pesquisa foi tecida. Defendem que as mídias digitais sejam compreendidas como artefatos de cultura, cuja oportunidade deva ser para aproximar e conectar pessoas, reunir vozes que estão ali presentes e valorizar as

experiências culturais que circundam a convivência humana lado a lado com as diferenças. Dessa forma, partilham vozes no contexto de uma escola com pretensas fronteiras nacionais. Ou seja, para além das diferenças, as autoras investigam um espaço peculiar de diversidade cultural e linguística, vislumbrando a educação como prática emancipadora e o uso das mídias digitais emanadas à alteridade como possibilidade de acolhimento.

Notícias de Honduras, uma leitura crítica da cobertura dos jornais diários sobre a deposição de Manuel Zelaya, o quinto capítulo desta série, de autoria de Samantha Maia Araujo e Renato Braz Oliveira de Seixas, nos leva a refletir acerca dos limites do chamado jornalismo positivista tradicional, o qual não dá lugar ao afeto tão necessário para que o profissional do jornalista possa se permitir compreender o sujeito de sua notícia e sair das tradicionais fórmulas de ‘redigir e dar’ uma notícia. A crítica ao jornalismo tradicional demonstra que os paradigmas da eficiência administrativa e a busca por eficiência levaram a um empobrecimento do ‘fazer’ jornalismo. O texto destaca a importância de resgatar o afeto e buscar, nos relatos das pequenas histórias, a grandeza que emerge quando se vai além dos protagonistas oficiais de um acontecimento jornalístico. Em suma, busca-se salientar a narrativa autoral, elemento que integra o jornalismo que conta a história da contemporaneidade.

Assim, este *e-book* sobre *Desafios da Comunicação na América Latina*, da série *Diálogos Interdisciplinares*, nos permite meditar sobre essas ricas vertentes que trazem reflexões sobre os desafios e as possibilidades de desenvolvimento para a região latino-americana, por meio da apresentação de produções de pesquisa que associam o enfoque teórico a uma vertente mais caleidoscópica, envolvendo aspectos humanos, políticos, sociais e culturais.

Registramos nosso profundo agradecimento aos colegas de pesquisa que nos permitiram editar essa coletânea e esperamos que você se junte a nós para ampliar o escopo de pesquisadores sobre a instigante América Latina, que nos brinda com tanta riqueza de investigação e nos incita a seguir adiante, em que pesem os desafios que circundam o trabalho de investigação no âmbito interdisciplinar.

Júlio César Suzuki²

Rita de Cássia Marques Lima de Castro³

Laura Janaína Dias Amato⁴

(organizadores)

² Graduado em Geografia (UFMT), com mestrado e doutorado em Geografia Humana (USP). Professor Doutor junto ao Departamento de Geografia da FFLCH/USP e ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP), onde atua, também, como coordenador. É pesquisador associado da Biblioteca Brasileira Mindlin/USP. E-mail: jcsuzuki@usp.br

³ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero) e em Administração (Centro Universitário SENAC SP), com mestrado em Administração (FGV-EAESP), doutorado em Ciências (PROLAM-USP), pós-doutorado (FEA-USP). Professora (Programa PART) na FEA-USP da Universidade de São Paulo (USP). É pesquisadora no CORS e no NESPI, ambos centros de pesquisa lotados na FEA-USP. E-mails: ritalimadecastro@usp.br; ritalimadecastro@gmail.com

⁴ Graduada em Letras, com mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2005) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2012). Atualmente é professora adjunto IV da Universidade Federal da Integração Latino-Americana e pesquisadora associada do Centro Latino-Americano de Estudos da Cultura. E-mail: laura.amato@unila.edu.br.

LAZOS: CUERPO ORGÁNICO EN LA CULTURA DIGITAL

Tania Marín Pérez⁵

INTRODUCCIÓN

Durante los últimos años hemos visto insertarse cómodamente en nuestras vidas a las llamadas tecnologías digitales. El uso de estas herramientas se ha difundido tanto que se ha dado a conocer el siglo XXI como la 'era digital'. Este acceso se ha insertado en nuestro día a día, abarcando cada vez más espacios y siendo utilizado para los más diversos fines.

Este fenómeno científico-tecnológico, así como sus efectos en nuestras vidas, han desatado una serie de reflexiones y conjeturas sobre el futuro, tomando como posibilidad real el fin de la vida en este planeta como la conocemos actualmente. Con la conexión a internet como eje, nuestro cotidiano ha ido constituyendo poco a poco un tipo de cultura específica; la cultura digital, que vive a través de estos medios experiencias de todo tipo. Nociones como territorio, contacto o distancia se ven desdibujadas, dando lugar a nuevas formas de entender el espacio que habitamos, ocupamos o recorreremos.

En este contexto parece haber espacio para una realidad doble en el ser humano: una material (orgánica, biológica) que se desarrolla en

⁵ Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA. Graduação em Letras - Artes e Mediação Cultural. Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Brasil. Contato: marin.pez@gmail.com

el mundo analógico y físico, y otra virtual que se desarrolla en el espacio digital. Estas dos, lejos de ser independientes una de otra, se vinculan e influyen mutuamente creando nuevas formas de ser y comunicar, trayendo para nuestro cuerpo, material y orgánico, nuevos desafíos y promesas. En las redes sociales la presencia corporal de los involucrados en la comunicación no se da a través del cuerpo material, sino más bien desde la imagen que se proyecta de éste en el perfil del usuario.

El resultado final de este trabajo fue condensado en dos obras: un trabajo monográfico y una investigación artística. El enfoque de la investigación es intrínsecamente interdisciplinario, abarcando áreas diversas y complementarias. En el estudio académico se ha hecho necesario acceder a disciplinas como antropología, psicología, estudios culturales o análisis del discurso entre otros. En la creación artística se ven combinadas técnicas que he trabajado en los últimos diez años que vienen del teatro, trabajo con máscaras, acrobacia en piso y en aire, manipulación de aros, danza y trabajo audiovisual en una presentación performática. Se pretendió colocar en escena contacto entre cuerpos presentes y tecnologías digitales, herramientas que abren todo un nuevo abanico de posibilidades creativas. Las perspectivas teórica y artística se alimentan mutuamente, siendo una y otra dos versiones de la misma problemática, buscando capturar en lenguajes diferentes algunas de las complejidades implicadas en el fenómeno estudiado.

2 CULTURAS DIGITALES - MUNDOS VIRTUALES

El uso de estas tecnologías se ha expandido por nuestro día a día para los más diversos fines: desde objetivos complejos y específicos como buscar pareja, hasta simples y cotidianos como hacer una lista de compras. Estos nuevos elementos han generado en quienes los utilizamos ciertas prácticas específicas, normas de funcionamiento y problemas propios. En la voluntad constante de estar conectados, cuerpos y discursos interactúan por medios en general híbridos combinando lazos digitales con encuentros físicos configurando nuevas formas de vincularnos, comunicarnos, encontrarnos y conocernos entre personas. Los lenguajes se vuelven multimodales al combinarse interacciones presenciales, palabras escritas, mezcla de iconografías (emoticones), mensajes de audio, videos en vivo y fotos instantáneas entre otras acciones, siendo visible una convergencia y coexistencia de los distintos medios en los diferentes usuarios.

Esta *international network*, la red de redes, el internet y su propuesta de poder estar constantemente conectado es eje central para las culturas digitales. Si bien internet es un elemento ampliamente conocido y utilizado, pensar en condensar sus elementos en una definición aparece como una tarea sumamente compleja. La socióloga Christine Hine, afirma que esta dificultad se debe a que el internet se ha extendido de tal forma que se vuelven difusos los límites que demarcan dónde comienza y dónde termina.

A diferencia de muchas tecnologías de vida material, es difícil saber dónde comienza Internet y dónde termina. De hecho, no está tan claro lo que queremos decir concretamente cuando hablamos de "Internet":

si nos referimos a los ordenadores, al protocolo, a los programas de aplicación, a sus contenidos, al nombre de dominios o a las direcciones de correo electrónico. Su producción y su consumo están dispersos entre múltiples lugares, instituciones e individuos. (HINE, 2004, p. 41)

Como explica la autora en este fragmento, internet nos parece un objeto único y objetivo, cuando en realidad la unidad está dada en la dimensión discursiva de la herramienta. Esta unidad se desdibuja al analizar las dimensiones que el INTERNET abarca (física, digital, industrial o económica entre otras) destacando fuertemente la fragmentación en su uso, que es en torno a fines de lo más diversos. Nos comunicamos y vinculamos virtualmente en ámbitos de nuestra vida cotidiana como pueden ser el académico, laboral, personal o amoroso, estableciendo puentes digitales en infinitas direcciones que nos conectan y nos desconectan a los usuarios o a las informaciones disponibles.

Como ejemplo del hibridismo de lenguajes aparece lo que se observa en la Imagen 1. Se trata de una captura de pantalla del videoclip de la canción La Noche no es Para Dormir, de la banda de cumbia pop uruguaya La Mano Arriba. En la imagen se observa a la cantante de la banda usando una remera en la que se lee el nombre de la canción combinando letras y emoticones. Además de esto, en el desarrollo de la letra de la canción se puede observar que el motivador de la historia que se narra remite a otra práctica incorporada por las culturas digitales: la confirmación de mensaje visto. Cuando alguien lee un mensaje y no responde puede ser indicio de que está ofendido por algún motivo. En la canción se escucha

Aclaro que no somos nada / pero si fuera por mi/ hubiésemos sido todo... / hasta ese minuto que te escribí / Un mensaje preguntando si te

pintaba salir conmigo / y la clásica respuesta... / "hoy salgo con mis amigos" / Ah bueno entonces listo, te clavo el visto / y nos vemos... (LA MANO ARRIBA, 2016)

Clavar el visto aparece como una expresión utilizada para definir la acción dar confirmación de lectura a un mensaje que no se va a responder por algún motivo. La idea es que quien envió el mensaje sepa



Imagen 1 - Videoclip de La noche no es para dormir. Banda:

que su mensaje fue leído e ignorado. La ausencia de respuesta aparece también como una forma de respuesta no lingüística y manifestación de no aprobar de alguna

forma el contenido de ese mensaje recibido.

En diferentes ámbitos, estos nuevos fenómenos están siendo objeto de las más variadas interpretaciones, cada uno considerando diversos ángulos, destacando tanto beneficios como peligros de la constante conexión a las redes. No sólo desde perspectivas teóricas, sino también desde investigaciones artísticas se ve cómo el mundo digital ha llegado a ser parte indisoluble de la vida actual de muchos de nosotros. Conexión en casa, en el trabajo, en el gimnasio y en la calle: a toda hora y en todos lados. La propuesta de la vida conectada como la vida del futuro trae consigo una forma de entender al mundo y su gente. La conexión virtual es la propuesta de construcción de nuevos modos de vida y de nuevas relaciones sociales, por lo tanto nuevas forma de conectarnos como seres humanos.

En mis consideraciones el problema no está centrado en la tecnología en sí misma, sino en cómo esta es utilizada, ya que junto a la difusión indiscriminada del acceso a la red falta una reflexión crítica sobre sus efectos en las vidas de los usuarios.

La investigadora en danza brasileña Ivani Santana utiliza lo que llama la Metáfora de Frankenstein para ilustrar las reacciones del humano frente a los descubrimientos de la ciencia, siempre oscilando entre la admiración y el miedo.

As novas tecnologias serão analisadas dentro do domínio da aqui denominada Metáfora de Frankenstein. Por semelhança, o mito do monstro servirá para apresentar as duas faces que conduzem, cada uma a seu modo, a entendimentos imprecisos sobre as novas tecnologias. Por um lado, a da acusação de deteriorar a sociedade e, pelo outro, a da solução para desvendar os mistérios da humanidade. (SANTANA, 2006, p.19-20)

Como explica la autora en este párrafo el desarrollo científico suele generar reacciones diversas en las sociedades que lo rodean, generando tanto argumentaciones a favor como en contra de creaciones de la ciencia, cuyas posibilidades creativas han ido más allá de lo que se podía imaginar hace unos años. Por un lado está presente la idea de que es por medio del desarrollo científico que el ser humano puede sobreponerse a las limitaciones que le están dadas por la naturaleza. Casos extremos en este sentido se pueden encontrar, por ejemplo, en el artista performático Stelarc, quien llega a plantear que el cuerpo biológico ya no cumple con las necesidades del humano actual, debiendo ser trascendido:

El cuerpo no es una estructura muy eficiente ni duradera. Funciona mal a menudo y se fatiga rápidamente; su performance es determinada por su edad. Es susceptible a enfermedades y está condenado a una cierta y temprana muerte. Sus parámetros de supervivencia son muy

limitados - solo puede sobrevivir semanas sin comida, días sin agua y minutos sin oxígeno. La FALTA DE UN DISEÑO MODULAR del cuerpo y su sistema inmunológico hiperactivo hacen difícil el reemplazo de órganos defectuosos. Podría estar a la altura de la locura tecnológica considerar al cuerpo obsoleto en forma y función, incluso debería ser la intención de las realizaciones humanas. Solo cuando el cuerpo tome conciencia de su posición actual podrá mapear sus estrategias post-evolutivas. (STELARC, 2015, página web)⁶

La problemática destacada por Stelarc en este fragmento gira en torno al proceso de deterioro natural que atraviesa el cuerpo biológico humano y que lleva a una muerte segura. La propuesta del performer se basa en que el ser humano puede crear los medios técnicos para superar estas barreras de la naturaleza humana a través del desarrollo tecnológico. Las estrategias post-evolutivas de las que habla refieren a la posibilidad de diseñar modificaciones en la estructura corporal del ser humano que no son producto de la evolución hasta ahora registrada, ampliando las posibilidades de los cuerpos humanos actuales.

Desde una perspectiva diferente hay visiones que destacan del desarrollo científico-tecnológico grandes peligros, considerando posibles consecuencias problemáticas para el futuro. En este sentido destaca fuertemente el trabajo de Harari quien pone de manifiesto algunas de las probables consecuencias de este desarrollo tecnológico para la sociedad como un conjunto. Haciendo alusión al uso de nuestros

⁶ Traducción propia. Original: “The body is neither a very efficient nor very durable structure. It malfunctions often and fatigues quickly; its performance is determined by its age. It is susceptible to disease and is doomed to a certain and early death. Its survival parameters are very slim - it can survive only weeks without food, days without water and minutes without oxygen. The body's LACK OF MODULAR DESIGN and its overactive immunological system make it difficult to replace malfunctioning organs. It might be the height of technological folly to consider the body obsolete in form and function, yet it might be the height of human realisations. For it is only when the body becomes aware of its present position that it can map its post-evolutionary strategies.” (STELARC, 2015, página web)
Fuente: <http://stelarc.org/?catID=20317> Acceso: 20 oct. 2017

datos por las grandes empresas o a que los empleos de una gran parte de la población pueden ser sustituidos por computadoras, Harari presenta una serie de problemáticas que pueden ser enfrentadas en los próximos años

¿Qué pasará con la democracia cuando Google y Facebook lleguen a conocer nuestros gustos y preferencias políticas mejor que nosotros mismos? ¿Qué pasará con el estado de bienestar cuando las computadoras empujen a los humanos fuera del mercado de trabajo y creen una nueva y enorme “clase innecesaria”? ¿Cómo podrá lidiar el Islam con los avances en ingeniería genética? ¿Terminará Silicon Valley por producir nuevas religiones en lugar de solo nuevos gadgets?

A medida que el Homo sapiens se convierta en Homo deus, ¿qué nuevos destinos nos marcaremos como metas? Erigidos como dioses por nosotros mismos, ¿qué proyectos deberemos emprender y cómo protegeremos de nuestros propios poderes destructivos tanto a este frágil planeta como a la humanidad misma? (HARARI, 2017)⁷

Todo detalle de nuestro actuar en línea es medido. En contextos extremos, el hecho de tener acceso a todo lo que los usuarios emiten o reciben vía digital da al poseedor de esos datos un poder enorme, siendo destacable que gracias al sistema de organización que hemos creado los humanos, quien domine estos datos será quien tenga los medios económicos para pagarlos. Tanto la democracia como el derecho a opinar de forma diferente a lo establecido hegemonícamente podrían quedar sometidos a las voluntades de quienes manejan esas informaciones.

Entre esperanzas y miedos se mueve el recibimiento de las tecnologías digitales por parte de la sociedad, convirtiéndolas en un objeto ambiguo y muchas veces contradictorio. A través de ellas accedemos a una dimensión con varios mundos virtuales, vamos a

⁷ Tomado de la página oficial del autor. Disponible en <http://www.ynharari.com/es/book/homo-deus/> Acceso: 1 jun. 2017

buscar información, a comunicarnos con gente conocida o desconocida, a jugar o a buscar empleo entre muchas otras acciones posibles. El internet, eje de estas herramientas, está presente en el día a día de muchas personas desde que se despiertan hasta que se duermen, siendo vehículo y filtro de las informaciones y mensajes que enviamos y recibimos. Un elemento nuevo dentro de este universo virtual es el de las redes sociales, elemento que se analiza a continuación.

2.1 Redes sociales: nuevos lenguajes - nuevos vínculos

En el mundo digital en los últimos años se empezaron a abrir espacios para que, además de recorrer y buscar informaciones que precisemos o nos resulten interesantes, podamos crear versiones de nosotros mismos. Estas redes sociales digitales aparecen como un espacio privilegiado para digitalizarnos a nosotros mismos. Plataformas como Facebook, Twitter o Instagram entre otras permiten al usuario crear una representación virtual de su persona en el espacio virtual y conectar a través de ella con representaciones virtuales de otros usuarios sin la necesidad de coincidir con ellos en las dimensiones espacio-temporales.

Además de esta estructura de las redes sociales, incluyen en su funcionamiento una serie de acciones y prácticas propios del ámbito digital; los *like* y su gama de variantes, los emoticones, las fotos de cumpleaños, las fotos de perfil y portada, son algunos ejemplos. Estas prácticas discursivas conforman nuevos mecanismos de construcciones

de identidad y de los vínculos humanos al incorporar acciones y lenguajes propias de este contexto.

En cuanto a la construcción que el usuario realiza de sí mismo en su perfil, muchas veces en un mismo perfil se evidencia la articulación de identidades del usuario que no se cruzan en la vida material. Las identidades que cada uno tiene con sus amigos, familia, compañeros de trabajo, etc. se cruzan en el mundo digital, generando a veces situaciones que no se ven en la vida fuera de las redes. Renato Galhardi, teórico brasileño analiza de la siguiente forma las informaciones que colocamos en nuestros perfiles:

La presentación expuesta en los perfiles de redes sociales digitales de cualquiera, se concibe dentro de una forma consciente autorreflexiva de las experiencias vividas, así como también de un imaginario del ser. Es decir, Internet permite la capacidad de concebir el Self como un objeto; el yo como objeto; y también como un yo como objeto idealizado. (...) Dentro de una interfaz distinta, el ciberespacio y sus formas de relacionarse, el discurso interno se transforma concibiendo el yo como sujeto de otra forma que, a su vez, transforma el yo como objeto. Es decir, el Self presupone un proceso social y está constituido por dos partes, la interna (sujeto) y la social (objeto). Los sitios de redes sociales digitales en el plano de Internet, permiten que el yo como sujeto, esté en contacto con su yo como objeto desde sí mismo. Es a la vez, la manifestación de su propia narrativa, en paralelo con su yo como sujeto. (GALHARDI, 2010)

Según expone Galhardi en este fragmento el usuario construye su identidad en el perfil reflexionando sobre lo que coloca, intentando ser fiel a una imagen que quiere transmitir de sí mismo. Pero lo curioso es que en el perfil el usuario puede observarse desde afuera y construirse de manera mucho más consciente, además de poder reconstruirse al borrar o editar fotos o comentarios pasados. Entre la diversidad de redes sociales que se utilizan actualmente, para el estudio realizado centré mi atención en Facebook e Instagram porque sus perfiles parecen

constituirse como una presentación de la persona, tanto para personas que se encuentran por el medio virtual como para personas que se conocen en la vida física.

3 CUERPOS DISCURSIVOS

Al fin y al cabo, somos lo que hacemos para cambiar lo que somos. La identidad no es una pieza de museo, quietecita en la vitrina, sino la siempre asombrosa síntesis de las contradicciones nuestras de cada día. En esa fe, fugitiva, creo. Me resulta la única fe digna de confianza, por lo mucho que se parece al bicho humano, jodido pero sagrado, y a la loca aventura de vivir en el mundo. (GALEANO, Eduardo. Celebración de las contradicciones/2, El libro de los Abrazos)

En este texto, del escritor uruguayo Eduardo Galeano, se pone de manifiesto lo inconstante y heterogéneo de las identidades humanas. Lejos de mostrarnos como seres estáticos, destaca que lo que identifica al bicho humano es el cambio, lo constante de lo inconstante, haciendo que el desarrollo de la vida en este mundo sea una aventura. Las identidades de los humanos se construyen y reconstruyen constantemente, teniendo como soporte tradicional al cuerpo material de los individuos, que adquiere funciones y significados diferentes en los distintos lugares y épocas.

Desde la perspectiva que adopto para este trabajo, la concepción que tenemos de nuestros cuerpos y cómo nos vinculamos a través de ellos, son fenómenos que están influidos tanto por el contexto cultural que nos rodea como por nuestra propia identidad. El cuerpo aparece constantemente permeado de significados de lo que somos, lo que queremos ser y lo que queremos mostrar. Construimos en/con nuestros

cuerpos formas de estar en el mundo, constituyéndose desde esta perspectiva cuerpo e identidad como elementos inseparables.

3.1 Cuerpos

Sin el cuerpo, que le proporciona un rostro, el hombre no existiría. Vivir consiste en reducir continuamente el mundo al cuerpo, a través de lo simbólico que este encarna. La existencia del hombre es corporal. (LE BRETON, 2002, p. 7)

Este fragmento el antropólogo francés David Le Breton pertenece al libro *Antropología social del cuerpo*, donde el antropólogo francés defiende la idea de que el cuerpo es el medio a través del cual el individuo interactúa con el mundo. Es en su materialidad corporal que el ser humano habita la existencia en este mundo, siendo ese cuerpo el vehículo por medio del cual se comunica con el contexto natural y social que lo rodea. Los términos en los que se da esa comunicación y las significaciones que el cuerpo adquiere son diferentes en los distintos contextos sociales (incluyendo los contextos digitales y tecnológicos), como recuerda el mismo autor: “cada sociedad esboza, en el interior de su visión de mundo, un saber particular sobre el cuerpo: sus constituyentes, sus usos, sus correspondencias, etcétera. Le otorga sentido y valor” (LE BRETON, 2002, p. 8). El cuerpo (en) que vivimos está cargado de símbolos y valores determinados en cada cultura, implicando entre otras cosas qué roles debe cumplir, cómo está conformado, cómo se lo adorna, etc. Es un elemento que va mucho más allá de la estructura fisiológica que lo contiene, haciendo que sus límites se desdibujen. ¿Qué es este cuerpo? ¿Cómo podría ser definido?

Esta respuesta puede parecer obvia pero no lo es. Le Breton reconoce en el volumen *La Sociología del Cuerpo* que la tarea de definirlo es altamente compleja. Según él, el “significante ‘cuerpo’ es una ficción, pero una ficción operante culturalmente, (...) el cuerpo no existe en el estado natural, siempre está inserto en la trama del sentido” (LE BRETON, 2002, p. 33).

El cuerpo, entonces, es un elemento construido simbólicamente, y desde este punto de vista puede ser analizado como una construcción discursiva. Desde esta perspectiva el cuerpo humano aparece como indisociable de la red de interpretaciones que lo rodean en los distintos lugares y momentos, haciéndose visible y analizable dentro del campo de los estudios del discurso. No será entendido como un elemento determinado y objetivo, sino en función de un entramado de significados heterogéneo y cambiante. Estos significados, vistos como obvios por aquellas personas que están insertas en esa visión de mundo, se evidencian como relativos al encontrarse con visiones divergentes.

El cuerpo aparece de esta forma como una realidad construida en el seno de las culturas, pudiendo ser analizada en los términos expuestos por el lingüista Norman Fairclough. El discurso para este autor incluye tanto las cuestiones gramaticales formales del lenguaje, como las condiciones del uso y circulación de este, considerándolo una práctica social compleja y multifacética. Fairclough propone una metodología de análisis basada en un marco de trabajo tridimensional, con el objetivo de representar las diversas caras que componen el fenómeno discursivo. La propuesta metodológica consiste en ver al

(los) discurso(s) desde tres perspectivas complementarias entre sí: como texto, como práctica discursiva y como práctica social (FAIRCLOUGH, 1992, p. 62-94).

De forma complementaria toman relevancia las reflexiones de Mikhail Bakhtin en *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1981) donde se plantea que toda expresión o enunciación de un individuo será determinada por las condiciones de enunciación. El discurso de un individuo (en sus distintas formas) no puede ser tomado como un elemento aislado y delimitado, sino como un producto de la interacción. Surge en el desarrollo vivo de la comunicación humana. En palabras del autor,

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (...): variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor (...) é claro que vemos 'a cidade e o mundo' através do prisma do meio social concreto que nos engloba. (BAKHTIN, 1981, p. 83)

Como plantea Bakhtin, las enunciaciones emitidas por cualquier individuo no pueden ser consideradas en sí mismas, sino que se hace necesario ver cómo estas se organizan con respecto al entramado del que forman parte. La enunciación de un locutor es siempre vínculo, y siempre se dirige a un interlocutor, aunque este no sea una persona físicamente presente o única. El enmarque histórico, geográfico, social o político, así como el vínculo existente entre ellos son fundamentales a la hora de interpretar la enunciación.

La práctica discursiva es interacción, los términos de esa interacción son históricamente construidos y es el cuerpo el medio a

través del cual el individuo se vincula y comunica con el mundo que lo rodea. Este aparece como el vehículo a través del cual el individuo se presenta al mundo e interactúa con él.

Yuval Noah Harari, teórico israelí, trae la propuesta de que el Homo Sapiens (ser humano actual, aunque no fue el único) no se impuso sobre los otros miembros de la familia Homo por medios como la fuerza o el tamaño del cerebro. La propuesta dice que fue por medio del lenguaje: “La respuesta más probable es lo mismo que hace posible el debate: Homo sapiens conquistó el mundo gracias, por encima de todo, a su lenguaje único” (HARARI, 2014, p. 32). Fue en un período que va desde 70.000 a 30.000 años atrás que una nueva forma de pensar y comunicarse se va desarrollando, produciendo varios nuevos elementos inexistentes anteriormente como arcos, flechas, agujas, barcas y lámparas de aceite (HARARI, 2014, p. 34). Estos cambios son llamados de Revolución Cognitiva y el autor los relaciona a ciertas características propias del lenguaje humano, a diferencia de otros lenguajes animales.

la característica realmente única de nuestro lenguaje no es la capacidad de transmitir información sobre los hombres y los leones. Más bien es la capacidad de transmitir información acerca de cosas que no existen en absoluto. Hasta donde sabemos, solo los sapiens pueden hablar acerca de tipos enteros de entidades que nunca han visto, ni tocado ni oído. Leyendas, mitos, dioses y religiones aparecieron por primera vez con la revolución cognitiva (HARARI, 2014, p. 36)

Según Harari, más allá de que hay varias especies que han desarrollado un lenguaje para hablar sobre las cosas que perciben a su alrededor, la transmisión de información en otras especies se reduce a cosas tangibles como la presencia de depredadores, o la ubicación de

comida. El desarrollo del lenguaje de los homo sapiens de aquella época adquiere como característica determinante el poder hablar de cosas que no se pueden percibir mediante los sentidos ni tienen carácter práctico inmediato.

El lenguaje se descubre como un tipo de práctica, eje del suceder humano en el mundo. Es por medio del lenguaje que nos movemos en el mundo humano, siendo el universo discursivo (¿multiverso?) siempre situado en cierto contexto que le da sentido. El lenguaje, organizado en discursos, aparece como elemento central al intentar entender prácticas humanas de los más diversos ámbitos. En este sentido, para los objetivos de este trabajo, la construcción discursiva del cuerpo y de la identidad pasan a ser centrales, sobre todo cuando se los lleva al nivel virtual propiciado por las nuevas tecnologías.

Para este trabajo, el cuerpo es considerado como un elemento que no puede ser independizado de la red de significados que lo rodea ni de la subjetividad que encarna. Como menciona la investigadora en danza brasileña Ivani Santana, cuerpo y mente/alma no son más que dos partes de una misma unidad que, lejos de ser estable, se modifica desde el momento en que la persona es concebida hasta que muere (SANTANA, 2006, p. 26). De esta forma no puede ser separado el cuerpo ni del contexto en el que se mueve, ni de la persona a la que encarna. Cuerpo y alma son dos partes de un mismo ser complejo, que se influyen mutuamente y dependen uno del otro. El cuerpo, elemento que nos parece evidente, es construido discursivamente en las diferentes culturas y lejos de ser obvio se va constituyendo como un

entramado discursivo perteneciente a un contexto dado e inseparable de él.

3.2 Identidades

La identidad, por lo tanto, es la capacidad de considerarse a uno mismo como objeto y en ese proceso ir construyendo una narrativa sobre sí mismo. Pero esta capacidad sólo se adquiere en un proceso de relaciones sociales mediadas por los símbolos. La identidad es un proyecto simbólico que el individuo va construyendo. Los materiales simbólicos con los cuales se construye ese proyecto son adquiridos en la interacción con otros. (LARRAÍN, 2003, p. 32)

Según este fragmento de Jorge Larraín, sociólogo chileno, la identidad aparece como un proceso fuertemente reflexivo donde el individuo se piensa y se narra según interacciones que va teniendo con el medio que lo rodea y los individuos que encuentra en él. Destaca al ver la identidad como proceso que, lejos de ser un elemento estático es un factor cambiante, que va de la mano con lo que sucede al sujeto en su vida, y se va construyendo como efecto de la interacción con otros sujetos que lo rodean.

El yo se constituye como una ficción que construimos a través de mecanismos que combinan recuerdos y olvidos, con relación a deseos y proyecciones. Es una construcción constante que lleva a procesar lo que se vive y organizarlo como parte de la persona. En este sentido cabe destacar las reflexiones de Zygmunt Bauman, que vincula el imperativo de construir una identidad al uso de las redes sociales, espacios que conforman el segundo eje de este trabajo ¿Son las redes sociales parte integrante de nuestra identidad?

La cuestión de la identidad ha sido transformada de algo que viene dado a una tarea: tú tienes que crear tu propia comunidad. Pero no se crea

una comunidad, la tienes o no; lo que las redes sociales pueden crear es un sustituto. La diferencia entre la comunidad y la red es que tú perteneces a la comunidad pero la red te pertenece a ti. Puedes añadir amigos y puedes borrarlos, controlas a la gente con la que te relacionas. La gente se siente un poco mejor porque la soledad es la gran amenaza en estos tiempos de individualización. Pero en las redes es tan fácil añadir amigos o borrarlos que no necesitas habilidades sociales. Estas las desarrollas cuando estás en la calle, o vas a tu centro de trabajo, y te encuentras con gente con la que tienes que tener una interacción razonable. Ahí tienes que enfrentarte a las dificultades, involucrarte en un diálogo. (BAUMAN, 2016)

El autor polaco destaca la simplicidad de acción que implica desenvolverse en los medios virtuales. Desde la perspectiva de este trabajo, lejos de haberse simplificado estos procesos, son formas nuevas de vincularnos entre los seres humanos, que no son más simples, son sumamente complejas y diferentes a las conocidas.

3.3 Cuerpos e identidades en estas culturas

cada vez más la vida se estructura a partir de bases virtuales. Tanto cuerpo como espíritu conviven en un proceso de redefinición en estos mundos: la virtualidad no ha terminado aún de inventar una nueva forma de presencia real. (MARTÍNEZ, 2010, p. 233)

Como expresa José Alberto Sánchez Martínez, sociólogo enfocado al estudio de reciente inclusión de las tecnologías digitales a la vida diaria, lo reciente de estas tecnologías genera una sensación de inestabilidad constante, ya que los usuarios están aprendiendo a vivir con (en) ellas. Constantemente todo puede esperarse respecto a las redes y de nuestras acciones en y a través de ellas, destacando el hecho de que lo que sucede en internet no parece estar arraigado a un espacio físico. El teórico argentino Néstor García Canclini habla de una transterritorialidad de los espacios digitales. Citado por la periodista uruguaya Leticia Castro (periódico La Diaria), en una visita a

Montevideo en 2017, habló sobre cambios en lo que es acceso a diferentes bienes:

planteó que en la década de 1990 “el acceso era uso del territorio físico: ir a librerías, cines, teatros o disquerías. Hoy hay otras vías que expanden los accesos a los espectáculos y a la información, la circulación digital es transterritorial; no se habla de comunicación desterritorializada, sino que trasciende las fronteras nacionales sin eliminarlas” (CANCLINI apud. CASTRO, 2017)

Este fragmento refleja la noción de que la información digital atraviesa sin romper fronteras existentes en el mundo físico, y con esa fluidez de intercambio, los vínculos y la comunicación entre personas se ven modificadas. Las identidades de los individuos, que se construyen directamente afectadas por los vínculos que sostienen, obtienen así nuevos espacios de acción y nuevas prácticas, sin desestructurar las distancias físicas, atravesándolas constantemente.

¿Qué ciudadanía puede expresar este nuevo tipo de identidad? (...) Pierden fuerza, entonces, los referentes jurídico-políticos de la nación, formados en la época en que la identidad se vinculaba exclusivamente con territorios propios. Se desvanecen las identidades concebidas como expresión de un ser colectivo, una idiosincrasia y una comunidad imaginadas, de una vez para siempre, a partir de la tierra y la sangre. La cultura nacional no se extingue, pero se convierte en una fórmula para designar la continuidad de una memoria histórica inestable, que se va reconstruyendo en interacción con referentes culturales transnacionales (CANCLINI, 1995, p. 30-31)

Las identidades virtuales se construyen tejiendo las interacciones entre lo que el usuario publica y las reacciones que recibe, junto a sus propias reacciones sobre publicaciones ajenas, así como el chat, el estar online o no, o cualquier forma de acción posibilitada por la plataforma. Se construyen de manera performática, en una transformación constante, un perfil nunca está terminado, y se va construyendo con el día a día.

4 ESTUDIOS DE CAMPO

En torno a este contexto fue llevado a cabo un estudio de campo centrado en reflexionar junto a un grupo de usuarios de redes sociales, de qué formas extienden y articulan sus identidades y acciones del espacio físico a dimensiones virtuales e inmateriales como son Facebook o Instagram. A lo largo de los encuentros fueron analizadas prácticas que los miembros del grupo están tomando o ven en otros usuarios en los vínculos por vías digitales, buscando tener nociones de cómo las identidades virtual y material se conectan e influyen mutuamente.

Los estudios de caso aparecieron como el medio adecuado para acercarme al objeto que pretendo abarcar. Como recuerda Josaida Gondar (2016), no necesariamente el estudio de la sociedad debe darse a partir de macroestructuras. De hecho, según algunos sociólogos, como por ejemplo Gabriel Tarde, consideran que las representaciones colectivas son producto de prácticas puntuales y particulares que se repiten y se extienden; “são criações que se propagam e, ainda que se tornem constantemente repetidos, iniciam-se com uma experiência marcada pela novidade e pelo inesperado” (TARDE *apud* GONDAR, 2016, p. 40). De esta forma, el estudio de los casos particulares toma relevancia, ya que es donde se pondrán en evidencia las acciones que se están dando en torno a las nuevas tecnologías, a la vez que constituyen nuevas prácticas culturales.

La propuesta metodológica fue organizada según métodos combinados de análisis del discurso (Fairclough 1992, Bakhtin, 1981), entrevistas y espacios de reflexión con los involucrados en combinación con ejercicios de expresión corporal, entrenamiento y trabajo escénico. Si bien el desarrollo de la investigación vio estas acciones interconectadas entre ellas, a modo de organización textual decidí dividir las en dos áreas. Lo que aquí llamo investigación de campo refiere al trabajo realizado con métodos propios de las ciencias humanas como la entrevista, el análisis discursivo o el grupo de discusión. En el próximo apartado se describe la investigación artística que utilizó métodos de la danza, del teatro, del circo y del audiovisual para crear otra forma de analizar el fenómeno. Esta diferenciación se vivió durante el proceso de forma mucho más integrada, ya que las conversaciones y entrevistas influyeron en las diversas instancias de la investigación artística y viceversa.

Una de las principales herramientas utilizadas fue la reflexión conjunta en reuniones con los miembros del grupo de investigación. Estas instancias consistieron en entrevistas semi estructuradas centradas en analizar los usos que dan los diferentes miembros del equipo a las redes que utilizan. Las preguntas giraron en torno a generar una reflexión de los usuarios sobre sus propias experiencias online, sus usos de las redes, sus decisiones a la hora de publicar, buscando analizar prácticas que realizamos día a día a través de los dispositivos digitales.

Las publicaciones e informaciones que cada usuario estudiado coloca en su perfil no son al azar, sino que tienen razones para estar ahí presentes. Cada usuario hace uso de distintos motivos generando un perfil fuertemente conectado con lo que quiere ver o mostrar de sí mismo. Complementando las publicaciones que cada usuario realiza, al otro lado de la pantalla se construye una red de reacciones o indiferencias por parte de los otros usuarios conectados, constituyendo una trama discursiva en línea. De esta forma, la actividad que un usuario tiene o no en una red está determinada también por la trama de conexiones y reacciones que esa red le abre.

A través de las actuaciones en línea de las diferentes usuarias entrevistadas y la reflexión conjunta sobre las mismas, se percibe que el uso de las herramientas digitales puede tener diferentes motivaciones. De los 4 casos analizados 2 buscan mantener el vínculo con personas ya conocidas con las cuales comparten lo que viven. Las otras 2 usuarias manifiestan dar prioridad a la difusión de actividades artísticas que realizan. De uno u otro lado, los límites de estas acciones son difusos y muchas veces varían según estados de ánimo, o situaciones personales dejando traslucir informaciones involuntarias.

Las prácticas discursivas están contenidas en un entramado histórico-social ideológico y hegemónico (Bakhtin, 1981), y las prácticas digitales no son excepción en este sentido. Las redes aparecen como la posibilidad de ser visible frente a públicos amplios a los que no se accede por otros medios. Los usuarios cuentan con una audiencia

que interactúa (o no) con sus publicaciones, y que esa interacción puede ser incentivada de diversas formas.

A lo largo de las entrevistas fueron discutidas situaciones generadas en el uso de las redes sociales, y cada integrante del grupo tuvo experiencias complementarias para aportar a las reflexiones. Las edades estaban comprendidas entre los 16 y los 31 años, diferencia que se hace notar, al haberse expandido las tecnologías digitales en los últimos tiempos. La integrante de 16 años nació en un contexto tecnológico sumamente diferente al del integrante de 31, que vio a estas tecnologías difundirse en el mundo que lo rodeaba. El acercamiento al contexto digital del estudio de campo abrió la posibilidad de ver cómo se están desarrollando en la realidad diferentes prácticas propiciadas por tecnologías digitales.

5 ESTUDIO ARTÍSTICO

No ato da criação repensamos o mundo. Criamos quando organizamos uma forma sensível de apresentar uma nova configuração daquilo que já conhecemos. Durante o processo criativo, é a partir de nossa percepção que transportamos o que apreendemos do concreto, do vivido e do imaginado para uma obra artística. Muito estudo, experimentação e reflexão são necessários para colocar em forma de arte sentimentos, sensações, idéias, conceitos, etc. A pesquisa artística combina e recombina vários saberes para poder transgredir os códigos das linguagens e criar poéticas em uma forma artística (LARA, 2010, p. 35)

Como dice Luciana Lara, coreógrafa y directora de la compañía de danza brasileña Anti Status Quo a partir de la creación artística podemos repensar el mundo. Colocar en formato artístico reflexiones sobre el mundo que nos rodea implica profundizar en el tema desde

varios ángulos, proponiendo formas nuevas de entender al fenómeno. En el caso de este trabajo, como producto final fue construida una narrativa que intentó representar desde una perspectiva escénica situaciones encontradas en el estudio de campo y discutidas con el grupo de trabajo. El resultado artístico trae una nueva visión sobre cómo estamos vinculados por medios digitales, transmitiendo al espectador nociones sobre su propio vínculo con las redes, buscando potenciar un uso responsable y consciente de las mismas.

La investigación desembocó en la producción de una presentación escénica, que fue construida haciendo uso de técnicas corporales (del circo, la danza y el teatro), y digitales (videos, programas de interacción, etc.). Las diferentes técnicas se combinaron con las experiencias corporales y artísticas de las distintas participantes, constituyendo una pieza narrativa que trabaja situaciones y reflexiones surgidas durante el proceso investigativo. De la misma forma que en nuestros cotidianos, en el escenario se combinan cuerpos presentes con imágenes y vínculos digitales, estando forma y contenido fuertemente ligados.

Una respuesta satisfactoria al problema de dónde se encuentra el arte en la investigación artística hay que buscarla en la diferencia entre una presentación o display informativo y un auténtico dispositivo para la reflexión. Los científicos sociales producen teoría, información y conocimiento fáctico. Los artistas no producen principalmente conocimiento fáctico, sino que crean dispositivos para la generación de conocimientos. (VILAR, 2017)

Como plantea Gerard Vilar, teórico del arte radicado en Barcelona, las investigaciones científicas y artísticas tienen formas, caminos y resultados de naturalezas diferentes. Mientras desde el

estudio científico se pretende generar y dar información a los lectores sobre fenómenos del mundo, desde el estudio artístico se pretende generar instancias y mecanismos de reflexión sobre las prácticas que realizamos. En este caso entra en juego lo que podría ser o lo que podría haber sido. El producto artístico, si bien pretende establecer un vínculo con el espectador, no pretende emitir verdades sino organizar estéticamente situaciones que pueden ser cotidianas.

En cuanto a la investigación estética, ya desde hace algún tiempo vengo trabajando en la interacción de cuerpos presentes con imágenes digitales, pero nunca con el enfoque dirigido a analizar esa interacción propiamente dicha. Durante 2017 se realizaron varias instancias de investigación, en un espacio cultural en Ciudad de la Costa, Uruguay. El objetivo de estos encuentros fue enfocado a jugar y a investigar con nuestros cuerpos, haciendo uso de elementos como proyecciones, máscaras, espejos, telas y alas entre otros.

En cuanto al trabajo corporal, se dio a través de ejercicios corporales enfocados a generar los efectos estéticos buscados en las diferentes escenas. Los guiones fueron escritos por mí, aunque siempre hubo apertura a cambios y adaptaciones propuestas por el equipo.

La dramaturgia que se fue desarrollando a lo largo de los ensayos utilizó como material creativo las experiencias corporales de cada una de las integrantes. Desde un primer momento se pretendió trabajar con proyecciones, de forma de combinar imágenes digitales con cuerpos presentes. De esta forma la problemática estudiada configura la estructura misma que sostiene la obra. Las imágenes son proyectadas

sobre fondo negro, ya que se pretende que acompañen la escena, pero no la protagonicen. Completan el mensaje que se quiere transmitir, a veces acompañando, a veces en contraposición a lo que sucede con los cuerpos presentes en escena.

De forma complementaria se optó por el uso de máscaras neutras en gran parte del espectáculo con vistas a varios objetivos. Si bien trabajar en elementos aéreos y manipular objetos de máscara presenta una dificultad extra por la limitación visual y respiratoria, el hecho de que no se vean las caras y que se mantenga una expresión fija, pálida y vacía completa el mensaje que se pretendió transmitir y que atravesó gran parte de las discusiones: la posibilidad de esconder y de fingir. Esta actitud no es exclusiva de las redes, sino que aparece en identidades que nos construimos a lo largo de nuestras vidas. Lo que surge en las redes sociales son nuevas formas de reacción a esas actitudes. Momentos con o sin máscara buscan generar situaciones contrapuestas que articulen el decorrer narrativo de las escenas. Si bien aparentemente cada uno decide qué quiere mostrar y qué no, muchas veces nuestras acciones no reflejan esa racionalidad pretendida.

La creación de cada escena partió de situaciones particulares que se quisieron explorar, y a partir de las cuales se articularon diferentes números de disciplinas corporales, buscando representarlas escénicamente. Las disciplinas utilizadas van desde destrezas corporales como acrobacia de piso y aire, danza, burbujas y hula hula hasta edición audiovisual. Si bien el trabajo audiovisual acompaña el total del espectáculo, las disciplinas corporales se distribuyen por las

escenas protagonizando diferentes situaciones. De esta forma el hula hula aparece como un espejo, las burbujas como la percepción de lo efímero, la danza como la expresión de libertad, la tela de acrobacia como un viaje, la cuerda como un espacio de escape. Las destrezas en este caso trascienden la habilidad en sí misma y se constituyen como dispositivos narrativos. Cuerpos e imágenes se combinan en escena buscando reflexionar sobre el fenómeno tecnológico, factor que afecta de formas nuevas y desconocidas nuestro suceder en el mundo actual, tanto a nivel individual como social, haciendo inminente una reflexión al respecto.

ALGUNAS REFLEXIONES

Más que soluciones y respuestas, el trabajo realizado abrió un abanico de posibilidades y preguntas. ¿Será que es posible un futuro próximo de la humanidad sin esa dimensión virtual que conocemos hace tan poco tiempo pero que hemos incorporado hasta para las acciones más simples? Desde la situación actual parece impensable. Si bien hay diferentes formas de hacer uso de las tecnologías digitales, constituyen una red interplanetaria de conexiones por la que atraviesan diversos vínculos interpersonales a un nivel micro, pero también políticos, económicos o sociales en nivel macro de la comunicación. Noticias sobre sucesos lejanos o cercanos, conexiones internacionales de movimientos sociales, viralización de noticias o videos, se combinan con hackeos, espionaje o venta de datos haciendo del internet un

fenómeno altamente complejo y con elementos contradictorios, pero fuertemente inserto en las culturas digitales.

Las redes sociales por su parte parecen ser una forma de vincularnos que llegó para quedarse. La construcción de identidades en línea, de la misma forma que las identidades en la dimensión física se dan como resultado de un proceso constante de presencia en las redes. Así como en otros contextos de la vida humana (que pueden ser espacios físicos) cada usuario construye una visión de lo que quiere transmitir de sí mismo a los otros, y reconstruye esa visión a partir de las respuestas que recibe. De esta forma se configura una interacción constante entre el usuario, su perfil y su contexto.

Lo constante de las acciones en línea a través de la gama de posibilidad de publicaciones terminan dando una noción de fluidez que recuerda a la modernidad líquida de Bauman. La versatilidad de las redes y sus cambios constantes también dificultan un análisis exhaustivo ya que lo que se estudia hoy puede ser diferente mañana. La presencia de los cuerpos en las redes sociales, por su parte se ve desdibujada. La construcción de las identidades en línea se realiza a través de elementos diversos. El cuerpo es mostrado al tiempo que escondido y sumado a elementos simbólicos que aportan a la creación de una identidad performática en línea conectada con la materialidad del usuario que la publica. La vida en línea y en el mundo físico se desarrollan conjuntamente alimentándose una a la otra, haciendo que no sea posible separarlas. Las tecnologías digitales parecen haber sido incorporadas a las formas de ser y estar en el mundo propiciando el

surgimiento de nuevos sistemas simbólicos para vincularnos. Estas formas de construir identidades, si bien tienen características propias en las culturas digitales, también se pueden encontrar en prácticas pre digitales. Lo que un individuo muestra de sí al mundo es un complejo simbólico que articula lo que el individuo quiere mostrar en cierto contexto con lo que puede mostrar, actuando de formas diferenciadas según situaciones y momentos. A su vez, la narración de una persona sobre su sí mismo (tanto en el perfil digital como en el mundo físico) se construye en base a recuerdos y olvidos, así como se modifica a lo largo del tiempo en estrecha vinculación con la realidad material que vive. En este sentido la identidad en línea y la material son creadas de formas cercanas, apareciendo la identidad digital como una más de las identidades del sujeto. La investigación artística por su parte abrió nuevas perspectivas al problema. Trabajar corporalmente con el equipo y paralelamente llevar a cabo entrevistas sobre lo que se trabajaba en los encuentros corporales alimentó ambas investigaciones. De esta forma más que dos investigaciones diferentes, la de campo y la artística, fueron una sola, aportando una y otra perspectivas diferentes de la problemática pero sumamente complementarias. Una y otra aportan luces sobre una situación que nos afecta día a día en distintos niveles de nuestra vida, haciendo necesaria la discusión al respecto.

REFERENCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Editora HUCITEC, São Paulo, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. “Las redes sociales son una trampa”. Entrevista por Ricardo de Querol. El País, 9 de enero de 2016. Disponible en http://cultura.elpais.com/cultura/2015/12/30/babelia/1451504427_675885.html Acceso 23 ene. 2017

CASTRO, Leticia. García Canclini expuso sobre autonomía individual, ciudadanía y redes sociales. *Periódico La Diaria*, Montevideo, 10 de mayo, 2017. Disponible en <https://ladiaria.com.uy/articulo/2017/5/garcia-canclini-expuso-sobre-autonomia-individual-ciudadania-y-redes-sociales/> Acceso 13 may. 2017

CANCLINI, Néstor García. Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización. Grijalbo, Miguel Hidalgo, México, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. Discourse and social change. Polity Press. 1992.

FUENMAYOR, Víctor; HERNÁNDEZ, Alexander. El cuerpo como objeto mítico: hacia una reconstrucción de las técnicas corporales. *Quórum Académico*, v8, n1, p. 39-59, Maracaibo, 2011. Disponible en <http://www.redalyc.org/pdf/1990/199018964003.pdf> Acceso 27 oct. 2015.

GALEANO, Eduardo. El libro de los abrazos. Siglo XXI. México. 2003.

GALHARDI, Renato de Almeida Arao. El laberinto teatral de espejos digitales: La presentación de mexicano-americanos en Facebook. Tesis para obtener el título de Maestro en Ciencias Sociales. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales sede México (FLACSO), 2010. Disponible en <http://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/2756#.WHTupFUrLIU> Acceso 10 ene 2017

GONDAR, Josaida de Oliveira. Cinco proposições sobre memória social. *Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social*, v. 9, n° 15, Rio de Janeiro, 2016. Disponible en [http://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Mem%C3%B3ria%](http://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Mem%C3%B3ria%20social.pdf)

20Social%20e%20Bens%20Culturais/Sele%C3%A7%C3%A3o%202017-1/Gondar_Cinco_proposic%C3%A7%C3%83es.pdf Acesso: 2 jun. 2017

HARARI, Yuval Noah. De animales a dioses: una breve historia de la humanidad. 3ed. Debate, Barcelona, 2014.

HINE, Christine. Etnografía virtual. UOC, Barcelona, 2004.

LARA, Luciana. Arqueología de um processo criativo: Um livro coreográfico. Anti Status Quo Companhia de dança, Brasília, 2010.

LARRAÍN, Jorge. El concepto de identidad. *FAMECOS*, n. 21, Porto Alegre, 2003. Disponible en <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3211/2476> Acesso: 21 jun. 2016

LE BRETON, David. Antropología social del cuerpo. 1Reimp. Nueva Visión, Buenos Aires, 2002.

LE BRETON, David. La sociología del cuerpo. Nueva Visión, Buenos Aires, 2002.

MARTÍNEZ, José Alberto Sánchez. Cuerpo y tecnología, La virtualidad como espacio de acción contemporánea. *Nueva Época*, n. 62, pp. 227-244, Distrito Federal México, 2010. Disponible en <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59515960010> Acesso 23 oct. 2015.

SANTANA, Ivani. A dança na cultura digital. EDUFBA/FAPESB. Salvador – Bahia. 2006.

STELARC. Obsolete bodies. Página web del artista. Disponible en <http://stelarc.org/?catID=20317> Acesso 27 oct. 2015

VILAR, Gerard. ¿Dónde está el ‘arte’ en la investigación artística?. *ANIAV - Revista de Investigación en Artes Visuales*, [S.l.], n. 1, p. 1-8, jul. 2017. ISSN 2530-9986. Disponible en: <https://polipapers.upv.es/index.php/aniav/article/view/7817>. Fecha de acceso: 28 feb. 2018.

RETÓRICA E MÍDIA NO DISCURSO DA UNILA: UMA UNIVERSIDADE COM VÁRIOS POVOS, DIFERENTES CULTURAS E UM DESAFIO *

Cláudia Maria Serino Lacerda Muniz ⁸

Ivo José Dittrich ⁹

Denise Rosana da Silva Moraes ¹⁰

INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta uma síntese da dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná na cidade de Foz do Iguaçu no Estado do Paraná. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar na qual o objeto de pesquisa é a retórica e a mídia no discurso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) situada em Foz do Iguaçu.

* Este Artigo constitui uma síntese enriquecida da Dissertação intitulada “O papel da retórica no discurso que busca legitimação institucional: a UNILA em foco”, defendida junto ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu-PR, em 23 de março de 2017.

⁸ Mestra em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Foz do Iguaçu, PR, Brasil. Secretária Executiva da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: claudialacerda84@gmail.com.

⁹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, PR, Brasil. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil, PR, Brasil. E-mail: ivo.dittrich@unioeste.br.

¹⁰ Doutora em Educação, coordenadora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras e professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus Foz do Iguaçu. Líder do Grupo de Pesquisa: Políticas de ação educativa, avaliação, mídias e formação de professores – PAMFOR, cadastrado no CNPq. E-mail: denise.moraes@unioeste.br.

Comprometida com o desenvolvimento das sociedades latino-americanas, a UNILA tem suas raízes na Reforma de Córdoba¹¹. Impulsionada pelo movimento estudantil, da Argentina, em 1918, o ato aconteceu quando o país passava por significativas transformações e a juventude da classe média, recém-formada, começava a ganhar espaço no ensino superior.

As estruturas da educação, contudo, divergiam das mudanças da época. A Universidade de Córdoba era conduzida pela oligarquia rural católica e o movimento “reformista” exigia a reestruturação do sistema universitário, elitista e conservador.

Bem sucedida, a Reforma rompeu com as amarras do passado oligárquico e cumpriu seu destino: transformou o ensino superior público, da Argentina, e ultrapassou as fronteiras nacionais, criando a base para a consolidação da universidade latino-americana – com autonomia política, liberdade de cátedra, administração tripartite (docentes, estudantes e técnicos), regime de concursos, ensino superior gratuito, livre frequência às aulas, extensão social universitária e compromisso com a defesa da democracia, como lembra Hélgio Trindade (2013).

O legado de 1918 permanece vigente no contexto das universidades do século XXI, dentro do qual a UNILA se insere. Permanece a luta pela autonomia universitária que segue limitada e ameaçada pela nova oligarquia – agora financeira e não mais agrária –

¹¹ Fonte: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=9220>>. Acesso em 11 nov. 2018.

que ganhou força, sobretudo, após o impacto da agressiva década neoliberal de 1980, liderada por Inglaterra e Estados Unidos.

Com todo esse movimento pela privatização e mercantilização do ensino público, de emergência das tecnologias de informação e da cultura de massa, que concorrem com a universidade na formação dos indivíduos, e diante da desigualdade na produção e apropriação do conhecimento, entre os países do Norte e do Sul, a UNILA se propõe a ser aquilo que Pablo González Casanova (2011) chamou de “a Universidade necessária para o século XXI”: aquela capaz de combinar rigor científico e educação democrática, visando construir um mundo no qual o Estado e os mercados sejam controlados pela sociedade civil, em favor do ser humano.

Inicialmente, a UNILA foi idealizada como uma Universidade do Mercado Comum do Sul (Mercosul). Contudo, a proposta não foi outorgada por todos os países membros do bloco, em razão das dificuldades operacionais e legais (PDI/UNILA, 2013-2017). Diante da pertinência do projeto, o Brasil buscou alternativas para a implementação desse modelo de instituição, por meio do Ministério da Educação, propondo a criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), cujas ações estariam concentradas na cooperação interuniversitária, em nível de pós-graduação. A proposta foi aceita, por unanimidade, pelos Ministros de Educação dos países integrantes do Mercosul, em reunião realizada em Assunção, Paraguai, no dia 1º de junho de 2007.

Posteriormente, o governo brasileiro considerou ampliar o escopo da proposta, sugerindo ao Congresso Nacional a criação de uma universidade brasileira, de caráter internacional: a UNILA. A proposta foi sancionada e a cidade de Foz do Iguaçu, estrategicamente, eleita para abrigá-la, devido à confluência com a Argentina e o Paraguai.

Assim, nasce a UNILA, em 12 de janeiro de 2010, por meio da Lei nº 12.189, com a missão de aproximar fronteiras e promover a integração latino-americana¹² – por meio do conhecimento científico, tecnológico e cultural –, ainda que pertencendo ao sistema brasileiro de universidades federais.

Desde então, a UNILA vem enfrentando desafios para legitimar o discurso de integração, no contexto da América Latina, por meio de ações, como: divulgação da proposta junto a organismos nacional e internacional, estabelecimento de vínculos interuniversitários com foco na América Latina, realização de intercâmbios acadêmicos, sensibilização de suas diversas audiências¹³.

¹² "A expressão *integração latino-americana* não se restringe à concepção de uma América Latina como um continente nascido da colonização ibérica. A América Latina compreende todos os países do continente americano que tem o espanhol, o português, o francês ou outros idiomas derivados do latim como língua oficial. Compreende quase a totalidade da América do Sul, exceto a Guiana e o Suriname que são países de origem inglesa e holandesa, e engloba todos os países da América Central e alguns países do Caribe, como Cuba, Haiti e República Dominicana. Da América do Norte, apenas o México é considerado como parte da América Latina. Contempla, portanto, vinte e um países: Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela" (IMEA, 2009, p. 9).

¹³ Neste artigo, vários termos são utilizados como sinônimo de "audiência" (a não ser quando explicitado distintamente): público, interlocutor, destinatário, auditório, audiência, internauta, cidadão.

No campo jurídico, esta legitimação já existe, pois a UNILA foi, legalmente, outorgada pelo governo federal, como instituição de perfil internacional e integracionista, e conta, em 2018, com 432 projetos de pesquisa em execução, 210 ações de extensão em andamento¹⁴ e 4.869 estudantes, de 32 nacionalidades¹⁵, matriculados nos 29 cursos de graduação e nos 12 programas de pós-graduação (8 mestrados e 4 especializações)¹⁶. Para tanto, dispõe de um quadro de servidores formado por 362 docentes (78% doutores, 19% mestres e 3% especialistas), de diversos países da América Latina, Europa, Ásia e África, além de 535 servidores técnico-administrativos (brasileiros ou naturalizados), conforme dados disponibilizados pela Seção de Arquivo e Informações de Pessoal da Universidade.

A legitimação legal, contudo, não é condição suficiente para que uma instituição seja aceita pela sociedade. Para que isso aconteça, faz-se necessário construir legitimidade em dois outros níveis, além do jurídico: normativo (convergência com os valores preservados pelo público) e cultural-cognitivo (reconhecimento social).

Assim, a UNILA não pode prescindir de uma comunicação assertiva, para legitimar sua proposta de integração latino-americana, sobretudo nesse contexto de intensificação da ameaça à liberdade de cátedra, com o fortalecimento do movimento conservador da “Escola

¹⁴ Fonte: site da UNILA. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/saladeimprensa/unilaemnumeros>>. Acesso em 11 nov. de 2018.

¹⁵ Fonte: site da UNILA. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/inscricoes-abertas-7>>. Acesso em 11 nov. de 2018.

¹⁶ Fonte: site da UNILA. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/saladeimprensa/unilaemnumeros>>. Acesso em 11 nov. de 2018.

sem Partido”. Logo, refletir sobre a função da retórica e da mídia na construção de seu discurso parece necessário à preservação daquilo que, já em 1918, os estudantes reivindicavam: uma instituição democrática e de caráter plural nos âmbitos ideológico, político, religioso e inclusivo, em termos de raça, gênero e gosto.

2 A FUNÇÃO DA RETÓRICA NO DISCURSO: PARA DESFAZER UM MAL ENTENDIDO

A expressão “retórica” vem sendo utilizada, já há algum tempo, pejorativamente, como sinônimo de manipulação discursiva; talvez por ser uma contribuição, conhecidamente, sofisticada¹⁷ vista de forma negativa por alguns historiadores da filosofia. Por conta disso, a expressão acabou se cristalizando como uma técnica de enganar o interlocutor para obter adesão às teses apresentadas.

Neste artigo, contudo, a retórica é compreendida como anterior ao que se conhece dela, estando associada ao surgimento do homem e à evolução da linguagem. De todo modo, é à Grécia Antiga que se atribui a sua origem, razão pela qual é reservada a Aristóteles a defesa de sua utilidade.

Para o filósofo, que ressignificou e organizou o sistema retórico, esta área de conhecimento não parece ter como objeto de estudo a essência do discurso (que permite distingui-lo em ético e não ético),

¹⁷ Os sofistas eram mestres ou professores, da Grécia Antiga, que ensinavam oratória e filosofia mediante o pagamento por parte dos interessados.

mas a maneira como são construídos para gerar convencimento¹⁸: "a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada" (ARISTÓTELES [IV a.C.], 1998, p. 49). Logo, cabe ao orador o uso responsável dos recursos de persuasão, e não à Retórica¹⁹, já que sua função é meramente metodológica, aplicável a qualquer contexto e com diferentes intenções.

O sistema retórico de Aristóteles admite três tipos de provas de persuasão fornecidas pelo discurso: o *logos*, que se associa ao domínio da razão e torna possível convencer (com base nos argumentos); o *ethos* e o *pathos*, que dizem respeito ao domínio da emoção e tornam possível sensibilizar. Contudo, enquanto o *pathos* se preocupa em despertar os desejos e emoções do destinatário, o *ethos* se concentra no caráter que o orador²⁰ deve evocar para conquistar a confiança do auditório (ARISTÓTELES [IV a.C.], 1998, p. 49).

No contexto das organizações²¹, o *ethos* se revela na maneira como as instituições projetam sua identidade junto ao público,

¹⁸ Para evitar confusões desnecessárias, o termo "convencer" foi adotado, nesta pesquisa, com o mesmo sentido de "persuadir" (a não ser quando explicitado de maneira diversa), embora alguns autores apresentem distinções terminológicas para ambos.

¹⁹ Retórica (com "r" maiúsculo) refere-se à área de conhecimentos que estuda a retórica (com "r" minúsculo): a arte de elaborar e proferir discursos persuasivos.

²⁰ Diversos termos são utilizados, neste artigo, para designar o orador: instituição, organização, comunicador, locutor, enunciador, falante.

²¹ A organização pode ser definida como um grupo de pessoas trabalhando juntas para o alcance de objetivos comuns. De acordo com sua natureza, pode assumir dimensões mais amplas, adquirindo o status de instituição (ou organização evoluída). Alcança-se este nível quando se cristaliza papéis ou funções em torno das necessidades da sociedade, deixando de ter a si mesma como referência. Enquanto a organização, na sua forma simples, "pretende gerir seu espaço e tempo particulares (...), a instituição aspira à universalidade" (CHAUÍ, 2003, p. 6).

apoiando-se no *pathos* e no *logos*, para se mostrarem coerentes com as demandas sociais e obter mais apoio. Sua compreensão assenta-se no campo de estudos da "retórica organizacional", definida por Tereza Lúcia Halliday (1987, p. 84) "como o uso intencional da linguagem verbal e/ou não-verbal para influenciar percepções, crenças, sentimentos, preferências e ações de um público selecionado".

As organizações constroem sentido sobre quem são ou representam com base em três elementos interdependentes: cultura, identidade e imagem institucional. Logo, compreendê-los torna-se fundamental para que o planejamento de comunicação seja efetivo e congruente com a natureza de cada organização.

Nesta pesquisa, a cultura é compreendida com base nas formulações dos Estudos Culturais que a definem como “um espaço de disputas entre discursos e representações sociais”²². No contexto organizacional, Idalberto Chiavenato (2010, p. 158) corrobora ao distinguir dois polos de disputas que coexistem no ambiente de trabalho: a cultura formal – facilmente perceptível (diretrizes, políticas, procedimentos, estrutura organizacional) e a cultura informal – menos evidente (sentimentos, atitudes, normas grupais, relações afetivas etc.).

É com base na cultura organizacional que uma instituição constrói sua identidade, a qual deve ser compreendida, como sugere Ana Luísa de Castro Almeida (2014, p. 54), enquanto essência e projeção. As particularidades que as constituem, diferenciando-as das outras,

²² NAYAR, Pryan. Cibercultura e estudos culturais. In: MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes. - 2a. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 49.

correspondem a sua natureza. Já a divulgação destes valores junto ao público, por meio da comunicação, caracteriza a identidade projetada, construída com base na imagem que os interlocutores constroem a respeito do que foi anunciado. E nesse processo, a retórica é determinante, dado o seu potencial para construir significados junto às diversas audiências.

No contexto educacional, contudo, a adoção de práticas retóricas e *marketing* institucional²³ nem sempre foi uma preocupação, já que durante muito tempo as instituições de ensino se autossustentaram como "centro norteador da formação intelectual do indivíduo", como expressa Marcos Henrique Facó (2008, p. 17). Desta forma, estabeleciam por si mesmas os padrões para a satisfação dos estudantes, sem a necessidade de dialogar com a realidade e o público, conservando uma imagem intocável de si.

Somente a partir da década de 1970, com o impacto do avanço neoliberal – globalização e advento da comunicação de massa – é que as instituições de ensino brasileiras, especialmente as privadas, passaram a rever seus parâmetros por necessidade de sobrevivência no novo cenário econômico que impunha novas relações com o estudante, "agora entendido como 'cliente'" (FACÓ, 2008, p. 17).

Nas instituições de ensino públicas, contudo, as práticas retóricas foram sempre tímidas. Talvez por serem pioneiras²⁴, no país, e já

²³ O Marketing Institucional diz respeito ao "tratamento econômico dos valores ideológicos" de uma organização (VAZ, 1995, p. 2). Em outras palavras, significa "vender" ideias.

²⁴ Apesar das universidades públicas serem pioneiras no Brasil, não existe consenso sobre qual seja a instituição mais antiga. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) alega ter sido

desfrutarem de certo prestígio, conforme lembra Marilena Chauí (2003, p. 5): "a universidade pública sempre foi uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições". Assim, a comunicação persuasiva é mais perceptível em instituições situadas em polos universitários, onde a concorrência é estimulada, ou em contextos especiais, como no caso da UNILA e da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), cujos perfis e discursos são singulares e ainda carecem de legitimação.

É nesse contexto que a análise do *ethos institucional* da UNILA se justifica, razão pela qual não raras vezes será retomado o termo (*ethos*) para fazer referência à imagem que a instituição procura construir de si, no seu discurso audiovisual, para legitimar sua proposta de integração latino-americana.

As estratégias utilizadas pela UNILA para construir uma imagem de credibilidade, junto ao público, são apresentadas no capítulo quatro. Antes, faz-se necessário discutir o lugar que a mídia ocupa na legitimação de projetos complexos, como o analisado, haja vista a influência e a imposição de seus veículos nas práticas discursivas contemporâneas.

fundada em 1792, com a criação do primeiro curso de ensino superior no país; porém só recebeu, de fato, o título de "universidade" em 1920. A Universidade do Amazonas (UFAM) afirma ter sido constituída em 1909, com a denominação de Escola Universitária de Manaus; contudo, passou quarenta anos fragmentada em faculdades independentes até ser integrada, com o nome atual, em 1968. A Universidade Federal do Paraná (UFPR) diz ter sido fundada em 1912; no entanto também passou bastante tempo desmembrada em distintas instituições antes de ser integrada, em 1946, embora afirme ter permanecido sob uma única diretoria durante o período. Disponível em: <http://petcomufam.com.br/2015/01/qual-a-universidade-mais-antiga-do-brasil.html>. Acesso em 22 set. de 2016.

3 A MÍDIA COMO CONSTRUÇÃO RETÓRICA

A sociedade do século XXI convive com uma nova forma de cultura, veiculada pela mídia, cujos efeitos auxiliam na construção da vida cotidiana dos indivíduos, como observa Douglas Kellner (2001), dominando o tempo de ócio, ajustando comportamentos e oferecendo subsídios para a construção de suas identidades. "Trata-se de uma cultura da imagem, que explora a visão e a audição" por meio dos distintos veículos de comunicação – televisão, *internet* e rádio – que ora priorizam os meios visuais, ora os auditivos (quando não harmonizam os dois sentidos), "jogando com uma vasta gama de emoções, sentimentos e ideias" (KELLNER, 2001, p. 9).

Os espetáculos propagados pela mídia induzem as pessoas a se identificarem com certos posicionamentos e políticas dominantes, visando gerar comportamentos compatíveis com os valores das sociedades capitalistas, sem a necessidade do uso da força. Assim, mídia e consumo andam lado a lado levando os sujeitos a integrarem um aparente sistema de gratificação comercial por meio de instrumentos visuais e auditivos.

Mas ao mesmo tempo em que incita o ajustamento da sociedade ao modelo econômico vigente, a mídia também oferece recursos capazes de fortalecer os sujeitos na oposição à realidade vivenciada, de maneira que possam resistir às mensagens dominantes construindo uma forma particular de ler e apropriar-se da cultura de massa. Essa contradição se deve, conforme Patrick Charaudeau (2013, p. 15), a uma dupla lógica que a mídia assume: "econômica (fazer viver uma

empresa)" e "simbólica (servir à democracia cidadã)", tornando-a um objeto de pesquisa de várias áreas, inclusive da educação.

Assim, mesmo com todas as ressalvas, a UNILA não pode prescindir dos meios de comunicação – nesse contexto em que o audiovisual se impõe – parecendo pertinente considerar, em seu planejamento retórico, a ação desses veículos e a possibilidade de assistirem à democracia. Se houver dificuldade, Gil Nuno Vaz (1995) sugere desenvolver meios particulares.

Por pertencer ao sistema brasileiro de universidades federais, e não possuir fins lucrativos, a UNILA segue por este caminho, disseminando seu projeto universitário por meio de canais próprios: site institucional, mídias sociais (especialmente o Youtube), revista Peabiru, *Web Rádio UNILA*, informativo *La Semana Unilera*, Feira de Profissões, projetos de extensão universitária, materiais de divulgação e visitas institucionais²⁵.

Esta pesquisa se limita à análise do discurso audiovisual, da UNILA, veiculado pelo *Youtube* (portal de compartilhamento de vídeos independentes, sem custo), pelas possibilidades de uso, facilidade de acesso e alcance universal, possibilitando a aproximação da universidade com aqueles que Ivo José Dittrich chama de *auditório complexo*: "os interlocutores imediatos, efetivos e mesmo estimados inscritos no acontecimento discursivo, seja ele oral ou escrito" (DITTRICH, 2016, p. 59).

²⁵ UNILA. Secretaria de Comunicação Social. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/secom/produtos>. Acesso em 15 nov. 2018.

4 DESVENDANDO A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NAS COMUNICAÇÕES AUDIOVISUAIS DA UNILA

Para compreender a maneira como a UNILA evoca uma imagem (*ethos*) de credibilidade, nas comunicações audiovisuais, procedeu-se, inicialmente, a um diagnóstico do repertório de vídeos produzidos pela instituição, no período de 2010 a 2015, e disponíveis no *Youtube*. Dessa análise resultou a seleção, em um universo de 58 (cinquenta e oito) mídias, de três vídeos institucionais (quadro 1), escolhidos em função do objetivo (promocional), da confiabilidade (os vídeos também foram localizados no site da UNILA) e com base nas circunstâncias em que o material foi produzido: a formatura dos primeiros estudantes, a chegada de novos alunos estrangeiros e o crescimento da Universidade.

Quadro 1: mídias selecionadas para análise

Abreviação	Ano	Título	Tempo de exibição
M1	2014	"Desbravadores: a primeira turma de formandos da UNILA"	10min05s
M2	2014	"UNILA Intercultural"	10min42s
M3	2015	"Processo seletivo 2016 - UNILA"	5min12s

Fonte: elaborado pelos autores

Selecionadas as mídias, identificadas como M1, M2 e M3, estabeleceram-se critérios para a análise, adotando-se a metodologia

reflexiva²⁶, de abordagem qualitativa, e o conceito de “*ethos* de integração” proposto por Cláudia Lacerda Muniz (2017, p. 90): capacidade de uma organização evocar, ao mesmo tempo, no discurso, três figuras identitárias – seriedade, virtuosidade e competência.

Para construir esta definição, a autora buscou aporte teórico em Patrick Charaudeau (2008), na categoria que ele designou de *ethé* de credibilidade. O termo *ethé* corresponde ao plural de *ethos* (imagem) e diz respeito às identidades que o orador (indivíduo ou grupo) constrói de si, no discurso político, para que o auditório possa julgá-lo "digno de crédito" (CHARAUDEAU, 2008, p. 119-120). Daí a preocupação contínua em construir uma imagem que corresponda a essa qualidade, sendo frequente o questionamento: como fazer para ser aceito?

Considerando as particularidades da categoria analítica de Charaudeau, aplicada ao discurso político, Muniz (2017) realizou adaptações conceituais e metodológicas, pois enquanto o homem público fala por si mesmo (estando velado no seu discurso, no máximo, o partido), as organizações falam em nome de uma coletividade. Assim, a autora sugere que os discursos institucionais sejam compreendidos com base na missão de cada organização, considerando as vozes de todos os sujeitos que a constituem.

Nessa ordem de raciocínio, depreendeu-se que para atender os requisitos de credibilidade necessários à legitimação de seu projeto

²⁶ A metodologia reflexiva considera as próprias interpretações do pesquisador, bem como a capacidade de enxergar as próprias perspectivas e as dos outros, realizando autocrítica acerca de sua autoridade enquanto intérprete e autor (VERGARA, 2010, p. 172).

institucional, a UNILA precisa construir, assim como o político, um *ethos de séria, de virtude e de competência*, cuja harmonização Muniz (2017) denominou de *ethos de integração*.

O *ethos de sério* é muito peculiar e depende, basicamente, das representações que cada indivíduo ou grupo constrói a respeito do conceito de seriedade. Alguns índices, no entanto, podem auxiliar na sua identificação: rigidez postural, expressão facial pouco sorridente, autocontrole diante das críticas, alto grau de energia e disposição para o trabalho, escolha adequada de palavras (construções simples, sem grandes efeitos oratórios), clareza. Há, contudo, um limite para que essa imagem não seja percebida de maneira negativa: o da ponderação. A seriedade não pode ser interpretada como atitude de frieza ou arrogância por parte do locutor. Em relação aos argumentos, deve-se prezar pela objetividade, sendo pouco críveis os discursos que pareçam utópicos.

O *ethos de virtude* exige da organização sinceridade e respeito, nas relações com as diversas audiências, indicando que age de acordo com os valores de base de seu projeto institucional. Esta identidade não se constrói imediatamente, sendo consolidada no decorrer do tempo. Nela, estão implícitas afirmações como: “Somos uma instituição, socialmente, comprometida”, “Estamos a serviço da sociedade”. Algumas vezes, são os próprios envolvidos (público interno) que a descrevem com estas características, como no caso da UNILA em que os estudantes discursam em, praticamente, todas as mídias atestando a efetividade do projeto de integração latino-americana.

O *ethos de competência* requer da organização saber e habilidade: a instituição deve mostrar que tem conhecimento profundo sobre as atividades que exerce e, ao mesmo tempo, provar que tem experiência e os meios necessários para o alcance dos objetivos almejados. É comum o orador fazer isso evidenciando, em seu discurso, as características de seu percurso: tradição institucional, experiência, reconhecimento externo (órgãos avaliadores e público).

A seguir, são apresentadas as análises das mídias selecionadas, em conformidade com os parâmetros estabelecidos que, em seu conjunto, contribuem para identificar como a UNILA constrói um *ethos de integração* nas comunicações audiovisuais.

4.1 *Ethos de integração* no discurso audiovisual da UNILA

A análise das mídias foi organizada da seguinte forma: primeiro é apresentada uma síntese do conteúdo do vídeo, indicando o contexto de produção e as características do suporte. Com base nisso, examinam-se as estratégias retóricas utilizadas pela UNILA para construir a imagem de credibilidade almejada, amparando-se na categoria analítica proposta por Muniz (2017), como já abordado – *ethos de integração*.

As análises são abonadas sempre com as respectivas passagens discursivas, no sentido de preservar as intenções do orador, embora não se hesite em fazer julgamentos (de cunho metodológico), avaliando a legitimidade das teses destacadas.

M1 – “Desbravadores, a primeira turma de formandos da UNILA”²⁷

A mídia foi produzida em 2014, pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM/UNILA), no período que antecedeu a primeira formatura da UNILA, visando tornar conhecidos os resultados. Reúne depoimentos de 24 alunos do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, dos três primeiros cursos de graduação: Ciências Econômicas, Ciência Política e Sociologia e Relações Internacionais e Integração (figura 1).

Figura 1: fragmento da M1 – “Desbravadores, a primeira turma de formandos da UNILA”



Fonte: WebTV UNILA, Youtube.

O vídeo parece ter sido produzido para um público específico, que já conhece a UNILA, principalmente brasileiros (mas não somente), já que inicia incitando uma reflexão sobre “*O que é ser unileiro?*” – termo que surgiu, pejorativamente, com a comunidade de Foz do Iguaçu e foi ressignificado, de acordo com a SECOM/UNILA. Apresenta, ainda,

27 WebTV UNILA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjHeYkVAm6c> . Acesso em 16 nov. 2018.

questões relacionadas ao percurso dos formandos, durante o período de graduação, e às expectativas para o futuro, tanto dos estudantes quanto dos professores.

O vídeo, incluído no YouTube em agosto de 2014, possui 13min40s de duração e combina texto e imagem para formar os argumentos. Chama a atenção, contudo, o fato da UNILA não ser apresentada na M1, talvez por ter sido dirigida a um público selecionado, que já conhece a Instituição, como já mencionado.

M2 – “UNILA Intercultural”²⁸

Também produzida em 2014, pela SECOM/UNILA, depois da chegada de novos estudantes (437 brasileiros e 182 estrangeiros)²⁹, que não ocorria desde 2012 por questões estruturais, a M2 teve duplo objetivo: 1) apresentar a UNILA ao público e colocar a região da fronteira Brasil-Paraguai-Argentina em contato com a interculturalidade³⁰; 2) minimizar os estranhamentos gerados nesse momento em que a diversidade se tornara mais evidente, na Instituição, agora com 11 nacionalidades representadas: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

²⁸ WebTV UNILA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_a_IKff2NkM&t=230s. Acesso em 16 nov. 2018.

²⁹ Informações disponibilizadas pelo Departamento de Informações Institucionais da PROGRAD/UNILA.

³⁰ Termo ainda em construção, segundo Martín-Barbero (2014), que denomina a convergência de distintas identidades culturais.

Potencializando fala e imagem para formar os argumentos, o vídeo exibe as características gerais da UNILA, e do lugar que a acolheu, não perceptíveis na M1. Também apresenta credenciais ao público, justificando a importância da Universidade para a região e a escolha da fronteira trinacional para abrigá-la (figura 2).

Figura 2: fragmento da M2 – “UNILA Intercultural”



Fonte: WebTV UNILA, Youtube.

Entre as credenciais exibidas, destacam-se os meios pelos quais se procura promover a integração – ensino, pesquisa, extensão e infraestrutura disponível – e os depoimentos dos integrantes da comunidade interna (discentes, docentes e técnico-administrativos) e da comunidade externa.

Sua produção se deu em um período representativo para a UNILA, em decorrência de acontecimentos, como: a criação do curso de Medicina (um sonho antigo da cidade de Foz do Iguaçu)³¹, como resultado da implantação do Programa "Mais Médicos", pelo governo federal; a realização de novos concursos, dos quais resultou a

³¹ INSTITUCIONAL. Medicina em Foz: Sonho antigo da cidade, curso implantado pela UNILA marca o ano do centenário de Foz do Iguaçu. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/noticias/medicina-em-foz-0>. Acesso em: 17. nov. 2018.

nomeação, ainda em 2014, de mais 131 professores e 352 técnico-administrativos em educação, de nível médio e superior³².

A M2 foi disponibilizada, no YouTube, em novembro de 2014 e possui 10min42s. Contudo, possibilita ao internauta conhecer as características gerais da Universidade (com um grande volume de imagens e informações) no primeiro minuto do vídeo. Logo, apesar de não ser tão breve, contribuiu para que a UNILA seja conhecida mesmo por aqueles não dispostos a assistir a mídia até o fim.

M3 – “Processo seletivo 2016 – UNILA”³³

Lançado, no final de 2015, para divulgar os cursos de graduação e suscitar o interesse de estudantes, brasileiros e estrangeiros, às vagas disponibilizadas para ingresso em 2016, a M3 foi desenvolvida também pela SECOM. Nesse período, a UNILA já dispunha de 331 professores, 511 profissionais técnico-administrativos e 121 trabalhadores terceirizados³⁴. Contava, também, com 29 cursos de graduação e 3 programas de mestrado em andamento: Mestrado em Física Aplicada, Mestrado em Integração Contemporânea e Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos. Além disso, já dispunha da infraestrutura necessária para acolher novos estudantes, com a locação

³² Em 2014, foram realizadas 129 bancas de concurso para professores e 1 concurso para técnicos-administrativos em educação. As informações foram repassadas pela Divisão de Concursos e Seleções e da Seção de Arquivo e Informações de Pessoal da PROGEPE/UNILA.

³³ WebTV UNILA. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=K55ZeR7k1SA&t=17s> . Acesso em 16 nov. 2018.

³⁴ UNILA. UNILA em Números. Disponível em: < <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/unila-em-numeros.pdf> >. Acesso em 17 nov. 2017.

de um espaço de mais de 20000 m² que possibilitou o crescimento da Universidade em 700%, em relação ao primeiro ano de funcionamento³⁵.

O momento parecia, portanto, oportuno à exibição de novas credenciais ao público e a UNILA as expõem, evidenciando as áreas de Ciências Naturais e Exatas, aparentemente para conquistar a adesão de grupos conservadores (mas não somente). Para tanto, conta com declarações de discentes, docentes e técnico-administrativos que atestam a capacidade da Instituição em gerar conhecimentos para além das fronteiras (figura 3).

Figura 3: fragmento da M3 – “Processo seletivo 2016 – UNILA”



Fonte: WebTV UNILA, Youtube.

A M3 foi disponibilizada, no YouTube, em 22 de dezembro de 2015 e possui 5min12s, tempo adequado e otimizado, se considerada a duração das M1 e M2.

No quadro 2, são apresentados os fragmentos retóricos das M1, M2 e M3 destacados com o objetivo de avaliar a legitimidade das

³⁵ UNILA. Infraestrutura. UNILA amplia disponibilidade de espaços físicos com novas salas de aula e laboratórios em 2016. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/infraestrutura-7>>. Acesso em 20 dez. 2016.

asserções e abonar as análises realizadas, sem se desviar das intenções do orador, em cada um dos discursos.

Quadro 2: Fragmentos retóricos das mídias analisadas

<i>ETHOS DE INTEGRAÇÃO</i>		
M1 – “Desbravadores, a primeira turma de formandos da UNILA”		
Imagem de seriedade	Imagem de virtude	Imagem de competência
<p>Ao ressignificar e adotar, como parte da identidade institucional, o termo “<i>unileiro</i>” – que surgiu pejorativamente na comunidade iguaçuense –, a UNILA demonstra capacidade de autocontrole diante das críticas e abertura para o diálogo, incitando a admiração do público. A estratégia é identificada no trecho em que se questiona os estudantes formandos sobre “O que é ser <i>unileiro</i>?”:</p> <p>“É a descoberta de uma nova identidade latino-americana” (Élcio de Carvalho, estudante, Brasil);</p> <p>“<i>Una desconstrucción de lo que uno pensaba anteriormente antes de</i></p>	<p>É construída com o auxílio de depoimentos dos discentes sobre a convivência, na cidade e região, durante o período de formação, por meio dos quais a UNILA mostra que age em conformidade com o projeto de integração latino-americana:</p> <p>“<i>La convivencia ha sido realmente muy interesante. Uno aprendió muchas cosas de personas de otras partes</i>” (Agustin Casanova, estudante, Uruguai);</p> <p>“Eu acho que estes quatro anos demonstraram muito isso: o que é ter respeito pelo outro e ter conhecimento... pela cultura do outro” (Alexandre Andreatta, estudante, Brasil);</p>	<p>Por ser ainda jovem e não poder fazer referência a um longo percurso de atuação, a UNILA tem a competência atestada por professores e pelos próprios estudantes que deixam a Universidade comprometidos com o projeto de integração:</p> <p>“<i>Esta despedida es una despedida momentánea porque sinceramente me siento comprometido con el proyecto de la UNILA y espero poder volver a seguir trabajando en este ámbito por la integración latinoamericana</i>” (Agustin Casanova, estudante, Uruguai);</p> <p>“<i>Lo que me di cuenta es que todavía queda mucho por hacer en América Latina y tenemos todo el potencial para llegar a hacer funcionar en serio todo esto que es la integración</i>” (Pablo Orué, estudante, Paraguai);</p> <p>“Vocês que tão se formando, na área de Economia, Relações Internacionais e Ciência Política têm um desafio muito importante pela frente: vocês são os desbravadores!!!</p>

<p><i>venir a la UNILA</i> (Marco Bogado, estudante, Paraguai);</p> <p>"Impactar outras pessoas e ser impactada. (Raísa Santos, estudante, Brasil).</p>	<p>– <i>"Al final, hemos creado una familia"</i> (Marco Bogado, estudante, Paraguai).</p>	<p>E como desbravadores são construtores de novas realidades" (Nilson Araújo, professor).</p>
M2 – “UNILA Intercultural”		
Imagem de seriedade	Imagem de virtude	Imagem de competência
<p>Construída com argumentos simples e com o recurso da imagem, que auxilia na compreensão do “portunhol”, propositalmente utilizado para mostrar a interculturalidade vivenciada na UNILA:</p> <p>Trecho 1: "Por mais que sejam distintas as perspectivas das cidades que <i>cercan</i> os rios Iguazu y Paraná, na fronteira trinacional, a natureza y a geografia <i>determinales</i> mismo ritmo. Por aqui, é a <i>misma</i> chuva y o <i>mismo</i> sol. Mas y a gente? Iguais o diferentes?"</p> <p>Por estar aqui com a missão de aproximar <i>fronteras</i>, y pela sua</p>	<p>Evocada com o auxílio de depoimentos da comunidade externa e interna, que justifica a localização da UNILA e atesta a relevância do projeto de integração latino-americano:</p> <p><i>"Ela [a UNILA] traz para Foz do Iguazu uma coisa nova...que é a pesquisa (...) que é o intercâmbio, né? Ela é impactante na medida que ela rompe com uma tradição (...) de uma cidade do interior, não é? A cidade (...) fica desconfiada, né? (...) mas...isso é universidade"</i> (Aluizio Palmar/jornalista local);</p>	<p>Para mostrar que tem condições de contribuir para a integração latino-americana, a UNILA apresenta os meios pelos quais vem realizando suas ações: atividades de ensino, pesquisa e extensão; infraestrutura:</p> <p><i>"El ensino en la UNILA tiene por objetivo generar conocimiento para el progreso y la integración regional (...). Estudiar en la UNILA é más que una formación profesional de calidad. Es tener compromiso con el desenvolvimiento y la coperación entre los países de América Latina"</i> (Brayan, estudante, Bolívia);</p> <p>"A extensão é uma forma de diálogo entre a universidade e a comunidade através de projetos</p>

<p>vocação voltada pra integração latino-americana, a palavra que move y fortalece a UNILA é a diversidade" (locutor oculto).</p> <p>Imagens de fundo: Rio Iguaçu, Rio Paraná, Ponte da Amizade, Cataratas do Iguaçu, Templo Budista, estudantes interagindo, infraestrutura da UNILA.</p> <p>Trecho 2: "A interculturalidade está em nossas faces, nas formas de ser, aprender e caminhar pelas cores, ritmos e raízes da América Latina! O movimento entre o que nos une e o que nos diferencia é o que cria esta comunidade tão diversa chamada UNILA!!!" (Mayara, estudante, Brasil).</p> <p>Imagens de fundo: pintura em grafite feita por várias mãos, situada nas proximidades da fronteira do Brasil com o Paraguai; estudantes de diversas nacionalidades representando a UNILA.</p>	<p>"A moradia estudantil y as repúblicas universitárias <i>son los</i> lugares onde, de fato, começa a integração, não somente como pessoas de toda América Latina, mas como estudantes de diversas áreas do conhecimento. Y é aqui que nós aprendemos a enxergar o outro y a <i>respetar</i> a diferentes pontos de vista (...). É na moradia y nas repúblicas que a gente tem a possibilidade de trocar ideias, modos de vida y <i>sobre todo afectos</i> que nós levaremos para el resto de nuestras vidas" (Danto, estudante, Venezuela).</p> <p>Imagem de fundo: infraestrutura da moradia estudantil.</p>	<p>em diferentes áreas do conhecimento. <i>Gran parte</i> destas <i>extensiones son realizadas en conjunto con la comunidad de la triple frontera</i>" (Sofía, estudante, Equador).</p> <p>"<i>La investigación, junto con la extensión e la enseñanza, es un de los pilares que contribuyen a nuestra capacidad de producir y difundir los saberes</i>" (Nícolas, estudante, Uruguai);</p> <p>"A moradia são para aqueles alunos que passaram já por um processo de seleção e têm acesso a esse auxílio e a outros. Então a gente tem... é... a moradia estudantil, que é de propriedade da UNILA, outros espaços que são alugados e a possibilidade de subsídio financeiro" (Roseli Schuster, coordenadora da Moradia).</p> <p>Imagens de fundo: atividades de ensino, pesquisa e extensão; infraestrutura da moradia.</p>
M3 – “Processo seletivo 2016 – UNILA”		
Imagem de seriedade	Imagem de virtude	Imagem de competência
<p>Construída, também, com argumentos simples que prezam pela clareza, factibilidade, motivação e consciência dos limites:</p>	<p>Evocada pelas três categorias que compõem a UNILA – docentes, discentes e técnico-administrativos – que</p>	<p>Constituída com base em alguns índices: resultado da avaliação dos cursos de graduação, pelo MEC, qualificação dos professores,</p>

<p>"A UNILA tenta ser uma Universidade inovadora...uma universidade mais próxima do século XXI...com os problemas do século XXI. E pra isso, a gente pensa que a interdisciplinaridade, o pensamento crítico e, no caso específico da UNILA, o bilinguismo tem um papel fundamental porque estimula um pensamento multidimensional sobre cada problemática que afeta a América Latina.</p> <p>E a gente tem a intenção também de dar duas outras funções muito importantes para a Universidade: que é a sua proximidade com a população, em geral, mostrar a importância da Universidade pra população, em geral, trazendo alunos de todas as classes sociais e tentando promover a inclusão social e, no caso da América Latina, tentando trazer</p>	<p>atestam o projeto de integração e a possibilidade da Universidade gerar conhecimentos para além das fronteiras:</p> <p>"...<i>Pero la UNILA ofrece como un diferencial, ahí lo que se destaca como universidad, esa formación en América Latina que es un conocimiento general de toda América Latina para todos los estudiantes. Para cualquier curso tiene esa formación...</i>" (Luis Evelio Acevedo, professor, Colômbia).</p> <p>"É um intercâmbio todo dia. A gente... é... conhece pessoas de costumes, de culturas, de crenças diferentes e... isso tem contribuído muito pro...pra construção do meu conhecimento e de toda vivência que é estar numa Universidade" (Geiza Lemos Hein, estudante).</p> <p>Imagens de fundo: laboratório do curso de Medicina, texto adicional informando a quantidade de</p>	<p>infraestrutura e metodologia de ensino adotada:</p> <p><i>"Pero también se ofrece calidad en cada una de las formaciones de sus cursos. Y esta calidad fue constatada en la evaluación que el Ministerio de Educación aquí de Brasil hizo de la mayoría de los cursos, los que están ya consolidados, los cuales obtuvieron conceptos muy buenos. Esta evaluación es muy rigurosa, entonces, ella lleva en consideración, por ejemplo, la formación de profesores que, en el caso de la UNILA, nosotros somos... la mayoría de los profesores son...profesores doctores de dedicación exclusiva. Tiene una evaluación de infraestructura que lleva en consideración, por ejemplo, laboratorios, restaurantes, áreas de lazer, cómo es que toda esa estructura viene a apoyar el estudiante para ese proceso. Y, también, la evaluación de algo muy importante como es la biblioteca y todas las bibliografías que apoyan esa formación del profesional"</i> (Luis Evelio Acevedo, professor, Colômbia).</p> <p>Imagens de fundo: laboratório das engenharias, texto adicional informando o</p>
---	---	--

<p>muitos colegas dos países vizinhos. (Fábio Borges, professor).</p>	<p>nacionalidades representadas entre os estudantes (12).</p> <p>"Trabalhar aqui na biblioteca da UNILA é uma situação completamente diferente do que eu tava acostumada. Aqui a gente tem pessoas falando português, espanhol, francês... e a gente se entende. A gente busca a informação que é solicitada...". (Francielle Amaral da Silva, técnico-administrativa em educação).</p>	<p>percentual de professores doutores (98%).</p> <p>"As nossas aulas... elas são todas oferecidas em Português e em Espanhol. E esperamos também acrescentar, em breve, a língua francesa, né? Já que estamos aí com... recebendo um grande número de alunos... é... haitianos. É por meio do conhecimento de idiomas que nós estamos promovendo, então, a internacionalização da UNILA" (Marcelo Marinho, professor).</p> <p>Imagens de fundo: bandeiras do Brasil, Paraná, Foz do Iguaçu e Mercosul.</p>
---	---	---

Fonte: elaborado pelos autores.

Com base nos fragmentos retóricos destacados, e de acordo com a análise realizada, depreende-se que a UNILA vem construindo seu *ethos de integração* – imagem de seriedade, virtuosidade e competência – com argumentos de ordem afetiva (*pathos*) e racional (*logos*).

O requisito de seriedade, que enfatiza a sensibilização do auditório (*pathos*), a UNILA atende, por exemplo, demonstrando-lhe respeito. Para tanto, busca nivelar a linguagem, apresentando um discurso que lhe pareça claro, simples e consciente dos limites, como se percebe no uso recorrente do verbo “tentar”, na fala do professor Fábio Borges, na M3:

A UNILA **tenta** ser uma Universidade inovadora...uma universidade mais próxima do século XXI... com os problemas do século XXI". E pra isso, a gente pensa que a interdisciplinaridade, o pensamento crítico e (...) o bilinguismo tem um papel fundamental porque estimula um pensamento multidimensional sobre cada problemática que afeta a América Latina. E a gente tem a intenção também de dar duas outras funções muito importantes para a Universidade: que é a sua proximidade com a população em geral (...), trazendo alunos de todas as classes sociais e **tentando** promover a inclusão social e, no caso da América Latina, **tentando** trazer muitos colegas dos países vizinhos.

A frequência de uso do termo (verbo “tentar”) demonstra a consciência dos desafios do projeto de integração latino-americana e sugere que a UNILA conhece as dificuldades de operacionalização da proposta, evocando o espírito de seriedade que convém à jovem Instituição.

O *ethos de virtude*, também construído com argumentos emotivos (*pathos*), a Instituição evoca com apelos de ordem moral, voltados para si, para mostrar que age em conformidade com seu projeto basilar. Para tanto, recorre a declarações realizadas não pela alta gestão, mas por aqueles envolvidos, diretamente, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão: "*É um intercâmbio todo dia. A gente...é...conhece pessoas de costumes, de culturas, de crenças diferentes...e isso tem contribuído muito pra construção do meu conhecimento e de toda vivência que é estar numa Universidade*" (Geiza Lemos Hein, estudante, M3).

Outras vezes, é a própria comunidade externa que reconhece seu projeto universitário:

Ela [a UNILA] traz para Foz do Iguaçu uma coisa nova...que é a pesquisa (...) que é o intercâmbio, né? Ela é impactante na medida que ela rompe com uma tradição (...) de uma cidade do interior, não é? A cidade (...) fica desconfiada, né? (...) mas...isso é universidade (Aluizio Palmar/jornalista local, M2).

Com essas credenciais, a UNILA se mostra íntegra e necessária ao público, especialmente o brasileiro, em determinadas situações retóricas, assegurando o espírito de confiabilidade que convém, embora a imagem de virtude só se consolide, de fato, no decorrer do tempo.

Já o *ethos* de competência, a UNILA constrói se mostrando habilitada a desenvolver o projeto de integração latino-americana por meio de provas (*logos*) que enfatizam esse poder. Para tanto, vale-se de depoimentos das três categorias representativas da Universidade: docentes, discentes e técnico-administrativos em educação. As declarações são potencializadas com estratégias adicionais – recurso de imagem (laboratórios, salas de aula, moradia estudantil etc.) e informações complementares que aparecem no plano de fundo das mídias, especialmente da M3: "estudantes de 12 nacionalidades", "professores de três continentes", "98% doutores e mestres", "formação em América Latina" e "BIUNILA [biblioteca] – 45 mil exemplares disponíveis".

A esta estratégia, de apresentação de provas, soma-se o apelo ao discurso de justificação *a priori*: aquele em que se alega *não-intencionalidade* em caso de fracasso de uma proposição, arguindo responsabilidade coletiva (CHARAUDEAU, 2008, p. 128-133). Isso se constata na M1, no trecho proferido pelo professor Nilson Araújo: "*Vocês que tão se formando, na área de Economia, Relações Internacionais e Ciência Política têm um desafio muito importante pela frente: vocês são os desbravadores!!! E como desbravadores são construtores de novas realidades*".

Assim, a UNILA justifica as credenciais de "transcendência" apresentadas que a identificam como "encarregada-de-uma-grande-missão" e "ligada a uma causa última"; em outras palavras, como uma instituição socialmente engajada e comprometida com o bem-estar da humanidade (HALLIDAY, 1987, p. 44).

5 DISCUSSÕES

As análises revelam que a UNILA, salvo algumas ressalvas³⁶, vem construindo de forma efetiva sua imagem de credibilidade, apresentando ao público latino-americano credenciais que a justifiquem como, socialmente, necessária. Isso se constata não apenas no linguístico, mas em dados, concernentes ao período delimitado neste estudo, que indicam a queda no índice de evasão da Universidade (tabela 1), sobretudo de estudantes brasileiros, a quem são imputadas maior desconfiança em relação ao projeto de integração, segundo o diagnóstico contextual.

Tabela 1: evasão de estudantes por ano e nacionalidade

Ano	Brasileiros			Estrangeiros		
	Ingressantes	Evasão	%	Ingressantes	Evasão	%
2010	117	51	43,59	89	34	38,20
2011	325	164	50,46	194	46	23,71
2012	326	163	50,00	435	135	31,03
2013	Não houve seleção			Não houve seleção		
2014	555	224	40,36	201	27	13,43
2015	959	146	15,22	341	16	4,69

Fonte: MUNIZ (2015).

³⁶ Na M3, a fala do professor Marcelo Marinho, sobre a metodologia de ensino da UNILA, é fragilizada pela imagem de fundo, na tela: mastros com quatro bandeiras (Brasil, Paraná, Foz do Iguaçu e Mercosul) quando a UNILA já possuía 12 nacionalidades representadas.

Reconhece-se que os índices destacados não resultam apenas de estratégias discursivas. Vários acontecimentos, no período, como a institucionalização da Universidade, o fortalecimento da infraestrutura e a contratação de novos servidores, contribuíram para a sua melhoria. Contudo, não se podem relegar as contribuições da comunicação, já que desde a constituição da UNILA ela fora considerada, pela Comissão de Implantação, como necessária à adesão de sua proposta pelo público latino-americano³⁷.

O recorrente apelo à retórica da juventude, que dá autoridade ao discurso proferido, parece, portanto, ser uma resposta aos desafios comunicacionais da UNILA de tornar conhecida, nacional e internacionalmente, sua proposta. Assim, os estudantes – principal público e motivo de sua existência – discursam em todas as mídias analisadas, credenciando-a diretamente para o seu meio social, no idioma de origem, evitando eventuais lapsos. Com isso, a UNILA resolve o problema de não poder estar presente em todos os lugares-alvo de suas ações, evocando a imagem de seriedade que convém ao considerar as representações que cada indivíduo ou grupo social constrói a respeito do que é ser sério.

Apesar disso, não se pode falar, efetivamente, em *ethos de integração*, já que o requisito da virtude (confiança) só se constrói no decorrer do tempo. E sendo a UNILA uma Universidade jovem, ainda

³⁷ Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA, 2009, p. 138).

não é possível recorrer a um *ethos* prévio³⁸ como, por exemplo, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) faz ao apresentar-se como centenária. Assim, não satisfazendo, totalmente, os requisitos de credibilidade, compromete-se também a legitimação do discurso, principalmente nos níveis normativo (compatibilidade com os valores preservados pelo público) e cultural-cognitivo (reconhecimento social).

Alguns acontecimentos, como a avaliação de cursos de graduação das universidades brasileiras, realizada pelo Ministério da Educação (MEC), em 18 de dezembro de 2015, têm contribuído para o alcance de um desses níveis. A pontuação obtida pela UNILA (4,247) a colocou na terceira posição, no Índice Geral de Cursos do MEC, atrás somente da Unicamp (4,380) e da UFRGS (4,349)³⁹. Com esta credencial, a UNILA se tornou referência nacional e ganhou espaço no nível normativo, já que a qualidade de seus cursos se mostrou compatível com os valores da coletividade.

Mas os desafios ainda seguem, pois o alcance do último nível (cultural cognitivo) demanda tempo, principalmente no caso específico da UNILA. A Universidade possui um público complexo, que se pretende universal, tornando essa tarefa ainda mais difícil: já não é tão simples buscar uma *doxa*⁴⁰ comum com os interlocutores – tomados

³⁸ O *ethos prévio* corresponde à “imagem que o auditório faz do locutor no momento em que este toma a palavra [com base nas representações que circulam, no meio social, sobre o orador – neste caso, a UNILA]” (AMOSSY, 2005a, p. 25).

³⁹ AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL. UNILA obtém terceira colocação no Índice Geral de Cursos do MEC. Disponível em: <https://unila.edu.br/noticias/avaliacao-institucional>. Acesso em 16 nov. 2018.

⁴⁰ Diz respeito à opinião, à reputação e ao que dizemos a respeito das coisas ou das pessoas. Dessa expressão grega deriva o *endoxa* que são as opiniões comuns reconhecidas numa

como alvo, nunca efetivos – como seria caso se tratasse de um único destinatário. Logo, não se tem a garantia de que as mensagens são recebidas por todos, como esperado, sendo a comunicação da UNILA guiada por efeitos almejados (e não gerados), já que o público constrói seus próprios significados sobre a proposta de integração.

A legitimidade do discurso institucional da UNILA não depende, portanto, somente dos recursos linguísticos e midiáticos. Para sua efetividade é preciso superar as barreiras que, em determinados momentos históricos, nem mesmo o uso eficaz da linguagem é capaz de transpor, pelas limitações impostas ao discurso: a amplitude da audiência, o poder do auditório, a história, o meio social.

O crescimento do movimento conservador “Escola sem Partido” é um exemplo dessas limitações. Logo, compreender os micropoderes⁴¹ que, sutil ou manifestadamente, são exercidos pelos sujeitos que compõem a América Latina, por meio do saber moral ou racional – a igreja, com dogmas e doutrinas; a justiça, com normas e diretrizes; as pessoas, com suas crenças –, torna-se imprescindível para pensar um planejamento de comunicação que atenda, de fato, aos anseios da UNILA e contribua para somar esforços em favor da integração. Isso implica tomar o auditório não como mero receptor, mas como participante ativo do processo de negociação de sentido circunscrito no discurso.

comunidade, utilizadas em pensamentos retóricos e dialéticos (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004, p. 176).

⁴¹ Para Michel Foucault (2015), o poder é difuso, estando disperso por toda parte: no discurso científico, nas diferentes instituições, na organização familiar etc.

REFERÊNCIAS

A) FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Ana Luisa de Castro. A construção de sentido sobre "quem somos" e "como somos vistos". In: MARCHIORI, Marlene. *Estudos organizacionais em interface com cultura*. Rio de Janeiro: Senac, 2014, p. 54.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso [Introdução]. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, Contexto: 2005a, p. 9-28.

ARISTÓTELES [IV a.C.], *Retórica*; tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998, p.49.

CASANOVA, Pablo González. *La universidad necesaria para el siglo XXI*. México: Ed. Era, 2011.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução, Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução: Angela M. S.Corrêa. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 15.

_____. O *ethos*, uma estratégia do discurso político. In: _____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro - RJ, nº 24, set/out/nov/dez, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. A cultura organizacional. In: CHIAVENATO, Idalberto. *Administração nos novos tempos*. 2a. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, p. 158.

DITTRICH, Ivo José. *Análise retórica do discurso: reflexões teórico-metodológicas*. In: Intersecções. Jundiaí - SP, ed. 21, ano 9, nº 4, Nov, 2016, p. 46-65.

FACÓ, Marcos Henrique. A essência do Marketing educacional. In: COLOMBO, Sonia Simões (Org.). *Marketing educacional em ação [recurso eletrônico]: estratégias e ferramentas*. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. *A retórica das multinacionais: a legitimação das organizações pela palavra*. São Paulo: Summus, 1987.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Diversidade em convergência. *MATRIZES*. São Paulo - Brasil, v.S, nº 2, jul. dez. 2014. p.15-33.

MUNIZ, Cláudia Maria Serino Lacerda. *O papel da retórica no discurso que busca legitimação institucional: a UNILA em foco*. 2017. 151f. Dissertação. (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu, 2017.

NAYAR, Pryan. Cibercultura e estudos culturais. In: MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes*. - 2a. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 49.

SCOTT, W. Richard. *Institutions and organizations*. Thousand Oaks: Sage, 1995.

TRINDADE, Hélió. Por un nuevo proyecto universitario: de la "universidad en ruínas" a la "universidad emancipatoria". *RevIU*, Vol. 1, Num. 1, p. 1-99, 2013.

VAZ, Gil Nuno. *Marketing institucional: o mercado de ideias e imagens*. São Paulo: Pioneira, 1995.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em Administração*. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2010.

B) DOCUMENTOS:

INSTITUTO MERCOSUL DE ESTUDOS AVANÇADOS. Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-americana. *A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina*. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

UNILA. Comissão de Elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional. *PDI*. Foz do Iguaçu, 2013-2017.

C) IMAGENS EM MOVIMENTO:

DESBRAVADORES: a primeira turma de formandos da UNILA. Realização: Secretaria de Comunicação Social (SECOM/UNILA). Direção: Jhady Arana e Michele Dacas. Roteiro e Produção: Michele Dacas. Revisão: Rodrigo Birck. Assistência de Produção: Alexandre Andreatta, Francisco Denis e Kaio Coutinho. Imagens: Agostinho Ramos, Luiz Bernardo e Maurício Ferreira. Edição de imagens: Jhady Arana. Finalização: Jackson Marcelo e Rodrigo Birck. Trilha sonora: Calle 13 - Latinoamérica, Recital do Curso de Música da UNILA 2014/1. Imagens de arquivo: SECOM/UNILA, Formandos UNILA, Itaipu Binacional e Vision Art Produções. Local: LTC Produções, 2014. *1 filme* (13min40s), son., color.

UNILA Intercultural. Realização: Secretaria de Comunicação Social (SECOM/UNILA).

Direção: Michele Dacas e Rodrigo Birck. Roteiro e Produção: Michele Dacas. Direção de fotografia e câmera: Luiz Bernardo Junior. Texto: Jacqueline Bohn Couto e Michele Dacas. Edição, Finalização e Sonorização: Rodrigo Birck. Tradução e Transcrição: Eva Yolanda Taberne Albarenga e Jacqueline Bohn Couto. Revisão/Espanhol: Wladimir Geraldo Rodrigues Antunes. Elenco: Andrea Sotto, Brayan

Vargas, Danto Giardina, Jennifer Sofia Mideros Valencia, Mayara Gomes e Nicolas Pereyra Alvez. Locução: Andrés Carvajal. Música Incidental: Candombe Bailador - María Volonté; Simiolo - Dengue, Dengue, Dengue; La Flor - Csoul; Bonobo Business - Ghost; Sonidos de la Libertad - Norelpref; Invisible Walls - Revolution Void; Arranchado - Ernani Appratto. Imagens aéreas: Itaipu Binacional. Apoio: JPDOIS: Comunicação e Vídeo. Local: UNILA, 2014. *1 filme* (10min42s), son., color.

PROCESSO Seletivo 2016. Realização: Secretaria de Comunicação Social/UNILA. Produção, Direção, Coordenação e Roteiro: [S.I]. UNILA, Foz do Iguaçu, 2015. *1 filme* (5min12s), son., color.

O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI NA MÍDIA TV: REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES

Laura Duarte Marinoski ⁴²

Denise Rosana da Silva Moraes ⁴³

INTRODUÇÃO

É latente na contemporaneidade a promoção de diálogos no âmbito das humanidades, com possível repercussão em sociedade acerca da problematização da cultura da mídia televisiva que constrói e legitima uma identidade do adolescente. Ao considerar que “A comunicação é filtrada pelas censuras sociais. A realidade nua jamais aparece sob a forma de ‘possessões’; ela se fragmenta e se oculta em uma troca de prazeres ou de bens” (CERTEAU, 1993, p. 50); então analisamos como a televisão contribui para a legitimação de uma identidade marginal do adolescente em conflito com a lei, tendo em vista que esta é uma importante instância formadora de opinião, com amplo alcance social.

Respaldamos nesta pesquisa os Direitos Humanos em seus princípios axiológicos e liberdade, igualdade e fraternidade, na ânsia

⁴² Aluna de doutorado do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Foz do Iguaçu; Mestre e Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. de, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Brasil. E-mail:lauramarinoski@hotmail.com

⁴³ Doutora em Educação, coordenadora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras e professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus Foz do Iguaçu. Líder do Grupo de Pesquisa: Políticas de ação educativa, avaliação, mídias e formação de professores – PAMFOR, cadastrado no CNPq. E-mail: denise.moraes@unioeste.br

por uma sociedade essencialmente humana, em que a interculturalidade⁴⁴ atue como pilar nas relações sociais.

A construção de documentos nacionais e internacionais que tem como base a teoria dos Direitos Humanos evidencia que passos importantes foram alcançados na valorização das humanidades. Os Direitos Humanos podem ser compreendidos atualmente como uma constante busca em ver todos como iguais, na medida em que todos são sujeitos de direitos. A igualdade na sua acepção mais profunda tem como objeto propiciar a compreensão da coletividade na sua diversidade e por isso atender de maneira distinta as desigualdades.

Ao problematizar a mídia TV e sua cultura na construção de uma identidade do adolescente em conflito com a lei, investigamos por meio de programas televisivos, em três canais de ampla repercussão social, em canal aberto, como a cultura da mídia contribui para disseminar e ao mesmo tempo construir identidades que legitimam seu pensamento.

Pontuamos que o estudo reconhece a importância da tecnologia e das mídias, não vendo como um instrumento que exerce somente uma apologia alienadora. Compreendemos que é possível, por suas arestas, uma nova leitura e com isso a revolução pode vir de baixo, das bases (MORAES, 2013).

Para uma leitura crítica da televisão nos debruçamos, como aporte teórico, às leituras do campo dos Estudos Culturais (EC), marco axiológico que tem a cultura como cerne, bem como a marca

⁴⁴ Segundo Spesier (1999), a interculturalidade pode ser definida como um princípio de educação multiétnica.

fundamental da mídia como uma possibilidade de desvelar o poder da televisão como agente e difusor de cultura e identidade.

Ao visualizarmos os programas de televisão que se constituem como o *corpus* dessa pesquisa, podemos identificar o processo de marginalização da identidade do adolescente em conflito com a lei, pelo modo como é endereçada a mensagem que aborda a questão da redução da maioria penal.

Ressaltamos que neste artigo apresentamos parte integrante de uma pesquisa realizada em âmbito de mestrado, desse modo, estão como objetos de análise dois programas televisivos, ao invés de três, contido no texto original, na dissertação, em que fizemos nossas análises a partir de três canais abertos. Porém, por motivo objetivo de espaço não conseguimos apresentar o terceiro programa analisado, objeto que ficará para próxima exposição, com possibilidade maior de diálogo.

Como metodologia desta pesquisa qualitativa, percorremos a revisão bibliográfica e os modos de endereçamento (Ellsworth, 2001); bem como os estudos da recepção abordados por Hall (2003) e Martín-Barbero (2003) a fim de compreender a influência da mídia TV na construção da identidade do adolescente em conflito com a lei que legitima a aprovação da redução da maioria penal.

A mídia TV assume um papel preponderante na cotidianidade e seu poder simbólico estabelece modos de pensar e agir, conforme evidenciado por autores que estudam a cultura da mídia; a concepção apresentada por esse instrumento objetiva, muitas vezes, a

homogeneização daqueles que estão do outro lado, os telespectadores, seu conteúdo não se coaduna com o cenário intercultural no qual estão imersos, produzindo discursos que confirmam e legitimam a sociedade cindida em classes.

2 A IDENTIDADE E A CULTURA DA MÍDIA TV

As reflexões propostas nesta pesquisa suscitam a necessidade de uma leitura que aborde a vulnerabilidade que sofrem os adolescentes e o papel de estranhamento que a mídia televisiva incita na construção da imagem do Outro, nesse caso o adolescente, e a urgência de leituras que envolvam documentos internacionais e nacionais como pressuposto para compreensão da identidade juvenil.

Com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 - CF/88 e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, observamos historicamente novos cenários na garantia legal dos direitos das crianças e dos adolescentes, reconhecendo-os como prioridade no atendimento e na destinação de recursos públicos.

Entendemos o Estatuto como um produto resultante de décadas de luta pela democracia⁴⁵ e direitos humanos. Especialmente, um tempo de lutas por necessidades, desejos, interesses e, principalmente, pelos direitos daqueles que mais precisam de reconhecimento e

⁴⁵ Consideramos a democracia para além de uma estrutura jurídica e um regime político, mas uma organização da sociedade fundada no diálogo entre subjetividades diversas que convivem e se afirmam como sujeitos.

garantia, pela normativa internacional e nacional, dos direitos fundamentais – direitos humanos positivados, que estão resguardados por lei.

Os sujeitos que estão na fase infanto juvenil, criança e/ou adolescente, são compreendidos em processo de desenvolvimento, ou seja, negam temporariamente, ainda que de maneira inconsciente, a capacidade plena de consciência sobre seus atos. Contudo, observamos, passada mais de uma década da publicação do ECA, a marginalização sofrida por esses sujeitos, concretizada no cenário de desigualdades sociais profundas que ainda caracteriza o cotidiano.

A Lei nº 8.069/90 construída a partir da doutrina da proteção integral exige obediência estrita à condição peculiar de seus sujeitos e à garantia de prioridade absoluta; nesse sentido os autores ressaltam o fato de historicamente esses sujeitos estarem inseridos numa sociedade em que as ações no âmbito político, econômico e cultural concentram-se na sociedade adulta.

Assim, entrelaçamos esse tema com o discurso da redução da maioria penal, tão em voga por meio dos Projetos de Emenda Constitucional (PECs), e propagado por veículos midiáticos, especificamente nesta pesquisa a mídia televisão.

Impulsionadas por inquietações acerca da relação da mídia TV e as discussões da redução da maioria penal, problematizamos esse veículo midiático que defende o discurso de des-humanização imposto por uma sociedade “de gosto autoritário”, como disse o pedagogo Paulo Freire (2013, p. 95). Definimos como base para o objeto de pesquisa, o

discurso relativo à redução da maioria penal advindo da televisão aberta, até mesmo por seu alcance popular, atualmente em muitas casas brasileiras, marcando assim amplo alcance na construção de uma ideia de cultura e da formação da identidade do adolescente em conflito com a lei.

Recorremos ainda ao que apresenta o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2007), ao abordar que a mídia é um espaço político, portanto capaz de influenciar diretamente na opinião pública, e com isso modelar comportamentos. São espaços de embates pela sua persuasão em atingir corações e mentes, “[...] construindo e reproduzindo visões de mundo e podendo consolidar um senso comum que frequentemente moldam posturas acríticas” (BRASIL, 2007, p. 53).

O que evidencia a situação atual, em que mesmo munidos de instrumentos potencializadores de mudanças sociais como o Estatuto e demais documentos, ainda encontramos no seio da sociedade civil organizada - integrante do Estado ampliado⁴⁶ ampla defesa de Projetos de Emenda Constitucional, doravante PEC, que em linhas gerais propõe a imputabilidade penal ao adolescente. Nesse contexto, de

⁴⁶ Sobre o termo “Estado Ampliado”, Texier cita Coutinho para confirmar que, a expressão citada não foi cunhada pelo próprio Gramsci, mas por Christine Buci-Glucksmann, a qual inventa a expressão em 1975, com o objetivo de expressar sinteticamente a ideia fundamental de Gramsci, a saber, a de que o Estado não compreende somente o aparelho jurídico de comando e repressão, mas também a “sociedade civil” e seu aparelho de hegemonia, graças ao qual um grupo social pode conquistar a direção de toda a sociedade. Importante destacar uma das acepções de Gramsci sobre o termo “Estado”: não apenas aparelho coercitivo, mas também aparelho de hegemonia voltado para a conquista do consenso (TEXIER, 2015).

profundas inquietações, indagamos: A televisão influencia na legitimação da identidade marginal do adolescente brasileiro?

Nessa perspectiva, compreendemos a necessidade de desvelamento da atual mídia TV como uma "inculcadora" de ideias, na tentativa de difundir e homogeneizar em prol de seus interesses - político e econômico como explicita Martín-Barbero (2003), em que tole por vezes de maneira imperceptível, a criticidade humana.

Apresentamos de forma breve o *corpus* dessa pesquisa. Para a investigação selecionamos uma programação que abordou a redução da maioria penal, ou seja, não analisamos o programa como um todo, mas o seu enfoque na apresentação da temática que dá base para a compreensão de como é construída a identidade do adolescente em conflito com a lei.

A seleção dos programas investigados teve como critérios iniciais a transmissão em canal aberto - em que o telespectador tem acesso gratuito às programações dos canais autorizados a operar a partir de concessões -, e que a programação tivesse como temática a redução da maioria penal, a fim de propiciar campo para reflexões acerca da cultura da mídia TV na construção da identidade do adolescente em conflito com a lei.

Outro critério levado em consideração foram os índices de audiência indicados, como símbolo comercial de liberdade e legitimação da programação veiculada. Para os dirigentes representa o consentimento na relação com o número de receptores, sobre a

programação, e com isso a adesão ou não, conforme a medição da audiência, do que está sendo dito e/ou mostrado.

2.1 O adolescente na Mídia TV

A televisão só fala, ela não escuta, e aí o papel de problematizarmos tais falas, pois este espaço é um universo caracterizado por agentes sociais trajados com as aparências da importância, da liberdade, da autonomia, que em realidade são marionetes de uma estrutura que é preciso trazer à luz (BOURDIEU, 1997).

A identidade, nesta pesquisa, é assumida com base na teoria de Hall (2014), não essencialista, mas cambiante, construída a partir de discursos com conceito estratégico e posicional. Ou seja, “(...) não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.” (HALL, 2014, p. 109) Nos tornamos na medida em que somos representados, e então perguntamos de que maneira a mídia TV influencia na construção da identidade do adolescente infrator?

2.2.1 *Com vocês, os programas televisivos:*

O adolescente no “SBT Brasil”

Jornalista: “Como a gente viu muitos desses criminosos que se exibem sem vergonha nas redes sociais são menores de idade. E por falar nisso, hoje o Senado rejeitou por 11 votos a 8 a Proposta de

Emenda Constitucional que pretendia reduzir a maioria penal nos casos de crimes hediondos cometidos por adolescentes.

Siga meu raciocínio, se 90% dos brasileiros são a favor da redução da maioria penal, então a quem serve os 11 senadores que votaram contra o projeto? Foram eleitos pra quê, pra defender a vontade do povo ou pra defender seus próprios interesses?

A rejeição da PEC 33 é prova de que os senadores ou parte deles, ou a maioria deles até, estão em discordância com os anseios da população. É sinal de que em matéria de justiça, o Brasil segue na contramão de países civilizados e evoluídos, insistindo no caminho do retrocesso e da impunidade.

Agora, o argumento de quem defende a delinquência sem punição é de que a redução da maioria penal não acaba com a violência, lógico né, essa não é a função da pena. Pena é castigo, pena é consequência, pena é a resposta do Estado ao crime cometido. Ela serve para punir ao criminoso e apartá-lo da sociedade, para que, enquanto ele estiver preso, não volte a cometer novos crimes.

Mas infelizmente, quem defende a impunidade, só costuma mudar de ideia quando sente na própria pele os efeitos da violência.”

Após a apresentação desse programa jornalístico, com critérios previamente apontados, retiramos excertos que subsidiam as análises.

“Como a gente viu muitos desses criminosos que se exibem sem vergonha nas redes sociais são menores de idade”. Ao referir-se ao adolescente autor de ato infracional, são utilizados termos que

constroem uma identidade que reforça o sentimento de desprezo; foram utilizadas as expressões criminosos, sem vergonha e menor.

O programa jornalístico ao escolher determinadas expressões para informar a ocorrência de adolescentes cometendo ato infracional, desempenha o que Bourdieu (1997) chama de “ocultar mostrando”, pois constrói um cenário que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade.

A expressão “sem vergonha” quando trazida para a oralidade pode remeter a uma forma pejorativa de referir-se ao Outro, neste caso o adolescente em conflito com a lei, que, enquanto sujeito numa perspectiva sócio-histórico, sociolinguística, socioeconômica, sociocultural e/ou sociopolítica não é problematizado, em um movimento intercultural entre o campo jornalístico, o telespectador e os adolescentes.

Ao referir-se ao termo “menor”, ao invés de adolescente, como é designado pelo ECA, a jornalista incita um cenário de desumanização ao distorcer a vocação do *ser mais* do sujeito em desenvolvimento. Por meio desse movimento midiático evidencia-se a opressão daqueles, por vezes, já sofrem outras opressões, ainda que sua única vulnerabilidade esteja na faixa etária, que já se configura numa relação desigual, de estar sendo oprimido na sua representação.

Destacamos Woodward (2014) quando fala sobre “o poder da representação e sobre como e porque alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder (...)”. O campo midiático

constrói relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.

A representação é composta por práticas de significação e os sistemas simbólicos, por meio dos quais os significados podem posicionar seus sujeitos, intencionando por vezes representar o humano como se estivesse a dizer sobre sua essência.

Para ficar mais claro, pelo fato dos adolescentes se manifestarem inadequadamente, na opinião do campo jornalístico, é trazido o assunto da redução da maioria penal para crimes hediondos, nos dando a impressão de que a atitude praticada por aqueles adolescentes chamados “criminosos” coaduna com a proposição da idade penal.

Por deterem a força televisiva, em que pode ser explorado som e imagem, o campo jornalístico pode produzir efeitos sem precedentes. A visão cotidiana de um assunto que ocorre no subúrbio pode não ser tão interessante, mas se conseguir dar visibilidade à realidade evoca o extraordinário, o espetáculo.

Retomando a apresentação proferida pela jornalista, “Siga meu raciocínio, se 90% dos brasileiros são a favor da redução da maioria penal, então a quem serve os 11 senadores que votaram contra o projeto? Foram eleitos pra quê, pra defender a vontade do povo ou pra defender seus próprios interesses?”

A rejeição da PEC 33 é prova de que os senadores ou parte deles, ou a maioria deles até, estão em discordância com os anseios da população. É sinal de que em matéria de justiça, o Brasil segue na

contramão de países civilizados e evoluídos, insistindo no caminho do retrocesso e da impunidade”.

Observamos que trouxe uma temática atual, que é a redução da maioria penal para justificar a sua indignação perante a curta informação que trouxe sobre os adolescentes, adentrou ainda o campo político para dizer que os seus interesses dialogam com os da população, como uma forma de representar os seus telespectadores, uma tentativa de aproximação do público *em separado*.

Kellner (2001) expressa a cultura da mídia comparativamente aos discursos políticos, ao provocar uma hegemonia em determinados grupos e projetos políticos, em que produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, influenciando seus receptores a concordarem com ideologias como: “o modo como às coisas são”, impulsionam assim a mobilizar o consentimento para posições políticas hegemônicas.

Posteriormente a jornalista aponta para a necessidade de punir como uma forma de prevenção, o que vai ao encontro exposto por Foucault (2004) ao relatar como a pena é historicamente entendida, e conforme o programa jornalístico, ainda permanece a mesma visão na atualidade.

Vemos a partir do posicionamento do campo jornalístico, a pena como uma espécie de cerimonial para reconstituir a soberania do Estado, lesada por alguns instantes. Como se houvesse uma restauração da falta, mas o que há de fato é a objetivada restauração de evidenciar quem tem o poder, quem desprezou a força da lei. Para que assim,

conforme a porta-voz do jornal televisivo, “a resposta do Estado para o crime cometido”, fique gravado na memória dos homens, que o sofrimento seja o suficiente para que o crime não volte a se repetir.

Sem ao menos problematizar as causas do ato cometido, sem questionar a ordem social dominante, a concretização dos desumanizados lutando contra um sistema que os inferioriza; e aqui dialogamos com as palavras de Paulo Freire (1987, p. 17), “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?”

Importante dizer que não compactuamos com a violência, como tenta infiltrar a jornalista ao dizer: “Mas infelizmente, quem defende a impunidade, só costuma mudar de ideia quando sente na própria pele os efeitos da violência.

Desprezamos a violência em sua raiz, ou seja, na ordem de uma sociedade dividida em classes, na ascensão de alguns em detrimento da pouca oportunidade ofertada a tantos outros, na pouca generosidade ao chamar a infância e a adolescência de “menor”, na ausência de interculturalidade com a diferença. Mas não podemos ignorar o fato de que em algum momento a voz emudecida, o corpo açoitado, quer se fazer ouvido e visto, e nesses momentos acontecem as transgressões.

A necessidade e o reconhecimento de luta pela libertação de todos os tipos de opressão não podem ser vistos como o ato criador da violência, mas o resultado de uma história de desamor contida na violência dos opressores, até mesmo quando está revestida de uma falsa

generosidade de representá-los. Quando em realidade, os oprimidos de expectadores se tornarem autores de suas histórias, ao invés de falarem por eles, esses atores sociais falarão por si. Conforme ressalta Martín-Barbero (2003), nesse momento em que a burguesia ocupa o espaço televisivo, deixa de ser a classe revolucionária, que almeja mudanças como na Revolução Francesa, para tornar-se nesse momento o controle e o freio de qualquer revolução.

Com o espaço midiático ocupado, em especial o televisivo, projeta conteúdos nos dando a pista de como devem ser lidos, ou seja, uma leitura preferencial como diz Hall (2003), numa tentativa de controlar os meios de significar o mundo; muitos dos seus telespectadores por não dispor de outra maneira de conhecer a materialidade cultural que o cerca, a não ser do significado que se comunica a eles, absorvem passivamente a mensagem e tomam para si a mesma postura.

“Quem este programa pensa que eu sou?” Cabe-nos, a partir da maneira como foi comunicado, resistir ou subverter quem o campo midiático pensa que somos, posicionar contra hegemônicos, não compreender somente da maneira pretendida pelo jornalismo, mas possibilitar novas recepções, novas leituras.

Ainda que os telespectadores tenham quase nenhum controle sobre os conteúdos transmitidos pelos programas, eles podem usar e reelaborar de maneira totalmente diferente às intenções ou aos objetivos dos produtores, pois “inacreditavelmente”, pensam.

O adolescente no “Brasil Urgente”

Jornalista: “Agora vamos falar rasgado aqui, que você sempre teve medo de ninguém. O que você acha dessa decisão do Senado em não acatar a redução da maioria penal para vários projetos, com menor matando, menor estuprando, menor sendo traficante, menor sendo chefe de quadrilha, e as vezes metendo medo no adulto. E lembrando que você, se não foi o autor da primeira, foi o autor de uma das primeiras leis de redução da maioria penal, que foi o caso do Champinha, quando ele matou a Liana e o Felipe Café. Então você está de cadeira cativa para falar sobre isso. O que você acha da decisão dos seus pares, senadores, maioria, votando contra o projeto de redução da maioria penal? É para falar rasgado, sem meio termo, que eu sei que você é o cara que fala rasgado, dá pra você falar pra gente sobre isso Magno?”

Senador: Dá sim. Datena é uma vergonha, é deprimente, eu me sinto humilhado diante de uma decisão como essa. Pra esses senadores, eu não vou pedir desculpas de nada para ninguém, parece que estão vivendo no país de Alice e que o Brasil é o fantástico mundo de Bob, eles não estão vivendo aqui. Esse é o único país do mundo, em que homens travestidos de crianças, eu me recuso a chamar eles de criança, porque criança chupa chupeta, toma mamadeira, faz xixi no berço, depende da mãe.

Sujeito de 17 anos, de 15, de 14, de 13, estupra, mata, sequestra, quando a polícia põe a mão diz: ‘- Tira a mão de mim, eu sou menor e

conheço meu direito’. Direito uma ova, quem comete crime tem que responder pelo crime que cometeu.

Em 2003 eu entrei com uma lei, com a morte da Liana Friedenback, esse peste desse “Champinha” estuprou, matou, em 2010 a minha PEC leva o nome dela, eles botaram na gaveta, esconderam e não votaram.

E agora com a pressão popular, e eu estou dizendo isso, porque esse é o único país do mundo que homem, mata, estupra, e é protegido pelo governo; é protegido pela legislação.

E nós temos um governo que diz, ‘Olha nós não concordamos.’ Tudo bem, mas qual é a solução? Você perguntou para o Ministro Cardoso, que eu também tenho um certo respeito por ele. Ministro deixa eu falar uma coisa para você, de cada 10 assassinatos no Brasil, 7 é cometido por um homem travestido de criança, 7 cometido por um homem travestido de criança. Aí o Senhor vai dizer para o Datena que do mesmo jeito que criança está matando, homem também está matando; não está não Senhor.

Se não fizer a redução da maioria penal nesse país Datena, daqui a dois anos nós vamos pedir autorização para um menino de 10 anos para deixar a gente levar o filho na escola, para poder abrir a porta da igreja, para poder entrar no supermercado, para você circular nas ruas.

O Brasil extrapolou todos os limites, a proposta do Senador Aloysio Nunes, não era tão avançada assim, porque reduzir de 18 para 16 anos não quer dizer nada, porque eu já tive 16 e 18, é tudo a mesma

coisa. Mas era um passo adiante, era muito importante, nem esse passo eles permitiram.

Agora a sociedade brasileira está certa em se indignar, quem aqui tem paz em andar na rua, ponto de ônibus, qual é a mãe que dorme enquanto o filho não chega da escola, enquanto o marido não chegou?!

Datena, eu apresentei uma proposta e graças a Deus, depois da morte da PEC do Senador Aloysio só pode apresentar outra agora, em janeiro de 2015. Não pode apresentar outra mudança constitucional agora.

Mas o meu projeto de lei diz o seguinte: Qualquer cidadão que cometer crime com natureza hedionda, porque você tem um elenco de crime que não é hediondo, roubou um toca-fita, roubou um tênis, isso não é crime hediondo.

Sequestra, mata, queima ônibus, queima dentista na cadeia, queimou o índio Galdino, assassinou, matou, estuprou, sequestrou. Crime hediondo, perca-se a menoridade, seja colocado na maioria para pagar as penas da lei. Que idade? Nenhuma idade. Aí o cara diz, nos Estados Unidos é 7 anos, na Europa é 13 anos, 14 anos, e daí? Experiência é igual dentadura, só cabe na boca do dono. Nós temos que fazer a nossa, o país é violento, então nós vamos, idade nenhuma, e faz o que pergunta o ativista dos Direitos Humanos?

Jornalista: A Inglaterra é assim. A Inglaterra por exemplo, não tem questão de idade. Eu lembro que houve um crime terrível lá em que crianças amarraram uma outra criança na linha do trem, tomaram uma cana lascada. Agora, eu vou te dizer uma coisa Magno, primeiro

uma pergunta bem óbvia, se parece uma coisa tão fácil de resolver porque os senadores em Brasília vão contra os anseios populares, se eles foram eleitos pelo povo, porque? Qual o motivo disso aí?

Outro detalhe, a gente tem percebido no dia a dia aqui, porque a gente vê dia a dia de crimes, que a cada dia que passa, não é questão de idade não, 16, 14, 13. Tinha um moleque aqui em São Paulo, cuja quadrilha barbarizava, assaltava, roubava restaurantes com uma violência enorme; moleque de 14 anos que os adultos da quadrilha tinham medo dele.

O que acontecia antigamente, antigamente o menor era usado pelo maior para assumir a bronca dele, aí o moleque começou a perceber o que, ele está me usando para assumir a bronca dele, então eu vou matar, eu vou estuprar, eu vou liderar quadrilha, eu vou ser o bam bam. Tem menor de altíssima periculosidade, muito maior do que adulto, contrariando...

Senador: Claro, não são crianças, eles são homens travestidos de criança. E como que você alcança patente no crime? Tem 13 (treze) anos, queimou um cidadão dentro de um pneu? Ele ganha patente, ele vira general no crime; é pela capacidade de cometer o crime. Ora se o crime não trata com faixa etária para promover, por que nós vamos tratar? Aí o ativista dos Direitos Humanos fala, mas Senador nós vamos levar essa criança para o presídio? Claro que não, por que o cara que está no presídio é que tem medo dessa criança, dessa criança matar ele dormindo. Mas as cadeias estão cheias, nós vamos colocar eles nas cadeias? Não, o que nós vamos fazer? A minha proposta é a seguinte,

acaba com Fundação Casa, porque isso realmente é escola, isso realmente é pós-graduação de crime.

Jornalista: Só piora os caras.

Senador: Acaba com Unip, acaba com Fundação Casa, acaba com tudo. Fazer o que então? A minha proposta, cometeu o crime, natureza hedionda, perdeu, independente da idade, o que é que faz agora? Fica o Estado obrigado a construir centros de ressocialização para formação de campeões de esporte de alto rendimento para o país, você tira do crime, coloca na ressocialização. Qual é a atividade? Mas nós temos mão de obra para isso? Claro que temos. As olimpíadas das Forças Armadas no mundo, Aeronáutica, Exército e Marinha no Brasil, tem atletas de alto rendimento em todas as modalidades, o Brasil tem vocação para o esporte, o esporte pode nos salvar sem marginalizar mais. Ele entra aqui para cumprir a pena dele, aqui vai desenvolver esporte de alto rendimento conforme vocação, conforme biótipo. A grosso modo, isso não será um presídio.

Jornalista: É muito boa a proposta, mas tem um adendo aí. Por exemplo um menor, dependendo da idade dele, 14 (quatorze) e 15 (quinze) anos, ele vai lá cometer um crime hediondo, ele teria que pagar não é pelo tempo até atingir a maioridade penal, ele tinha que responder pelo crime, com a qualificação do crime. Se o crime for de 30 (trinta) anos de cadeia, ele paga os 30 (trinta) anos de cadeia no centro de ressocialização, ou sei lá onde, mas tem que cumprir como menor, depois pagar como maior.

Senador: Pagar a pena.

Jornalista: Lógico.

Senador: Perdeu, e vai pagar pela pena o tanto que a pena for. Ele cometeu o crime com 13 (treze) anos, vai cumprir 10 (dez), vai sair com 23 (vinte e três) anos. Esses centros a grosso modo Datena, se a família dele não tem envolvimento com o crime, o juiz vai determinar um tutor com formação religiosa, uma assistente social pra ele, a família pode entrar na sexta feira as 17 (dezesete) horas e ficar no domingo até as 17 (dezesete) horas. Se a família estiver com envolvimento no crime, o juiz determina uma família adotiva para ele até o cumprimento da pena. Esporte de alto rendimento são três períodos de treinamento por dia, tudo que um atleta de alto rendimento quer é dormir, o esporte de alto rendimento suga energia e tem a filosofia que educa, nós temos toda a possibilidade de darmos exemplo para o mundo. Agora eu lhe pergunto: é má fé, é maldade? Por que o governo não quer fazer? Por que o governo põe a base dele para votar contra o povo? O povo está certo, o povo tem que se levantar, agora eu lhe proponho uma coisa, vai atrás desses senadores pelo amor de Deus, entrevista eles, pergunta se o Estado deles é o país de Alice, se é o fantástico mundo de Bob, pra ver o que eles vão responder.

Jornalista: É difícil de entender se é anseio popular porque eles votam leis contra o povo, e a favor de bandido na verdade. Agora só pra encerrar porque o nosso tempo já esgotou, tem que botar um monte de matéria aqui, mas o senador, porque o senador mete a boca, e fala e tal, você é um candidato a presidente da República que não tem legenda né?

Senador: Eu me coloquei a disposição do meu partido, pedindo a legenda para deixar eu disputar a eleição de presidente da República, e acho que o grande gargalo do meu país é segurança pública, e é preciso ter coragem para fazer esse enfrentamento.

Jornalista: Homem que fala a verdade, gente que fala a verdade, vai ser difícil para você hein. Obrigado Senador.”

Iniciamos as nossas reflexões interrogando quantos de nós expectadores temos o espaço que o Senador entrevistado usufruiu para defender seus interesses políticos, utilizando-se do argumento de que está em prol da sociedade brasileira.

É notório no diálogo entre o jornalista e o político a concordância de ideias, em momento algum são contrariados por alguém que assuma propostas diferentes, algum adolescente que possa ter voz no assunto, tendo em vista que é o sujeito ao qual estão se referindo, construindo determinada identidade, pontualmente daqueles adolescentes que cometeram infrações. Fato que revela o que diz Bourdieu (1997, p. 50): “São pessoas que se pode convidar, sabe-se que serão conciliadoras, que não vão criar dificuldades, causar embaraços e, além disso, falam abundantemente, sem problemas.”

É preciso tirar o véu da falsa liberdade de opinião que a televisão propicia, pois se constitui em um instrumento de comunicação pouco autônomo, espaço de restrições nas relações sociais, em que há a cumplicidade objetiva, baseada em interesses ligados à posição no campo de produção simbólica e no fato que tem em comum categorias de percepção e de apreciação ligadas aos círculos sociais. Daí vemos

que a televisão, como instrumento de comunicação aparentemente desenfreado, como faz crer o jornalista, tem freio.

Outro fato a ser percebido no discurso de quem defende a redução da maioria penal, é o de evocar os mesmos acontecimentos reiteradas vezes, como o jornalista faz com o caso praticado pelo adolescente “Champinha”, dando-nos a percepção de que a violência tem a mesma cotidianidade que a notícia apresentada. Como expressa Debord (1997, p. 15), “(...) a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade.” Essa compreensão acaba por constituir a sociedade quando codifica como esta deve ser vista, mutilando a realidade concreta, fazendo parecer que o espetáculo é a sua representação, dividida entre imagem e realidade.

O jornalista ainda compara a realidade brasileira com a realidade da Inglaterra, indicando a leitura de que é possível aproximar tais culturas, hierarquizando uma em detrimento da outra. Mais uma vez, vemos a mídia televisão localizando o Brasil como um país que protege a criminalidade, especialmente no tocante às infrações cometidas por adolescentes, conforme a jornalista Raquel Sheherazade já havia exposto.

Com esta linha de pensamento citamos Martín-Barbero (2003) ao evidenciar a tentativa dos meios de comunicação de subordinar a sociedade de massa como aquela que não é o fim, mas o início de uma nova cultura, que os porta-vozes dos programas de televisão vislumbram como possibilidade de ascensão. Uma classe que

intenciona dirigir, com a eficácia da tecnologia, a maneira como o seu público deve se posicionar sobre determinados assuntos e os objetivos que devem aspirar.

Ao recebermos as informações, ampliando as suas possibilidades de análise, abrimos o texto para uma variedade de significados que não foram intencionados no momento da sua codificação.

Ao invés de absorver com passividade e conformismo as ideias expostas no programa, desconsiderando todo o processo de formação e vulnerabilidade que caracteriza a fase infantojuvenil, expandir o diálogo pode ser uma saída para a leitura do conhecimento científico sobre a criança e o adolescente nos âmbitos psicológico, social, genético e biológico; possivelmente, isso possa contribuir para compreender as condições e influências que facilitam ou prejudicam o desenvolvimento humano, e conseqüentemente, as implicações que isso gera na sociedade.

Ainda, em relação ao diálogo entre o jornalista e o senador, ficamos com a sensação de impunidade, pelo fato do adolescente que está em conflito com a lei responder pelo ato praticado de maneira distinta ao adulto. Contudo, ao observarmos com atenção o Estatuto da Criança e do Adolescente verificamos amplas possibilidades de alternativas de reparação e de mediação, que indicam uma tendência à adoção de um modelo alternativo ao da penalização.

Quanto à condução do jornalista no debate que envolve adolescente com direitos violados, em dado momento vemos novamente, como no programa anterior, a opinião do povo sustentando

e referendando as opiniões defendidas tanto pelo apresentador quanto pelo entrevistado, configurando a sensação de representação, mas também de desejo de vingar-se daqueles que se opõem com transgressões, a ordem vigente.

Essa representação endereçada nos fazer entender a mídia TV como um instrumento de unificação dos interesses, sem nos darmos conta que, na atual sociedade de classes, o fato de estarmos em campos sociais distintos já indica a possibilidade de falsa consciência, como diz Debord (1997, p. 14), “a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada”.

Ao nos determos na linguagem utilizada pelo jornalista e o senador sobre as transgressões, a identidade construída do adolescente com direitos violados caracteriza-se como o criador da violência, sem questionamentos sobre a origem dessa violência. Conforme elucida Freire (1987, p. 23): “Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os ‘demitidos da vida’, os esfarrapados do mundo”.

A identidade desse adolescente em conflito com a lei é construída por meio de uma formação discursiva e de uma estrutura de falso reconhecimento, como se o sujeito adolescente, apresentado, fosse a fonte dos significados, quando na verdade ele é o efeito. É nesse momento que percebemos o campo ideológico, que nega as interrogações para que seus telespectadores não alcancem a força motriz de toda a violência sentida, pois afetaria o *status quo* do campo

midiático, conforme assevera Bourdieu (1997), em última instância o que se exerce sobre a televisão é a pressão econômica.

Os que se constituem como opressores, ao negar as vulnerabilidades que pode cercar a criança e/ou o adolescente, endereçam um posicionamento de vítima, na tentativa de representar aqueles telespectadores que já foram alvo de transgressão cometida por adolescentes, que eles jamais chamam de oprimidos, mas de subversivos, violentos, bárbaros, malvados.

Para que um programa televisivo funcione e atinja um determinado público, obtendo êxito na decodificação pretendida, e faça sentido aos seus telespectadores, faça rir, chorar, enfim, se identificar com o formato do conteúdo transmitido, é preciso que ocorra uma relação particular com a notícia. É assim que os pressupostos do programa são construídos sobre quem é o seu público.

Então, novamente questionamos: “Quem este programa pensa que eu sou?”.

Questionar é de alguma maneira interferir na comunicação, pois quanto mais desvelamos a realidade objetiva sobre a qual devemos incidir nossa ação transformadora, maior a possibilidade de ocuparmos espaços que revelem e desvelem essa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia televisão ocupa importante papel na difusão de cultura ao informar, especialmente porque seus conteúdos veiculam conceitos de humanidades com objetivo de alcançar e sensibilizar outros sujeitos,

também constituídos de humanidades, por isso entendemos o instrumento televisivo em um movimento de diversidades.

Assentada em um terreno social estrutural, a TV toca diferentes grupos, são eles: os produtores, os porta-vozes, os receptores e a sociedade em geral, fato que nos faz refletir e problematizar o condicionamento que repercute nos seus telespectadores e, conseqüentemente, na sociedade civil, no tocante à redução da maioria penal, em um movimento de reprodução ou resistência.

Compreender criticamente a representação da identidade do adolescente em conflito com a lei demanda análise histórica e social do sujeito dessa investigação e da cultura midiática que repercute notícias objetivando interesses que, conforme os EC demonstram, na contemporaneidade estão a favor do capital, e não dos sujeitos em desenvolvimento.

A televisão evidencia temáticas que envolvem adolescentes autores de ato infracional sem problematizar a sociedade cindida em classes, a luta histórica e recente dos Direitos Humanos e a peculiaridade que envolve as crianças e os adolescentes.

Nesse contexto com aporte nos modos de endereçamento analisamos as mensagens veiculadas pelos programas televisivos com ampla repercussão, fundamentadas nos Direitos Humanos, nos EC e autores das mídias e da Educação.

A ausência de aprofundamento sobre a redução da maioria penal, utilizando como argumentos questões individuais, dificulta a compreensão da realidade que circunda os adolescentes com direitos

violados e as causas que os condicionam, que não são meramente individuais.

As justificativas têm se concentrado na busca pela pena, sem refletir se de fato a impunidade existe e se as medidas socioeducativas existentes já não são suficientes para essa intenção de penalização. Em um primeiro olhar para as análises dos programas, observa-se a vingança como retorno para as emoções, sem compreensão racional e justa com aqueles que já são penalizados antes mesmo de cometerem o ato infracional, pois as condições sociais fazem deles os esfarrapados do mundo (FREIRE, 1987). Portanto, os adolescentes em conflito com a lei como criaturas de um processo violento que os desumaniza e subjuga a práticas violentas.

O espaço televisivo está a serviço de uma pequena classe, pequena em número, mas forte em poder (APPLE, 2006), pois a partir das condições econômicas ocupam espaços privilegiados com alcance para um grande público da classe popular, com foco no convencimento e na defesa do capital.

Com objetivo imediato de audiência buscam soluções rápidas para o sentimento de insegurança e desumanidade, provocado pela própria televisão, imputando aos sujeitos em desenvolvimento a culpa de todo o sistema violento que caracteriza a sociedade capitalista.

O que possibilita responder a pergunta propulsora dessa pesquisa, sobre a maneira como a mídia TV constrói a identidade do adolescente infrator, que conforme evidenciamos, está na legitimação de um sujeito que tem a criminalidade em sua essência e por isso demanda punições

severas. Enfatiza o adolescente como um sujeito que alcançou sua completude a ponto de retribuir-lhe penas no alcance dos atos praticados, sem compreendê-lo como um sujeito histórico e social, por vezes mutilado em suas necessidades materiais, afetivas e/ou cognitivas. Assim, evidenciamos a opressão causada pelo campo jornalístico, que não apresenta análises aprofundadas sobre aqueles que Freire (1987) designa como os esfarrapados do mundo.

Um instrumento que pode servir a diversos interesses - burgueses e populares - com isso é necessário apropriar-se dela para um fim educativo. No ideário dos EC ao mesmo tempo que existe o intuito de manter o sistema, por seus interstícios pode ser formada consciências críticas. A partir de recepções críticas podemos contribuir no desvelamento do atual papel televisivo e na construção de saberes por uma cultura mais humana.

Explorar suas potencialidades em imagens e textos que formam e informam principalmente nessa expansão que vivemos dos meios de comunicação, possibilita a problematização do assunto sustentado pela teoria dos Direitos Humanos em prol de um movimento intercultural.

Com base nessa investigação, e em resposta ao nosso objeto e problema de pesquisa, e ainda a nossa atuação como professoras, propomos a realização de formação tanto inicial quanto continuada de professores para o uso das mídias de forma crítica, bem como os estudos da recepção, com o objetivo de compreender mais detidamente como as pessoas reagem e se posicionam diante do propagado e ainda, como o adolescente com direitos violados se vê na mídia TV.

Há que se debruçar sobre a compreensão dos fundamentos dos Direitos Humanos, bem como a teoria dos EC, que dão suporte para a leitura da mídia TV de forma ampla e crítica. Esse discurso eivado de preconceito contra os adolescentes em conflito com a lei, veiculado pela TV, e apresentado no corpo desta dissertação, nos direciona para a urgência de debates, de cunho interdisciplinar, para maior alcance, no sentido concebido por Paulo Freire, no levante da defesa da vida e a exigência de uma vida digna para todos.

Essa defesa da vida exige ações emancipatórias que se traduzem em aproximação respeitosa e solidária, nessa perspectiva a proposição que foi sendo tecida, fio a fio nesta pesquisa, exige o compromisso de encontrar e forjar espaços para apresentá-la aos pares e a todos que de certa forma podem contribuir para que os documentos importantes possam ser realidade, letra viva.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michel W. *Ideologia e poder*. Tradução Vinicius Figueira. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 ago. 2015c.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

BRASIL. *Proposta de Emenda à Constituição 171, de 19 de agosto de 1993*. Altera a redação do art. 228 da Constituição Federal (imputabilidade penal do maior de dezesseis anos). Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14493> e em http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=A12C39316BAE2C4657B7E0A5E898E492.proposicoesWeb2?codteor=1014859&filename=Dossie+-PEC+171/1993. Acesso em: 23 mar. 2015a.

CERTEAU, Michel De. *A Cultura no Plural*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (trad./org.). *Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOULCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Artigo 16. In: CURY, Munir (coord.) *Estatuto da Criança e do Adolescente comentado*. 12. ed. São Paulo: Mallheiros, 2013.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: U.F.R.J., 2003.

MORAES, Denise Rosana da Silva. *O Programa de Mídias na Educação e na Formação de Professores/as: limites e possibilidades*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.

SPEISER, Sabine. *Interculturalidad y Educación: Diálogo para la democracia en a America Latina*. El para qué de la interculturalidad em la educación. Quito, Ecuador: Ruth Moya, 1999.

TEXIER, Jacques. *O pensamento político de Gramsci*. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=776>. Acesso em: 14 jul. 2015.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomaz Tadeu da Silva. (orgs.) 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ALTERIDADE NAS MÍDIAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CONTEXTO DE FRONTEIRA: COMO RECONHECER O OUTRO NAS TELAS?

Regiane Cristina Tonatto ⁴⁷

Denise Rosana da Silva Moraes ⁴⁸

INTRODUÇÃO

Ao ouvir a música “O *Reggae*” da banda brasileira Legião Urbana (1982-1996), datada da década de 1980, notamos a seguinte representação de escola na primeira infância: “Ainda me lembro aos três anos de idade / O meu primeiro contato com as grades / O meu primeiro dia na escola / Como eu senti vontade de ir embora”. Ali, a escola havia sido representada, no sentido figurado ou não, como um lugar que limita e aprisiona, que cria muros e fronteiras.

As mudanças tecnológicas de lá pra cá são imensas, entretanto, se fizessemos uma atualização da canção para os nossos dias, sob maior influência das mídias nas relações humanas e nas instituições, talvez ao invés de grades, pudéssemos incluir ainda, as telas. Todavia, o mesmo

⁴⁷ Doutoranda no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-(UNIOESTE) – campus de Foz do Iguaçu. Técnica em Assuntos educacionais da Universidade Federal da Integração da América Latina (UNILA). E-mail: regitonatto@gmail.com

⁴⁸ Doutora em Educação, coordenadora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras e professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus Foz do Iguaçu. Líder do Grupo de Pesquisa: Políticas de ação educativa, avaliação, mídias e formação de professores – PAMFOR, cadastrado no CNPq. E-mail: denise.moraes@unioeste.br

lugar que cria grades ou telas, é o que tem as condições para transpô-las. (mostrar as # de aparatos tecnológicas das escolas - desigualdade social e de oportunidade)

É nesse sentido que essa pesquisa foi sendo tecida, percebendo a escola como um local de possibilidades para romper barreiras, quebrar tabus, enfrentar conflitos, dissolver limites e fronteiras, e as mídias digitais, como artefatos de cultura, oportunidade para aproximar e conectar pessoas, reunir vozes que estão ali presentes e valorizar as experiências culturais que circundam a convivência humana lado a lado com as diferenças.

Este artigo é consequência de uma série de diálogos interdisciplinares e narrativas identitárias, vivenciada no âmbito do programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, localizada no Estado do Paraná, no sul do Brasil. Mais especificamente, numa região trinacional entre três países da América Latina, sendo eles: Argentina, Brasil e Paraguai.

Para Valdir Gregory (2016, p.24), “as histórias de lugares são histórias de movimentos, de migrações, de conflitos e de transformações de espaços e paisagens”, que equivale a pensar que a história das pessoas que habitam regiões de fronteiras territoriais também falam sobre as formas de sociabilidade destes lugares; de movimentos entre nós, fios condutores da alteridade; e de encontros com o Outro, parte de mim.

Dessa forma, partilhamos de vozes presentes no contexto de uma escola com pretensas fronteiras nacionais, assim como, geracionais, socioeconômicas, regionais, de gênero, étnico-raciais e da presença das deficiências. Ou seja, para além das diferenças propiciadas pelas fronteiras geográficas, nosso campo de pesquisa se apresentou como um peculiar espaço de diversidade cultural e linguística. O objetivo foi responder à questão problema: é possível perceber o Outro por meio das fronteiras digitais e, a partir da formação de professores com vista à alteridade, alterar os modos de sociabilidade e acessibilidade na escola?

Esta pesquisa mescla os estudos de cultura e diferença por meio da axiologia dos Estudos Culturais, onde as escolas são “[...] locais de política cultural, organizadas por modos de produção semiótica que empregam variadas tecnologias culturais para representar, exibir e facilitar a mediação de asserções de conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmas” (SIMON 2013, p. 67) e o estudo da alteridade na filosofia de Emmanuel Lévinas, em que “A alteridade só é possível a partir de mim.” (LÉVINAS, 2015, p. 26), assim como, “A alteridade de um mundo rejeitado não é a do Estrangeiro, mas da pátria que acolhe e protege” (LÉVINAS, 2015, p. 28). Desta forma, buscamos, por meio da responsabilidade ética, um caminho para a educação solidária, justa e emancipadora numa região trinacional; e a formação de professoras(es), para a inserção das mídias digitais em seu fazer pedagógico, aspirando alteridade, um instrumento de luta por acesso e acolhimento.

2 EDUCAÇÃO NA CULTURA DAS MÍDIAS MADE IN BRASIL

O trecho da música ainda ecoa: “Como eu senti vontade de ir embora”. Ao falar de inclusão digital na América Latina, Jesús Martín-Barbero (2004, p. 350) nos diz que a escola quando desconsidera a diversidade, a atualidade, a curiosidade e as fronteiras da comunicação contemporânea, impulsiona os jovens à marginalização sociocultural. E ela faz isso quando privilegia a passividade, a repetição, a uniformidade, o provincianismo e a anacronia. O espaço, a interação e o Outro, que envolvem pertencimentos e culturas, são elementos fundamentais para que os sujeitos possam compartilhar conhecimentos e permanecer na escola.

Segundo Nota Técnica do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2017), no período compreendido entre 2014/2015, a primeira e segunda série do ensino médio apresentaram as maiores taxas de evasão (alunos que não se matriculam em qualquer escola no ano seguinte) com 12,9% e 12,7%, respectivamente. Para Cláudia Prioste (2016, p. 109), “Se de um lado o adolescente vai refletir as dimensões afetivas que acumulou na infância, de outro lado será também espelho da sociedade, pois nessa fase torna-se mais sensível e reativo ao ambiente”. Por isso, no que tange às discussões sobre evasão escolar, é preciso analisar tanto a dimensão afetiva dos sujeitos quanto a dimensão cultural, de estar num mundo de subjetividades, criadas e recriadas a todo momento.

Um estudo realizado por Rangel Ribeiro, Santos Crespo Istoe e Castro Manhães (2016, entre p. 65-85), faz o levantamento de pelo menos 100 artigos mais pertinentes sobre a evasão escolar, demonstrando as causas de evasão, e, estratégias e políticas testadas para redução da evasão. As causas apontadas vão desde aspectos disciplinares e motivacionais como a falta de foco na importância dos estudos, *bullyng*, falta de engajamento e criatividade, que inibem a expressão da criatividade; até questões sociais e econômicas.

Num país onde a desigualdade em todas as esferas ainda é enorme, este tema envolve, portanto, além de aspectos subjetivos, aqueles de ordem cultural, política e social. Diante do desafio de democratizar a educação e reduzir as taxas de evasão escolar, destaca-se a importância de se repensar as políticas de modo intersetorial. Afinal, a educação é um direito que deve ser preservado e promovido por toda a sociedade, e para além disso, deve permanecer em movimento, pois não tem um fim em si mesmo, quando acaba só recomeça. E como diria o amigo Nelson de Luca Pretto:

Nesse devir histórico em que a educação está entre as permanências, podemos, também, mais uma vez anunciar: A EDUCAÇÃO está morta!!! VIVA A EDUCAÇÃO. Uma nova educação que, malgrado as permanências, não é mais a mesma. Uma educação plural que, embora pertencente a esse nosso tempo/espço contemporâneo, se manifesta em ricas e singulares histórias nos mais diversos locais. Histórias que aí estão para serem inventadas. (DE LUCA PRETTO, 2005, p. 79, grifo do autor).

Parceiro e colaborador nesse estudo, esse pesquisador é um dos responsáveis pela implementação dos Recursos Educacionais Abertos (REA ou Open Educational Resources - OER) no Brasil. Este termo, cunhado pela UNESCO em 2002, tem relação com recursos *online* que

podem ser reconfigurados pelos usuários e podem permanecer disponíveis a comunidade. Em “Uma dobra no tempo: um memorial (quase) acadêmico” (De Luca Pretto 2015), nos enriquece com sua trajetória como militante científico que discute, entre outros, temas como a democratização de acesso e o compartilhamento do conhecimento. E nos faz ter perseverança na promoção de práticas que podem suscitar mudanças na formação de professores para as mídias. Pois, quando o professor e a professora se reconhecem, não apenas como consumidores de instrumentos e meios, mas como autores e autoras de uma transformação cultural, eles e elas passam a se alterar, a pertencer e a existir no processo.

3 METODOLOGIA

Como Michael Foucault (1926-1984), nos dedicamos à pesquisa ao passo que questionamos nossas perguntas. Este caminho não pode ser diferente quando lidamos com desafios educacionais que achamos dignos e necessários de investigar, “[...] sejamos, sim, forçosamente intelectuais em atitude de risco, o que pode significar também que estejamos assumindo uma atitude relativa não só à nossa prática profissional, mas, antes, a uma genuína prática de vida” (Bueno Fischer, 2007, p. 69). Pesquisar, para nós, seria, além de conhecer e explorar as articulações do poder e do saber, operar como um artista na escrita do pensamento.

Para Lévinas (2015, p. 186), “Ver é, pois, ver sempre no horizonte”. Mas, de nada adiantaria ver o Outro como a si mesmo e falar dele como numa arte finita e dos iguais. O que procuramos foi vê-lo como uma obra na arte do estranhamento. De qualquer forma, nós, assim como os filósofos levinasianos, não podemos negar que possuímos espiritualidades, crenças e preconceitos, e que eles estão incutidos em nossos pensamentos, práticas e discursos. Elementos que, de outra parte, são responsáveis pela busca por significados e pelo ato de dar sentido.

Em entrevista à Angelo Bianchi, Lévinas (2014, p. 28) procura mostrar que “O rosto do outro é a sua maneira de significar” e o “Seu sentido, no entanto, está originalmente no humano, no fato inicial de que o homem importa para o outro homem. Esta é a base do fato banal de que poucas coisas importam ao homem tanto quanto o outro homem (Lévinas, 2014, p. 31). Portanto, para o além do ser, a preocupação deste filósofo, lituano-francês, estaria menos relacionada ao significar e mais com a responsabilidade pelo Outro, de forma desinteressada de santidade, recompensas, garantias de vida eterna ou lar no céu celestial.

De um lado, a metodologia foi pensada na alteridade conceituada pela filosofia levinasiana, estabelecendo aproximação entre ética e educação; e do outro, sob a base dos Estudos Culturais, pois, também concordamos com Stuart Hall (2016, p. 20), ao expressar “toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo. Além disso, a cultura se relaciona a sentimentos, a emoções, a um senso

de pertencimento, bem como a conceitos e a ideias”. Ao nos depararmos com limites territoriais e simbólicos no campo de pesquisa e ao nos desafiar criar um espaço plural, para ver o Outro, foi preciso entender um pouco mais de cultura.

A cultura, podemos dizer, está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós (diferentemente do movimento involuntário do joelho ao ser estimulado por um martelo), mas que carregam sentido e valores para nós, que precisam ser significativamente interpretadas por outros, ou que dependem do sentido para seu efetivo funcionamento. A cultura, desse modo, permeia a sociedade (HALL, 2016, p. 21).

Portanto, sob a luz dos estudos de cultura e identidade dos Estudos Culturais e de alteridade da filosofia de Lévinas, realizamos a pesquisa desenvolvendo um *blog* educacional com *design* e postagens acessíveis e inclusivas. Constitui-se como sendo um artefato tecnológico e cultural provido de recursos que consideraram a ótica do binômio de inclusão/exclusão.

Acompanharmos e analisarmos as práticas dos sujeitos nas mídias digitais, por meio da netnografia, etnografia virtual, ou ainda, etnografia da Internet. Para além de uma descrição ou reconstrução analítica dos cenários e grupos culturais,

uma etnografia da Internet pode olhar em detalhes as formas pelas quais a tecnologia é experienciada na prática. Na sua forma básica a etnografia virtual também consiste em um pesquisador utilizando um período de tempo estendido imerso num campo de ação, percebendo as relações, atividades e compreensões daqueles que estão nesse ambiente e participam do processo (HINE, 2000, p. 04, tradução nossa).

A possibilidade metodológica para estudos de comunidades, práticas e culturas sitiadas na Internet vêm crescendo potencialmente, mas, será que a escola, e principalmente, os professores, acompanham as transformações, superam as adversidades e dominam as mídias para

buscar igualdade de acesso de seus estudantes dentro das relações contemporâneas?

Para Denise Rosana Silva Moraes (2016: 255), o “ambiente digital contempla em sua elaboração caminhos não lineares, possibilidade de autonomia docente e de solidariedade”. Por meio das técnicas investigativas que experienciamos, apresentaremos pistas que nos levam a crer que a mediação midiática, o comprometimento e a responsabilidade do(a) o(a) professor(a) nos processos pedagógicos diversificados e a disponibilidade dos recursos e técnicas de acessibilidade podem contribuir para uma educação com vista à alteridade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tivemos o privilégio de pesquisar numa região de fronteira trinacional, e da mesma forma, escolher ou sermos escolhidas por um lugar propício a pensar as tecnologias e suas mídias, não como mera ferramenta pedagógica, mas na perspectiva de desvendá-las como espaços e tempos da universalidade, da acessibilidade, do convívio, dos conflitos, e artisticamente, dos encontros com a diversidade.

Construímos um artefato tecnológico e cultural piloto sob a ótica do binômio da inclusão/exclusão, com colaboradores, professoras e estudantes, jovens e adultos, do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) Professor Orides Balotin Guerra, em

Foz do Iguaçu, cidade brasileira dessa tri-união. Portanto, o município do estudo:

[...] se liga ao Paraguai pela Ponte Internacional da Amizade e à Argentina pela Ponte Tancredo Neves, a Ponte da Fraternidade. Paraguai e Argentina usam o território brasileiro como ligação. Ônibus regulares de linha circular urbana internacional fazem o transporte de passageiros entre as três cidades há muitos anos, como se fizesse uma rota de bairro/centro/bairro de qualquer cidade. (ACIFI, 2002).

Por aqui residem aproximadamente oitenta nacionalidades diferentes. A cidade é conhecida como um importante destino turístico, pois atrai visitantes do mundo todo para contemplar, entre tantas belezas naturais deste país, as Cataratas do Iguaçu e a Itaipu Binacional.

Então, para esta comunidade já mencionada, criamos um *blog* denominado *Este barco é nosso!*, que considerou além dos princípios da acessibilidade universal, o reconhecimento do Outro. Buscamos fazer dele um espaço de preservação da heterogeneidade, estimulando a responsabilidade na presença das diferenças. Os ajustes técnicos necessários se deram graças ao esforço coletivo e colaborativo do grupo de coautoras do *blog*, formado por três mulheres PCDs (Pessoas com Deficiência), entre elas, uma professora universitária com deficiência auditiva, surda; uma técnica em assuntos educacionais com deficiência visual (cegueira) e uma jornalista e comunicadora social com deficiência física; e por colaboradores voluntários, das mais diferentes áreas do conhecimento. Ao final, a pesquisa reuniu sete postagens e cinco encontros presenciais.

Na escola, participaram da pesquisa, duas professoras regentes e duas turmas de ensino médio, totalizando aproximadamente quarenta estudantes, uma Tradutora e Intérprete de LIBRAS, e uma professora

de Atendimento Educacional Especializado (AEE); além de todo o apoio técnico-administrativo da direção e dos demais profissionais da escola, que se apropriaram significativamente da pesquisa. A faixa etária dos e das estudantes encontrava-se entre os dezoito e cinquenta e oito anos, entre eles e elas, um estudante surdo, um estudante com deficiência visual (baixa visão) e um estudante com deficiência física (cadeirante).

Logo, a etnografia da Internet nos permitiu analisar práticas de significação, identidades juvenis e relações de alteridade na escola na cultura das mídias. Nesse sentido, apontaremos um dos pontos de convergência entre os Estudos Culturais, a filosofia de Lévinas e a importância da formação de professores para a alteridade.

5 O ENCONTRO COM O OUTRO PELAS TELAS

A primeira postagem do *blog Este barco é nosso!* foi um texto de boas-vindas produzido por uma das coautoras, que escreveu um texto com a intenção de convidar as(os) participantes a navegar no *blog* e a importância de compartilhar conhecimentos, informações e experiências na rede. Foram oitenta e duas visualizações e quatorze comentários, a maioria anônimos, nos quais observamos palavras de incentivo à pesquisa, sugestões de melhorias e críticas à sociedade excludente. Em um dos comentários, um(a) anônimo(a) aponta os privilégios de estarmos no mesmo barco:

[...] estamos no mesmo barco sim, e ele é nosso. Temos relação com o que está a nossa volta, pois iremos interagir com ele, essa interrelação pode nos acrescentar ideias, valores e/ou poderemos rever nossas crenças, mudando nosso comportamento. Desse relacionamento

podemos melhorar nossa forma de agir e de se comportar socialmente (Comentário no *blog*. 5 de setembro de 2016, 16:30). (TONATTO, 2017, p. 95)

Ao analisarmos o comentário, sob a perspectiva da alteridade na filosofia contemporânea, podemos perceber que a presença do Outro, pelas telas, também nos importa e nos altera, pois, saber o que pensa nos interessa. Embora o comentário nos traga elementos que caracterizam que “as práticas sociais e culturais que dão sentido ao pertencimento e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e satisfação de suas necessidades” (Garcia Canclini 1995, p. 22), a dificuldade maior de análise foi com relação à ética e responsabilidade com o Outro. Tal comentário nos autoriza a perguntar: como seriam os relacionamentos na cultura das mídias se agíssemos com alteridade? Mesmo sem o encontro face a face que conhecíamos.

Neste estudo, utilizamos o termo cultura das mídias em consonância com o conceito defendido por Lúcia Santaella (2003: 24), o qual “não se confunde nem com a cultura de massas, de um lado, nem com a cultura virtual ou cibercultura de outro. É, isto sim, uma cultura intermediária, situada entre ambas”. Segundo a autora:

Para compreender essas passagens de uma cultura à outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. [...] Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. (SANTAELLA, 2003, p. 24)

Nas formas de sociabilidade na contemporaneidade, mesmo que mudem os meios de acesso e interação, o encontro face a face continuará existindo ou poderá começar a se revelar quando conseguirmos ver o Outro com ética, como num encontro lado-a-lado, pois, mais importante que a forma de comunicação é a forma de aprender a conviver com o Outro, do jeito que ele se apresenta naquele tempo e espaço, como o Outro, não igual a mim, nem inferior nem superior, mas, como minha responsabilidade, portanto, de modo desinteressado.

Para Lévinas (1988, p. 93), “trata-se de afirmar a própria identidade do eu humano a partir da responsabilidade, isto é, a partir da posição ou da deposição do eu soberano na consciência de si, deposição que é precisamente a sua responsabilidade por outrem”. Possibilidade difícil de visualizar, no período do holocausto vivido por Lévinas, e ainda hoje, na sociedade do espetáculo de Guy Debord (1931-1994) ou na cultura narcísica de Christopher Lasch (1932-1994). Por outro lado, necessária, ao examinar o momento, bem sintetizado por Joel Birman (2000, p. 25):

A subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto.

No contexto da diversidade, precisamos refletir sobre a formação que considerem a responsabilidade com o Outro e que tragam à tona questões relacionadas ao respeito e à tolerância.

Representantes dos Estudos Culturais no Brasil defendem a pedagogia da diferença como uma oportunidade de engajamento político e social a favor da educação para a diversidade, na qual estariam incluídas mudanças no currículo para a diversidade cultural e a formação de professoras e professores para o seu verdadeiro envolvimento no processo de elaboração e produção de conhecimento.

A perspectiva dos estudos culturais salienta a necessidade de se educar o olhar ou educar para a mídia na formação de professores e professoras, não apenas para utilizar a mídia como recurso didático, mas é preciso ir além, problematizar as narrativas que dão sentidos à cultura do consumo para atender os interesses da produção capitalista”. (KAZUKO TERUYA, 2009, p. 156)

Essa oportunidade de passagem pode ser encarada como um jeito de pautar os direitos humanos e a diversidade no ambiente escolar, para além dos documentos federais. Recentemente o país aprovou o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024. Entre as diretrizes (Brasil 2014a), algumas relacionadas diretamente a pesquisa: “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”; “formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade”; “valorização dos(as) profissionais da educação”; e “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade [...]”.

Mas neste ano (2018), na contramão da superação da intolerância e da promoção da diversidade, a Câmara Municipal de Foz do Iguaçu aprovou um projeto de emenda à Lei Orgânica do município, vedando a adoção e/ou divulgação de políticas de ensino que tendam a aplicar a ideologia de gênero, com a seguinte justificativa: “A ideologia de

gênero, na verdade, tem suas origens nas ideias dos países do comunismo, Karl Marx e Friedrich Engels” e “É tarefa e direito dos próprios pais definir como esse tema será abordado e tratado nas famílias” (Foz do Iguaçu 2017). Qual seria o papel do professor e da educação em direitos humanos, se não pudermos formar para a cidadania num compromisso histórico-social pautado na ética e na responsabilidade? Entendendo que “Falar de ética é tratar essencialmente da reflexão que se faz toda vez que é preciso identificar a melhor maneira de viver e de conviver (BARROS FILHO, POMPEU, 2013, p. 18).

Além de prever metas para promoção dos direitos humanos e da diversidade, este último PNE, propõe a promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país. Para sua realização, políticas transversais precisam garantir direitos e deveres sob outras agendas. Como o Marco Civil da Internet (Brasil 2014b), que estabelece princípios para o uso da internet no Brasil, incluindo boas práticas para a inclusão digital de crianças e adolescentes; respeito à liberdade de expressão, à pluralidade e à diversidade; e o estímulo ao exercício da cidadania em meios digitais.

A cultura das mídias altera o contexto dos direitos humanos e da educação e nos obriga a criar estratégias de formação de professoras e professores com perspectivas diferentes, como por meio do ato reflexivo de buscar rumos à alteridade e a ética nas relações. Buscamos por sentidos, significados, ressignificados, enfim, pistas que vislumbraram diferentes caminhos pedagógicos de interação e

participação de todos e todas num ciberespaço, o que favoreceu nossa reflexão crítica sobre as possibilidades das mídias na construção e desconstrução de práticas educacionais de inclusão/exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a ideia era disponibilidade de acesso num esforço de proporcionar o intercâmbio de culturas com alteridade, o primeiro passo foi dado, pois os(as) participantes da pesquisa, ou melhor, do Barco Nosso, aprovaram o artefato tecnológico-cultural, criado de maneira inclusiva consciente, como um caminho de interação e participação de todas e todos.

O desafio de incluir a diversidade na educação desta região de fronteiras territoriais e culturais, ao longo do caminho, configurou-se em uma pesquisa-ação. Ao início, partimos da ideia de pensar a acessibilidade das mídias digitais exclusivamente para estudantes com deficiência, entretanto, por meio das leituras sobre representação a partir dos Estudos Culturais e da filosofia levinasiana do que seria alteridade, o estudo foi se transformando gradativamente e passou a incorporar e representar não apenas as histórias de pessoas com deficiência na educação, mas a história da comunidade que convive e se molda por meio das diferenças e das culturas, ou seja, por meio do encontro com o Outro.

O que enriqueceu nossa pesquisa foram os encontros, as narrativas e as reações dos participantes durante a construção do

artefato. Pois, de forma qualitativa interpretativista, tivemos a oportunidade de experimentar a etnografia da Internet, virtual ou netnografia durante todo o processo de investigação, do *design* às postagens.

Além de tecer histórias e aventuras de pessoas com e sem deficiência incluídas na escola pública e na educação brasileira atual, baseada na perspectiva inclusiva, reunimos as vozes, presentes neste lugar profícuo, e as experiências que cercam a convivência humana lado a lado com as diferenças, num documentário. Esta experiência nos valeu tanto como registro quanto como memória da pesquisa e do aprendizado.

Vislumbramos uma educação mais solidária, justa e emancipadora por meio da formação de professoras(es) para o uso das mídias digitais emanadas à alteridade, as utilizando como instrumento de luta por acesso e acolhimento de todos e todas. O estudo nos deu a possibilidade de apropriar de forma significativa as tecnologias e linguagens nos espaços de interação, socializar informações e conhecimentos, e ainda, permitiu novas formas de sociabilidade e pertencimento.

E nos levam a acreditar, por intermédio da mediação educativo-cultural e da formação para a alteridade, que há possibilidade de aumentar a participação efetiva dos sujeitos à cultura das mídias, e assim, encontrar maneiras para contribuir com a diminuição do abismo digital, político, social e cultural que existe numa sociedade de classes e cindida como a brasileira.

Jamais percamos a perseverança. Que venham as novas histórias e as novas possibilidades de vivenciar a alteridade!

REFERÊNCIAS

ACIFI, Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu. *CT 320/02*. I Fórum de Debates sobre Integração Fronteiriça. 2002. Disponível em: http://www.camara.leg.br/mercosul/i_forum_foz_iguacu/anexoiii.htm (28/05/2018).

BARROS FILHO, Clóvis de; POMPEU, Júlio. *A filosofia explica as grandes questões da humanidade*. Rio de Janeiro/São Paulo: Casa do Saber / Casa da Palavra, 2013.

Birman, Joel (2.ed.) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRASIL *Plano Nacional de Educação 2014-2024*. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014(a).

BRASIL. *Marco Civil da Internet*. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília: Senado Federal, 2014(b).

BUENO FISCHER, Rosa Maria. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: Vorraber Costa, Marisa (org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 49-70.

DE LUCA PRETTO, Nelson. *Uma dobra no tempo: um memorial (quase) acadêmico*. Ilhéus, BA: Editus, 2015.

DE LUCA PRETTO, Nelson (org.). *Tecnologias e Novas Educações: Coleção educação, comunicação e tecnologias* (vol. 1). 2005.

Disponível em:
<http://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/pedagogia/07.Tecnologia%20e%20novas%20Educa%E7%F5es.pdf> (28/05/2018).

FOZ DO IGUAÇU. Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná. *Projeto de Emenda à LOM nº 01/2017, que acrescenta dispositivo à Lei Orgânica do Município de Foz do Iguaçu, vedando a adoção e/ou divulgação de políticas de ensino que tendam a aplicar a ideologia de gênero*, 2017. Disponível em:
http://www.cmfi.pr.gov.br/pdf/projetos/3991_1.pdf Acesso em 28 mai.2018.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

GREGORY, Valdir. Fronteiras e territórios: empreendimentos, migrantes e vivências. In: MACHADO E SILVA, Regina Coeli; SILVA MORAES, Denise Rosana (orgs.): *Interdisciplinaridade e saberes: interlocuções entre fronteiras*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2016, p. 23-49.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

HINE, Christine. *Etnografia Virtual*. Tradução de Cristian P. Hormazábal. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad.

INEP. Nota Técnica nº 8/2017/CGCQTI/DEED. Estimativas de fluxo escolar a partir do acompanhamento longitudinal dos registros de aluno do Censo Escolar do período 2007-2016. Brasília, 2017. Disponível em:
http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2007_2016/nota_tecnica_taxas_transicao_2007_2016.pdf. Acesso em 28 mai.2018.

KAZUKO TERUYA, Teresa. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In: BOMURA MACIEL, Lizete; RIBEIRO MORI, Nerli Nonato (Org.): *Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares*. Maringá: Eduem, 2009, p. 151-165.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*: diálogos com Philippe Nemo. Tradução de João Gama. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1988.

LÉVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*. Tradução: Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. 3ª ed. Tradução de José Pinto Ribeiro. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo*: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

PRIOSTE, Cláudia. *O adolescente e a Internet*: laços e embaraços no mundo virtual. São Paulo: FAPESP, 2016.

RANGEL RIBEIRO, Karla; SANTOS CRESPO ISTOE, Rosalee; CASTRO MANHÃES, Fernanda. Evasão escolar na adolescência: desafio social. In: NASCIMENTO GUIMARÃES, Décio (org.) *Escola hoje*: contexto contemporâneo de educação. Campos do Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016, p. 64-85.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno. *Revista Famecos*, Porto Alegre, p. 23-32, dez. 2003.

SILVA MORAES, Denise Rosana. Mídias na formação de professores(as): limites e possibilidades. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SIMON, Roger J. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: TADEU DA SILVA, Tomaz (org.). *Alienígenas na sala de aula*. 11ª ed. Coleção Estudos Culturais em Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 61-82.

TONATTO, Regiane Cristina. *Este barco é nosso!* Do ciberespaço aos caminhos rumo à alteridade. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu-PR, 2007.

NOTÍCIAS DE HONDURAS: UMA LEITURA CRÍTICA DA COBERTURA DOS JORNAIS DIÁRIOS SOBRE A DEPOSIÇÃO DE MANUEL ZELAYA

Samantha Maia Araujo ⁴⁹

Renato Braz Oliveira de Seixas ⁵⁰

INTRODUÇÃO

Aquí, en esta Honduras entrañable, se escribe la história

(trecho)

En este lugar tan hondo de la América herida corre el llanto y el sudor confundiendo /sobre la marcha; un sabor a lágrima se desliza /desde el cielo lloviendo en testimonio fijo de tinta /sobre las paredes. Aquí se escribe la história con rostro de hambre, de rabia, de luto; se escribe con brazos, con alma, con ideales, con tinta firme, con puño claro, con paso lento, con la ilusión de que algo mejor se gesta: se escribe en el corazón de los mártires.

(...)

Yadira Eguire

⁴⁹ Graduada em Jornalismo (PUC-SP), com mestrado em Integração da América Latina pelo PROLAM-USP. Pesquisadora de temas relacionados à compreensão e comunicação contemporânea. E-mail: samanthamaia.jornalismo@yahoo.com.br.

⁵⁰ Graduado em Direito (PUC-SP), com mestrado e doutorado em Integração da América Latina pelo PROLAM-USP. Professor do curso de Lazer e Turismo da EACH-USP e professor convidado de cursos de pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina e da UNESP. Pesquisador de temas relacionados à identidade e integração cultural e econômica na globalização contemporânea. E-mail: renato-seixas@uol.com.br.

Honduras é um país distante do Brasil geográfica e simbolicamente. A deposição de Manuel Zelaya da Presidência de Honduras em junho de 2009 fez com que a nação chamasse a atenção dos brasileiros pela primeira vez em muito tempo. A cobertura da derrubada do ex-presidente evidenciou, no entanto, os limites da imprensa brasileira no acompanhamento de temas relacionados à América Latina.

Apesar do peso político do Brasil na região e da fronteira com dez países, é notória a falta de intercâmbio cultural do país com as demais nações latino-americanas. Mesmo em relação a países mais presentes nos meios de comunicação brasileiros, como a Argentina e o Uruguai, é possível questionar até que ponto o debate das pautas pode ser aprofundado. A imprensa tem um papel importante para possibilitar a compreensão da complexidade dos fenômenos noticiados a partir da mediação simbólica feita pelo jornalista ao construir suas narrativas autorais que reflitam a polifonia e a polissemia que emergem de diferentes atores sociais envolvidos com o fenômeno, ou seja, **narrativas da contemporaneidade**⁵¹. Para isto, o jornalista precisa fazer a **leitura cultural** do fenômeno noticiado. Trata-se de um método em que o jornalista situa o fenômeno noticiado no seu contexto, faz seu resgate histórico, diagnostica os acontecimentos para explorar sua complexidade e, então, faz prognósticos dos possíveis desdobramentos

⁵¹ A proposta da narrativa da contemporaneidade foi construída nos anos 1980 no âmbito da ECA-USP em pesquisas do Projeto Plural e com a prática de campo da série São Paulo de Perfil, coleção de livros-reportagem lançada em 1987.

desses acontecimentos. Em resumo, o jornalista é – e precisa ser – o mediador social de signos intertextuais colhidos no ambiente social e, assim, constrói narrativas autorais que dêem conta da complexidade dos fenômenos noticiados.

Quando Zelaya foi afastado da Presidência de Honduras, os olhares da imprensa brasileira se voltaram para o país por meses. As notícias sobre o desenlaçar da crise política hondurenha ocupou quase que diariamente os altos de páginas dos dois jornais brasileiros selecionados para esta pesquisa (*O Estado de S. Paulo* e *O Globo*). Foi assim desde a derrubada do ex-presidente até a resolução do conflito com a posse de um novo mandatário em janeiro de 2010. A concessão de abrigo a Zelaya na embaixada do Brasil em Tegucigalpa, em setembro de 2009, aqueceu ainda mais o noticiário brasileiro.

O objetivo deste artigo não foi descobrir a verdadeira versão do episódio ou entender a influência ideológica dos meios de comunicação nas narrativas jornalísticas relacionadas à crise hondurenha. Por meio da leitura cultural, o que se buscou observar foi de que maneira as coberturas tiveram êxito ou falharam em conseguir trazer à reflexão a complexidade da crise objeto das matérias jornalísticas. Quem era Zelaya: um político da elite ruralista que estava sendo atacado pela direita de seu país e pelo seu próprio partido? O que queriam os hondurenhos em um processo cuja legitimidade constitucional estava em questão? Onde estavam as múltiplas vozes que poderiam dar sentido à história para além das discussões jurídicas e declarações oficiais?

Dessa forma, o propósito deste artigo foi verificar se os relatos jornalísticos sobre a crise em Honduras conseguiram construir *uma compreensão do acontecimento* por meio da produção de narrativas da contemporaneidade. Para guiar a discussão, é preciso compreender o jornalista como mediador social. O conceito do mediador social integra uma linha de estudo traçada por pesquisadores do Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), fundado pela professora Cremilda Medina. Tal linha concebe o Jornalismo como um processo de produção simbólica e traz a proposta de uma nova epistemologia baseada na prática da dialogia social. Recorrendo às palavras de Sandano Santos (2014, p. 17), o Jornalismo, segundo esta linha de análise, é visto como um “articulador do espaço do diálogo” e o jornalista, como o “profissional que interpreta empaticamente a realidade e assume a responsabilidade autoral na criação da realidade simbólica”.

2 UM OLHAR PARA HONDURAS

Manuel Zelaya tornou-se presidente de Honduras pelo Partido Liberal em 2006 com a promessa de construir uma democracia mais participativa no país. Sua campanha denunciava a ineficiência do sistema vigente no combate à exclusão social (MERINO, 2009, p. 30) e defendia a descentralização das decisões políticas, com maior delegação de poder às instâncias municipais, e da economia, com o apoio às pequenas e médias empresas, ao setor informal e aos

trabalhadores do campo. Zelaya ganhou as eleições de forma acirrada e não conseguiu garantir maioria no Congresso.

Apesar da herança ruralista e de vir de uma carreira política tradicional, Zelaya conseguiu se aproximar das camadas populares com seu jeito informal. “Zelaya vinha da elite política, já tinha sido ministro e deputado. Mas como presidente começou a se mostrar como de esquerda e a tomar medidas consideradas populistas”, explica o sociólogo Eugenio Sosa, da Universidade Autônoma de Honduras (UNAH), em entrevista para esta pesquisa⁵².

O bom desempenho da economia durante seu governo (CORDERO, 2009) também contribuiu para a popularidade de Zelaya. O PIB do país cresceu 6,6% em 2006, primeiro ano de seu mandato, e 6,3% em 2007. A pobreza caiu de 65,8% das habitações para 60,2%. De 2005 para 2006, a renda dos mais pobres aumentou, enquanto a dos mais ricos caiu. A inflação se manteve sob controle e o câmbio ficou estável. Com esse cenário, o governo adotou uma política monetária expansiva, com aumento do crédito e do salário mínimo. O aumento do salário mínimo em 60% em 2008 foi atacada pelos empregadores, que tentaram sem sucesso derrubar a medida na Justiça.

⁵² O sociólogo cita dois episódios que mostram o estilo popular de Zelaya. O primeiro quando, ao ser cobrado por uma liderança indígena de não cumprir a promessa de doar burros para a comunidade que vivia em local de difícil acesso, Zelaya respondeu enviando os animais de helicóptero. Em outra oportunidade, quando compradores estrangeiros contestaram a qualidade do melão exportado por Honduras, Zelaya decidiu provar a qualidade do produto comendo as frutas publicamente.

Também em 2008, Zelaya assinou a adesão de Honduras à Alternativa Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA)⁵³, em busca dos incentivos financeiros proporcionados pelo petróleo venezuelano. Foi uma decisão ousada em um país historicamente alinhado aos Estados Unidos. A elite empresarial e política⁵⁴ viu na aproximação com a Venezuela uma guinada de Zelaya para a esquerda.

Como resultado da política de salário mínimo e da injeção de recursos na economia do país, os sindicatos de trabalhadores passaram a respaldar Zelaya politicamente (MEZA, 2015). Em 2009, o governo fechou uma agenda de negociações com os movimentos sociais que contemplava questões como a rejeição do modelo econômico neoliberal, a reforma agrária, reformas na lei florestal e na lei de mineração, o aumento da representatividade na lei eleitoral e a aplicação de direitos indígenas (MEZA, 2015, p. 29).

O que mais acentuou a tensão entre Zelaya e os demais atores políticos tradicionais de Honduras foi, porém, o projeto da quarta urna. Em março de 2009, o Conselho de Ministros de Honduras autorizou a convocação para junho daquele ano de um plebiscito que traria a pergunta: “Você está de acordo que nas eleições gerais de novembro de 2009 se instale uma quarta urna para decidir sobre a convocatória a uma

⁵³ A ALBA foi criada em 2004 pela Venezuela e por Cuba com o pretexto de promover a integração econômica e a assistência financeira entre países membros da América do Sul, América Central e Caribe e para reduzir a dependência dos países da região aos Estados Unidos. O bloco foi lançado como uma espécie de alternativa ao modelo da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), proposta pelos norte-americanos.

⁵⁴ Chávez diz que entrada de Honduras na Alba fortalece integração. **G1**. Caracas. 23 Ago. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL734678-5602,00--CHAVEZ+DIZ+QUE+ENTRADA+DE+HONDURAS+NA+ALBA+FORTALECE+INTEG+RACAO.html>>. Acesso em 11 Dez. 2015.

Assembleia Nacional Constituinte que aprove uma nova Constituição política?”. Caso o sim ganhasse, o governo incluiria uma quarta urna (além de para presidente, deputados e prefeitos) nas eleições gerais de novembro.

A oposição acusou Zelaya de buscar se reeleger por meio de uma nova Constituição⁵⁵. O mandato presidencial em Honduras era de quatro anos, sem direito à reeleição⁵⁶. Além disso, uma vez sendo presidente, não era mais permitido voltar a se candidatar à Presidência. Essa regra foi alterada posteriormente, em abril de 2015, no governo de Juan Orlando Hernández, do Partido Nacional, que viria a se reeleger em dezembro de 2017.

O Poder Judiciário e o Congresso consideraram a consulta ilegal, incluindo o Partido Liberal. Mesmo assim, ela foi mantida pela administração Zelaya⁵⁷ para o dia 28 de junho de 2009, com o apoio de sindicatos de trabalhadores, agricultores e grupos de esquerda⁵⁸.

Zelaya foi então denunciado à Suprema Corte pela Promotoria-Geral da República por atentado contra a forma de governo, traição à pátria, abuso de autoridade e usurpação de funções. A Suprema Corte

⁵⁵ Honduras segue passos de Morales e convoca plebiscito por nova Constituição. *Folha Online*. 24 mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/03/539629-honduras-segue-passos-de-morales-e-convoca-plebiscito-por-nova-constituicao.shtml>>. Acesso em 11 dez. 2015.

⁵⁶ Honduras. *Constituição da República de Honduras de 1982*. Disponível em: <<http://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Honduras/hond82.html>>. Acesso em 25 out. 2015.

⁵⁷ Presidente detona crise militar em Honduras. *Folha Online*. 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2606200901.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

⁵⁸ Presidente de Honduras desafia Suprema Corte e aprofunda crise política. *Folha Online*. 25 jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/06/586448-presidente-de-honduras-desafia-suprema-corte-e-aprofunda-crise-politica.shtml>>. Acesso em 11 dez. 2015.

aceitou a denúncia e decretou a prisão preventiva de Zelaya, além da suspensão da consulta popular.

Na manhã do dia em que ocorreria o plebiscito, o Exército retirou Zelaya de casa e o levou de avião para a Costa Rica. Faltavam seis meses para que ele terminasse o mandato ⁵⁹. A deposição foi considerada por organizações internacionais ⁶⁰ uma afronta aos princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito.

Houve protesto da população contra e a favor da retirada de Zelaya. Quem saiu às ruas para pedir a volta do ex-presidente sofreu repressão policial⁶¹. Em 5 de julho de 2009, Zelaya tentou voltar ao país de avião e foi impedido de aterrissar em Tegucigalpa. Milhares de apoiadores se reuniram próximos ao aeroporto para aguardar a chegada do político e um jovem de 19 anos, Isis Obed Murillo, foi morto com um tiro de fuzil na cabeça disparado pelas forças policiais que tentavam impedir o acesso dos manifestantes ao aeroporto⁶².

⁵⁹ Presidente de Honduras sofre golpe de Estado e é forçado ao exílio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 jun. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-de-honduras-sofre-golpe-de-estado-e-e-forcado-ao-exilio,394703>>. Acesso em: 25 out. 2015.

⁶⁰ OEA condena energicamente golpe militar em Honduras. *GI*, São Paulo, 28 jun. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1210973-5602,00-OEA+CONDENA+ENERGICAMENTE+GOLPE+MILITAR+EM+HONDURAS.html>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

⁶¹ Hondurenhos se dividem em protestos contra e pró-Zelaya. *Último Segundo*, São Paulo, 2 jul. 2009. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/hondurenhos-se-dividem-em-protestos-contras-e-pro-zelaya/n1237627880106.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

⁶² CHACRA, G. Confrontos deixam 1 morto e 10 feridos. *O Estado de S. Paulo*, Tegucigalpa, 6 jul. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,confrontos-deixam-1-morto-e-10-feridos,398380>>. Acesso em: 25 out. 2015.

Em 25 de julho de 2009, Zelaya teve uma nova tentativa de entrada no país frustrada, dessa vez pela fronteira com a Nicarágua⁶³. O ex-presidente só conseguiu voltar a Honduras escondido, no final de setembro, quando se refugiou na embaixada brasileira em Tegucigalpa⁶⁴. O governo brasileiro diz que foi surpreendido e que acolheu o político por razões humanitárias⁶⁵, decisão criticada pela oposição no Brasil⁶⁶.

Mesmo em um ambiente de instabilidade institucional no qual parte da população não reconhecia o novo governo, o processo eleitoral daquele ano foi mantido e Porfírio Pepe Lobo, que havia sido opositor de Zelaya em 2005⁶⁷, venceu as eleições para presidente em novembro de 2009. O resultado não foi reconhecido por alguns países, entre eles o Brasil, mas o governo interino conseguiu garantir o reconhecimento dos Estados Unidos.

⁶³ LAMEIRINHAS, R. Zelaya recua após cruzar fronteira, *O Estado de S. Paulo*, Tegucigalpa, 25 jul. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,zelaya-recua-apos-cruzar-fronteira,408173>>. Acesso em: 25 out. 2015.

⁶⁴ Zelaya volta a Honduras e se refugia em embaixada brasileira, *O Estado de S. Paulo*, 21 set. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,zelaya-volta-a-honduras-e-se-refugia-em-embaixada-brasileira,438572>> Acesso em: 25 out. 2015.

⁶⁵ Dilma reitera que Zelaya foi até embaixada do Brasil por meios próprios, *Zero Hora*, Porto Alegre, 22 set. 2009. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/09/dilma-reitera-que-zelaya-foi-ate-embaixada-do-brasil-por-meios-proprios-2661651.html>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

⁶⁶ AMORIM, S. Serra vê trapalhada; Sarney critica uso político da missão, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 set. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,serra-ve-trapalhada-sarney-critica-uso-politico-da-missao,442558>>. Acesso em: 25 out. 2015.

⁶⁷ COELHO, R. D. Opositor de Zelaya vence eleição presidencial em Honduras. *BBC Brasil*, Tegucigalpa, 30 nov. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/11/091130_honduras_2a_rcpu.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2014.

No dia 26 de janeiro de 2010, o Congresso de Honduras anistiou Zelaya e os envolvidos na sua deposição. Lobo tomou posse em 29 de janeiro de 2010 e deu salvo-conduto para Zelaya sair da embaixada brasileira rumo à República Dominicana. O Brasil viria a reatar as relações diplomáticas com Honduras em 2011, depois de permitido o retorno de Zelaya ao país⁶⁸.

Em 2011 nasceu o Partido Libre, fruto da articulação do ex-presidente com os movimentos sociais reunidos na Frente Nacional de Resistência Popular (FRNP), formada em resistência à deposição de Zelaya. O Partido Libre sustenta até hoje a bandeira da reforma constitucional e, em sua primeira eleição nacional, em 2013, conseguiu conquistar um quarto das cadeiras do Congresso, se posicionando como o segundo partido mais votado de Honduras, atrás apenas do Partido Nacional.

3 VOZES DA RUA

Tegucigalpa é uma cidade hostil aos pedestres. Faltam boas calçadas, e a violência afasta mais as pessoas das ruas. Muitos cidadãos já foram assaltados à mão armada ou presenciaram um ataque. Os assaltantes não poupam nem os transportes coletivos. Para poderem circular, motoristas têm que pagar um “imposto de guerra” para as “maras”, as gangues do narcotráfico. E no táxi, é importante se

⁶⁸ EICHENBERG, F. Itamaraty indica diplomata em Tegucigalpa e normaliza relações com Honduras, *O Globo*, Washington, 31 mai. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/itamaraty-indica-diplomata-em-tegucigalpa-normaliza-relacoes-com-honduras-2763054>>. Acesso em: 1 dez. 2014.

certificar de que o motorista está sozinho, para não cair em golpe e ser roubado por um acompanhante.

Um idoso de aparência humilde aborda o taxista no farol, que lhe retribuiu o cumprimento: “Viva Zelaya!”. Era outubro de 2015, a dois anos das próximas eleições. “As últimas eleições foram roubadas, colocaram um monte de urnas a mais. O presidente que temos não é legítimo”, diz o taxista sobre Juan Orlando Hernández. Para ele, Xiomara Zelaya é quem deveria ter ganhado.

Xiomara é esposa de Manuel Zelaya, presidente afastado do cargo em junho de 2009. Nas eleições de 2013, ela representou a retomada das forças políticas aliadas ao marido. Candidata pelo Partido Libre, legenda que nasceu da resistência pela volta de Zelaya, surpreendeu ao aparecer como favorita à cadeira de presidente e desafiar o bipartidarismo tradicional, de alternância dos partidos Nacional e Liberal no poder.

A retirada prematura de Zelaya do poder impactou a vida dos hondurenhos independentemente de que lado estavam da história. A partir de suas memórias, os cidadãos comuns ajudam a reconstruir o cenário desse momento em Honduras⁶⁹.

3.1 O encontro com Claudio

Por volta de uma da tarde, cerca de 15 jovens conversavam sobre a Bíblia em um pátio da Universidad Autónoma de Honduras.

⁶⁹ Como metodologia de análise, a pesquisadora realizou entrevistas com hondurenhos de Tegucigalpa de 29 de setembro a 12 de outubro de 2015. O resultado foi a produção de nove perfis, dos quais dois foram adaptados e reproduzidos neste resumo.

Organizados em círculo debaixo de uma árvore, recitavam ensinamentos cristãos. O estudante de administração Cláudio Callejas, 24 anos, participa todas as quartas-feiras. O rapaz tem a voz calma, a pele bem branca e o corpo alto e volumoso. “Não somos da mesma igreja, mas nos reunimos para compartilhar a palavra de Jesus.” Ele me oferece uma caixinha com pequenos papéis. Escolho um aleatoriamente: “*Pídeme, y te daré por herencia las naciones, Salmo 2:8*”.

Calleja não gosta de política, diz, mas é primo do ex-presidente Rafael Calleja, mandatário de 1990 a 1994 pelo Partido Nacional, e por isso simpatiza com os nacionalistas. Quero saber como foi viver aqueles dias em que Zelaya foi afastado da Presidência, em junho de 2009. O ex-presidente caiu num domingo, mas o jovem só percebeu algo errado na segunda-feira, quando foi dispensado da aula por conta do toque de recolher. Tinha 18 anos e cursava biomedicina em uma Universidade privada em Tegucigalpa. Morava com a avó.

Para fugir do caos que se mergulhou a capital do país, o rapaz viajou para a ilha de Útila, um oásis natural no litoral norte de Honduras. Foram oito horas de ônibus até a cidade de La Ceiba, mais duas horas de ferry até a ilha. Ficou duas semanas isolado por lá. Mas escapar da conjuntura não seria tão simples. As férias de Callejas acabaram e o país continuava mergulhado na crise política. A casa da avó fica nas proximidades da embaixada brasileira, onde Zelaya buscou abrigo ao entrar escondido no país em setembro daquele ano.

A presença de Zelaya atraiu uma multidão de apoiadores na vizinhança de Callejas, que sentiu os reflexos da retaliação do governo interino aos manifestantes. “Quando cortaram a luz da embaixada, ficamos sem luz também. Não saía de casa. Não sabíamos que tipo de gente estava na rua, e em casa tínhamos comida e um muro de quatro metros. Já tínhamos sido assaltados uma vez.”

Callejas não se interessa pelos detalhes do conflito, mas acredita que a retirada de Zelaya da Presidência ocorreu dentro da lei. Só lamenta um pouco as consequências econômicas da crise política. Seu pai, corretor de imóveis em La Ceiba, perdeu investidores importantes da Holanda e acabou tendo um grande prejuízo.

De lá para cá, o jovem desistiu da biomedicina e começou a estudar administração. Quer trabalhar com formação de lideranças e faz parte da Fraternidade Internacional de Homens de Negócios do Evangelho Completo, um grupo que se reúne para conversar sobre a vida antes e depois de conhecer Jesus.

A religião assumiu uma grande importância na vida de Callejas depois de 2007, quando a depressão o empurrou para o alcoolismo. Ele tinha 16 anos e bebia tanto que chegava a perder as aulas. Nos fins de semana, só queria se isolar. “Estava tão frustrado que eu não conseguia nem chorar. Aí eu me lembrei do que me falaram um dia sobre pedir perdão a Jesus. E decidi pedir. Pedi para que ele me permitisse chorar, porque eu não aguentava mais viver aquilo. Pedi um abraço, precisava de apoio, e achei que ele ia me mandar alguém.” Callejas conta que naquele dia, logo depois de fazer a prece, sentiu algo suave nos ombros,

como um manto sendo colocado em suas costas. “Percebi a presença dele e chorei. Chorei muito.” A experiência marcante o ajudou a lutar contra o vício. Está sóbrio desde 2010. “Meu avô conheceu os 12 passos dos Alcoólicos Anônimos, meu pai também. Eu quebrei esse ciclo com a palavra de Jesus.”

3.2 A anfitriã

Doris Palacios, 63 anos, vive uma vida pacata em Trés Caminos, um bairro de classe média alta de Tegucigalpa. Acordou assustada com os barulhos na madrugada do dia 28 de junho de 2009. “Era cerca de 5 da manhã, escutei helicópteros sobrevoando, disparos de armas de fogo e sirenes de patrulha. Estava com a minha filha do meio, entramos em pânico.” Não demorou muito para a filha mais velha ligar. “Liguei a televisão e as notícias eram aterradoras, se falava de uma guerra.” A casa de Manuel Zelaya, presidente sequestrado naquele dia, ficava próxima da sua.

Ela lembra de “gente de esquerda” protestar nas ruas. “A zona em que eu moro era marcada pelos manifestantes, eles acham que é uma zona rica, mas não somos.” Doris considerava Zelaya um bom político, ficou feliz quando ele baixou o preço da cesta básica. Mas não lhe agradava a ideia de ele vir a se perpetuar no poder. “Talvez ele não fizesse isso, mas não valia correr o risco. O que poderia acontecer? Talvez nem casa tivéssemos mais hoje com ele no poder.”

Depois que Zelaya foi tirado da Presidência, a empresa de publicidade da família da filha mais velha levou um calote de 120

milhões de dólares do novo governo. Para arcar com o prejuízo, tiveram que vender ativos da empresa e começar outro negócio do zero. “O golpe mudou muito a vida deles, antes eles mudavam de carro frequentemente, tinham luxos, minha filha podia se dedicar só aos filhos. Agora ela teve que voltar a trabalhar e precisou vender o terreno onde planejava construir uma casa, adiou os planos de deixar de morar de aluguel.”

Doris tem três filhos. A mais velha é a única que ainda mora em Honduras, o que permite à Doris acompanhar o crescimento dos três netos. A filha do meio se mudou para o México com o marido e o caçula foi estudar na Alemanha. Sua companhia mais fiel é Gepeto, um poodle toy branco que a segue por onde vai. Quarto, cozinha, escritório, sempre tem um canto para o cãozinho aos pés da cuidadora. Gepeto é valente, late, morde as pernas de quem entra sem se apresentar devidamente. Mas quando a dona não está por perto, mete o rabo entre as pernas e olha de longe desconfiado.

Há três anos, as ruas de Trés Caminos começaram a ser fechadas com portões. “Foi porque a delinquência aumentou muito”, comenta a senhora com ar conformado. Antes das ruas serem isoladas, seu filho mais novo foi assaltado na frente da casa junto com um amigo. “Os bandidos chegaram de carro, armados, e levaram tudo o que eles tinham.” Doris também já foi roubada ali. Tinha sacado cerca de 500 dólares e 2 mil lempiras, e precisou dar uma passada rápida em casa. Quando voltou para o carro, encontrou os vidros quebrados. “Deixei o

carro por cinco minutos. Foi o tempo suficiente para arrombarem e levarem tudo.”

Doris tem os cabelos castanhos na altura dos ombros e altura mediana. Cuida da rotina do lar de maneira delicada para que tudo siga nos conformes. Depois de se aposentar pelo Banco Central de Honduras, passou a alugar os quartos que eram dos filhos para turistas. Nos fundos da casa, mandou construir outros cômodos para hóspedes fixos, normalmente pessoas que vêm estudar ou trabalhar na capital. “Aposentar-me foi a melhor coisa que fiz. Gostava do meu emprego, mas era desgastante. Trabalhar em casa foi uma boa solução”, conta. Diz não se incomodar com o movimento de pessoas pelos cômodos vivendo suas breves estadias. A parte administrativa dos aluguéis fica a cargo do filho na Alemanha.

Para atender a demanda de água gerada pelos hóspedes, Doris investiu em uma cisterna, mas o buraco atingiu a fundação da casa. Já eram oito da noite quando teve que acionar a irmã engenheira. Chovia fortemente no verão de Tegucigalpa. Os pedreiros armaram uma estrutura com lona e seguiram trabalhando ao longo da madrugada.

4 LEITURA CRÍTICA DOS JORNAIS

Para esta pesquisa, foi usado o método de leitura cultural dos conteúdos publicados pelos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* e pelo hondurenho *La Tribuna* a respeito da retirada de Zelaya

da Presidência de Honduras⁷⁰. Foram analisadas ao todo 95 edições. O estudo permitiu observar que o *La Tribuna*, de uma maneira geral dentro do período analisado, privilegiou a versão do novo governo e assumiu um discurso predominante de normalidade institucional. Já *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* deram espaço a fontes externas, principalmente ligadas aos governos brasileiro, norte-americano e venezuelano. O resultado foi uma cobertura que reportou as idas e vindas das negociações entre Zelaya e o novo governo, mas que captou pouco a complexidade da crise hondurenha. Assim como o *La Tribuna*, os diários brasileiros ouviram pouco as pessoas comuns.

Na edição de 29 de junho de 2009, dia seguinte da queda de Zelaya, a manchete do *La Tribuna* era “*R. Micheletti sucede a ‘Mel’*”. Ilustrava uma foto de Roberto Micheletti, antigo líder do Congresso, em posição de juramento em sua nomeação para a Presidência. Mais abaixo, uma foto menor de Zelaya ao chegar na Costa Rica, sem o característico chapéu, de calça esportiva e camiseta. O *La Tribuna* dedicou ao todo 18 páginas desta edição para as notícias sobre a derrubada de Zelaya. Apesar do volume de material, a falta de

⁷⁰ O período de atenção da pesquisa repousa sobre as edições publicadas pelos três diários dos dias 29 de junho de 2009 a 28 de janeiro de 2010. Nos dois jornais brasileiros, o critério de seleção se deu pelas matérias sobre o episódio que ganharam chamadas de capa. No entanto, foi realizada uma leitura integral das edições do período selecionado para verificar se existiam casos de reportagens que se encaixavam nos critérios do Jornalismo Interpretativo e que não tiveram chamada de capa. Os casos encontrados foram incluídos na seleção. Ao todo chegamos a 46 edições do jornal *O Estado de S. Paulo* e a 33 edições de *O Globo*. No caso do jornal hondurenho *La Tribuna*, foram feitas as análises das primeiras edições (do dia 29 de junho de 2009 a 6 de julho de 2009) até que pudéssemos identificar o estilo da cobertura e traçar uma tendência. Depois foram selecionadas apenas as matérias que traziam algum elemento ou elementos do Jornalismo Interpretativo e que apresentavam um maior esforço de reportagem. Desta forma chegamos a 16 edições.

articulação entre as matérias e de contextualização prejudicou o trabalho de mediação social do jornalista. O jornal também deixou de fora as vozes das pessoas comuns, dando amplo espaço para as fontes oficiais. Este foi o modelo de cobertura dominante pelo periódico em todo o período analisado.

Um recurso usado frequentemente pelo *La Tribuna* foi reproduzir discursos oficiais. Como na edição do dia 23 de julho de 2009, com uma página dedicada à íntegra do texto do “acordo de San José”⁷¹ e da edição de 28 de janeiro de 2010, na qual foi publicado todo o documento de defesa dos militares sobre a expulsão de Zelaya do país. Segundo o sociólogo Eugenio Sosa, a maioria dos grandes jornais construíram uma narrativa contra Zelaya:

A minha tese é a de que os meios de comunicação construíram o golpe. Zelaya sempre teve uma má relação com a imprensa. Desde o começo foi criticado na mídia por não ter capacidade de governar, por não ter formação universitária. Os maiores meios de comunicação incitaram o golpe. Diziam que Zelaya estava fora da lei e que precisava ser parado. As tevês chegaram a pedir que as forças armadas atuassem. Nas entrelinhas era possível encontrar essa mensagem na mídia.

No dia 29 de junho de 2009, a manchete de *O Estado de S. Paulo* foi: “Golpe de Estado depõe presidente de Honduras”. A linha fina informava que militares cumpriram ordem da Suprema Corte e que Zelaya havia sido mandado para o exílio de pijamas. Nenhuma foto. No texto, uma descrição minuciosa sobre as circunstâncias da detenção de Zelaya e a informação de que parlamentares hondurenhos leram uma

⁷¹ O acordo de San José foi escrito pelo então presidente da Costa Rica Oscar Arias depois de mediar uma negociação entre Manuel Zelaya e Roberto Micheletti em julho de 2009. O acordo, nunca colocado em prática, previa a restituição de Zelaya à Presidência em união com as forças políticas que apoiavam Micheletti.

carta de renúncia do ex-presidente, desmentida pelo próprio Zelaya quando desembarcou na Costa Rica. O destaque que estampou a parte superior da primeira página do jornal era sobre a reação de Chávez. A nota em negrito informava que o então presidente da Venezuela havia colocado suas Forças Armadas em alerta e que os governos americano, brasileiro e de outros países da América Latina denunciavam o golpe.

O Globo deu a matéria sobre o afastamento de Zelaya no pé da primeira página com uma foto da frente do Palácio Presidencial guardada por um tanque de guerra. “Presidente de Honduras é deposto de pijamas”, dizia o título. A linha fina informava que militares haviam mandado Zelaya para a Costa Rica e que o líder do Congresso havia sido empossado presidente. O jornal foi taxativo sobre o golpe de Estado e destacou que a manobra foi condenada em peso pela comunidade internacional. Também dizia que oito ministros estavam presos e que o novo presidente havia decretado toque de recolher.

Colocadas lado a lado, as primeiras páginas dos três jornais não parecem tratar do mesmo episódio. A foto de Zelaya na capa do *La Tribuna*, com trajes esportivos e postura curvada, não condiz com a imagem de chefe de Estado, enquanto a foto de Micheletti tomando posse como presidente transmite a ideia de autoridade e vigor. Na foto que estampa a página de *O Globo*, por sua vez, a presença de um tanque de guerra em frente ao Palácio Presidencial indica que a situação em Honduras não era de normalidade e reforça a ideia de quebra institucional trazida pela palavra “deposto” no título da matéria.

Os veículos brasileiros começaram a cobertura sem enviar correspondentes, com material de agências internacionais (*Reuters*, a *AFP* e a *EFE*). Os três jornais analisados não contextualizaram nas edições de 29 de junho de 2009 a gestão de Zelaya além da referência à ALBA e à crise em torno do plebiscito sobre a Assembleia Constituinte. Faltaram elementos que detalhassem as bases de apoio de Zelaya e as forças de oposição. Sem contextualização, foram apresentadas conclusões fechadas como a de que, por ser aliado de Chávez, Zelaya era de esquerda e queria um plebiscito para garantir a reeleição e se perpetuar no poder.

No dia 1º de julho de 2009, *O Estado de S. Paulo* enviou um correspondente a Tegucigalpa. A matéria “Zelaya anuncia retorno a Honduras” é um apanhado de informações oficiais do dia (o anúncio de Zelaya que voltaria ao país, a ameaça de Micheletti de prender Zelaya, a declaração de Chávez de que a ONU deveria avaliar a necessidade de intervir militarmente em Honduras) e de relatos sobre o que o repórter viu: comércios fechados, pichações contra o golpe, avenidas bloqueadas, pneus queimados, manifestantes com capacetes e máscaras. A matéria cita duas declarações de pessoas comuns, a de uma mulher identificada como feminista (“Você precisa mostrar ao Brasil o que está acontecendo aqui em Honduras”) e a de um comissário de bordo (“Os Estados Unidos não entendem que a população de Honduras não quer um Hugo Chávez no poder”).

Sem repórter em Honduras, *O Globo* do dia 1º de julho de 2009 trouxe a matéria de uma correspondente em Nova York, nos Estados

Unidos, onde Zelaya se encontrava para uma reunião na ONU. A reportagem “Escudo diplomático para Zelaya” trata da assinatura de uma resolução na ONU condenando o golpe e do anúncio de Zelaya de que voltaria a Honduras.

No dia 29 de julho de 2009, *O Globo* publicou uma matéria que mostrava um pouco como estava a vida em Honduras: “Comércio fechado, toques de recolher, restrições à livre circulação, protestos, soldados, agravamento da situação econômica, insegurança, greves, hostilidades, desconfianças e perseguições políticas”. Com o título “População de Honduras paga o preço do golpe”, a matéria contava a história de José Luiz Aguirre, 37 anos, que lamenta ter visto sua vida desmoronar desde a retirada de Zelaya do poder.

O relato humanizado foi, no entanto, uma exceção. Durante quase todo o mês de julho, a cobertura dos três jornais analisados nesta pesquisa se voltou para as negociações realizadas entre Zelaya e o governo de Micheletti, intermediada pelo então presidente da Costa Rica, Oscar Arias. O *La Tribuna* recorreu com frequência a materiais de agências internacionais como a *EFE* e a *AFP* para noticiar o andamento das reuniões que ocorriam no país vizinho. O correspondente de *O Estado de S. Paulo* foi deslocado para a Costa Rica e a cobertura foi dividida com uma correspondente nos Estados Unidos. *O Globo* assina as matérias de San José, capital da Costa Rica, mas não informa se é conteúdo de agências.

De agosto a quase todo setembro de 2009, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* diminuíram a cobertura sobre Honduras, que só seria

retomada com mais força quando Zelaya se refugiou na embaixada do Brasil em Tegucigalpa, em 21 de setembro de 2009, e os jornais voltam a enviar correspondentes. Deste ponto até Zelaya deixar o país em 28 de janeiro de 2010 é possível dividir a cobertura dos dois jornais brasileiros em cinco frentes principais: 1. os atritos entre as posições do Brasil, da Venezuela, dos Estados Unidos e de Honduras; 2. a análise da política externa brasileira; 3. O dia a dia na embaixada brasileira em Tegucigalpa; 4. As negociações entre Zelaya e Micheletti; 5. As eleições para presidente de Honduras.

O Globo e de *O Estado de S. Paulo* optaram por dar destaque para a cobertura sobre a decisão de outros países reconhecerem ou não o resultado das eleições em Honduras – como na cobertura de *O Estado de S. Paulo* do dia 28 de novembro, cuja chamada de capa foi “Apoio à eleição em Honduras cresce”. No dia 1º de dezembro de 2009, a cobertura do jornal paulista sobre o dia seguinte das eleições destacou que o alto comparecimento às urnas ajudaria o ganho de apoio internacional ao pleito.

No *La Tribuna*, a cobertura das eleições começou no início de agosto, com matérias pontuais sobre a agenda dos futuros candidatos. O lançamento oficial das candidaturas ocorreu em 31 de agosto de 2009 e o jornal deu manchete do dia 1º de setembro de 2009: “*Aspirantes plantean mensaje de armonía*”. A cobertura focou nos discursos dos candidatos.

No dia 25 de novembro de 2009, *O Estado de S. Paulo* deu um pequeno texto informando o encerramento da campanha e destacou as

críticas do assessor da Presidência do Brasil pelos Estados Unidos considerarem a eleição legítima. Em 27 de novembro de 2009, *O Globo* noticiou que o clima para a restituição de Zelaya era cada vez pior (“Sinal vermelho para Zelaya”). A cobertura trazia dados e declarações de fontes oficiais sobre o clima pré-eleitoral. Um pequeno texto publicado no pé da página, “Tensão e soldados nas ruas de Tegucigalpa”, chama atenção por conter os únicos relatos de protagonistas comuns sobre as eleições da cobertura dos dois jornais brasileiros. A narrativa é iniciada da seguinte forma:

Sentada na calçada do estacionamento de um supermercado, livro de Biologia nas mãos, Sandra Cantes divide sua atenção entre a aula improvisada naquele lugar e o vai-e-vem dos soldados que acompanham, à distância, o protesto de alunos da Universidade Autônoma, a maior de Honduras. Contrário à eleição presidencial, o grupo de estudantes ocupa o principal campus.

– O país já está uma grande confusão. Se a educação também for prejudicada, o que nos restará? – argumenta ela, a 50 metros do portão da universidade onde uma bandeira vermelha e preta estampa a frase “Revolução do povo” e o rosto de três estudantes mortos em conflitos no país.

– Pretendemos ficar aqui até domingo, mas dependerá dessa pressão militar – adianta o estudante de Engenharia, Jorge Manuel, à frente da ocupação.

O dia das eleições foi noticiado pelos diários brasileiros como de poucos incidentes. *O Globo* destaca na edição de 30 de novembro de 2009 que os eleitores foram às urnas pacificamente. Dois cidadãos são entrevistados, uma senhora de 70 anos, que explica por que decidiu ir votar, e um agente de segurança sem idade informada, que defende por que não votou. Os depoimentos foram colocados à parte das matérias, acompanhados de retratos dos personagens. A mulher Lesbya Elvir diz

que “o povo hondurenho provaria nas urnas a disposição de legitimar o processo eleitoral: “– o Lula está nos molestando. Fico triste em saber que um presidente de um país que também tem problemas para resolver queira deslegitimar a vontade dos hondurenhos”. Marco Antonio Baquedano diz que pela primeira vez não sairia de casa para votar: “– Eu e minha família não vamos votar porque não vamos apoiar um golpe de Estado. Há quatro anos fomos às urnas, somos favoráveis à democracia, mas não podemos compactuar com a situação provocada numa briga de poderes”.

O *La Tribuna* do dia 29 de novembro de 2009 fazia um chamamento às eleições: “*A votar*”. A matéria principal trazia o título “Alegria y seguridad en fiesta electoral” e afirmava que a população sabia que o único caminho para sair da crise são as eleições. A edição toda traz autoridades reafirmando a importância de comparecer ao pleito: o embaixador dos Estados Unidos em Honduras, o Presidente Arias, da Costa Rica, o governo da Alemanha. Uma pequena matéria informa que Zelaya já considera a possibilidade de se exilar.

No dia seguinte, a edição do *La Tribuna* comemora: “*Masiva votación*”. Foi a edição do diário que mais deu espaço a protagonistas anônimos, com histórias sobre o esforço para votar: idosos, pessoas com problemas de locomoção, jovens que votavam pela primeira vez.

Em alguns momentos é possível perceber um esforço de reportagem dos jornais brasileiros para traçar o perfil de personagens, como no caso da matéria sobre a filha de Zelaya publicada por *O Estado de S. Paulo* no dia 4 de outubro de 2009 (“Filha de Zelaya acompanhou

o golpe embaixo da cama”) e da matéria publicada no dia 27 de setembro em *O Globo* sobre o encarregado de negócios do Brasil em Honduras, Francisco Catunda (“No meio da aposentadoria, um golpe”). Os dois personagens não deixam de fazer parte, no entanto, do universo de fontes oficiais. O perfil de pessoas comuns teve espaço reduzido na cobertura dos dois jornais, como no dia 15 de outubro de 2009, quando *O Globo* deu uma matéria sobre as violações de direitos humanos cometidas pelo governo Micheletti, e a abertura do texto foi a história de uma vítima:

Com a mulher, grávida, necessitando de tratamento médico, o desempregado Angel Manuel Osorto violou uma noite o toque de recolher imposto pelo governo interino em Honduras. Ao sair para pegar dinheiro emprestado, o filho Angel David, de 13 anos, acabou baleado por um policial que passava de motocicleta. O adolescente ficou 3 dias em coma. “Quando voltávamos para casa veio uma patrulha atirando. Uma das balas o acertou”, disse o pai. “Graças a Deus está vivo”.

O dia 28 de janeiro de 2010 marca o fim da cobertura dos dois jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* sobre a crise em Honduras. Na capa do diário carioca, uma foto simbólica com o título “*The End*” mostra Zelaya ao lado do novo presidente eleito Pepe Lobo e entre eles um retrato de Lula, presidente do Brasil na época. *O Globo* não enviou correspondente para cobrir o desfecho da posse de Lobo e da saída de Zelaya do país.

O correspondente do jornal paulista deu destaque à declaração de que Zelaya voltaria a Honduras. Também foi publicada uma matéria sobre uma manifestação pró-Zelaya com cerca de 10 mil pessoas. “‘Ele vai voltar, isso é certeza’, dizia a empresária Mirian Mejía, que calcula

já ter participado de umas 50 manifestações de apoio a Zelaya.” Segundo *O Estado de S. Paulo*, os “zelayistas” marcharam e disseram que iam seguir em luta.

A matéria “Dia D em Honduras”, de *O Globo*, conta que outros seis “zelayistas” deixaram a embaixada junto com o ex-presidente. O diário carioca estampa no meio da página um box com a opinião do jornal, como forma de concluir a “novela em Honduras”: “Já o Brasil sai com a imagem arranhada por ter sido um joguete da tentativa chavista de implantar em Honduras uma ‘república’ bolivariana, ou seja, um regime populista autoritário”.

A edição de 27 de janeiro de 2010 do *La Tribuna*, dia da posse de Lobo, trouxe diversas reportagens sobre a história da política institucional do país. A matéria “*Lobo Sosa llevó a la tercera victoria al Partido Nacional*” fez uma breve retomada sobre a democracia eleitoral iniciada em 1981. Um caderno especial trazia outras matérias sobre o contexto histórico. A população segue ausente na cobertura desse dia.

5 POR UM NOVO FAZER JORNALÍSTICO

(...) o conhecimento pode chegar a certas realidades profundas onde a lógica já não é auxílio, onde, pelo contrário, nos é necessário enfrentar a contradição.

Edgar Morin

A complexa realidade contemporânea coloca questões para a Ciência, incluindo a área de Comunicação, que a lógica racional positivista não se mostra capaz de responder. O esgotamento do paradigma positivista está em questão e traz o desafio de se construir novos modelos de pensamento que abarquem a complexidade das relações.

A retirada de Zelaya da Presidência de Honduras exigiu dos jornalistas a busca por respostas para questões imediatas como “o que retirou Zelaya do cargo?”, “por que Zelaya foi expulso do País?”, “foi um golpe ou um processo amparado pela lei?”. A prática jornalística tradicional, com raras exceções, não admite respostas ambíguas. À procura de informações precisas, é comum os profissionais da comunicação recorrerem a fontes oficiais. A divulgação de relatos de autoridades costuma dar confiabilidade às informações diante do público. Na lógica objetivista, cabe às fontes a responsabilidade pela informação prestada, e ao veículo de comunicação, o compromisso de relatar de maneira fiel as declarações.

Como lidar com os múltiplos significados? Como escrever um texto preciso em um ambiente de incertezas, em que até as fontes oficiais, que costumam ser o ponto de apoio da mídia, eram diversas e estavam em conflito? Quem daria a versão oficial, o governo afastado ou o que assumiu em seu lugar? Como explica Cremilda Medina (2006), os desafios do Jornalismo Investigativo estão relacionados a uma profunda crise de paradigmas:

O pressuposto da objetividade, exigência metodológica para uma cobertura isenta dos fatos, na realidade *encobre* os complexos

contextos. Estes são filtrados por valores e opções ideológicas, quase sempre não conscientes da parte do autor. Para atuar numa situação humana altamente cifrada pela cultura, pelas múltiplas forças políticas, econômicas, sociais e individualizadas nos sujeitos protagonistas, o profissional da informação de atualidade precisaria de uma capacidade sobre-humana para decifrá-la (MEDINA, 2006, p. 58).

O pressuposto de que é possível reportar os fatos de maneira objetiva é um sinal da influência do paradigma positivista, que guia até os dias de hoje a prática jornalística. As marcas do pensamento positivista na atividade jornalística são heranças de um discurso científico cujas características estão inscritas nas bases da Ciência Moderna. Como explica Boaventura de Sousa Santos (1989), foi a partir do século XVII, com Bacon, Hobbes, Locke e Descartes que o “distanciamento e a estranheza” do discurso científico em relação ao discurso do senso comum adquiriu expressão filosófica “e não têm cessado de se aprofundar como parte integrante do processo de desenvolvimento das ciências” (SANTOS, 1989, p. 11).

O positivismo lógico representa, assim, o apogeu da dogmatização da ciência, isto é, de uma concepção de ciência que vê nesta o aparelho privilegiado da representação do mundo, sem outros fundamentos que não as proposições básicas sobre a coincidência entre a linguagem unívoca da ciência e a experiência ou observação imediatas, sem outros limites que não os que resultam do estágio de desenvolvimento dos instrumentos experimentais ou lógico-dedutivos (SANTOS, 1989, p. 23).

Augusto Comte, Durkheim e o funcionalismo americano, como destaca Santos, são marcos teóricos fundamentais da tradição que pretende estender o modelo positivista às Ciências Sociais (Ibidem, p. 58). “Desde meados do século XIX até hoje a ciência adquiriu total hegemonia no pensamento ocidental e passou a ser socialmente

reconhecida pelas virtualidades instrumentais da sua racionalidade, ou seja, pelo desenvolvimento tecnológico que tornou possível” (Ibidem, p. 30).

A consolidação da primazia da ciência sobre outras formas de conhecimento exerceu e continua exercendo forte influência sobre o Jornalismo (MEDINA, 2008). O que é publicado em um jornal carrega a credibilidade de um saber científico. O material jornalístico é construído a partir de informações investigadas, questionadas, avaliadas e provadas. E assim se afirma como confiável e verdadeiro. Ao esmiuçar as pegadas do pensamento positivista sobre o fazer jornalístico, Medina (2008) compara a coleta de informações da atualidade e a coleta de dados sobre fenômenos em estudo no laboratório científico.

O manual de redação do jornal *O Estado de S. Paulo* pode ser considerado um apanhado dos valores positivistas aplicados ao Jornalismo. Segundo o manual, os textos devem ser “imparciais e objetivos”, pensamento na contramão da epistemologia contemporânea de crítica ao modelo científico tradicional. Segundo Morin, apesar da Ciência Moderna visar um mundo objetivo, a observação não pode ser dissociada dos valores do observador, um paradoxo para a Ciência (MORIN, 2002, p. 17).

A confiabilidade deve ser conquistada, segundo o manual do *Estado de S. Paulo*, pela precisão das informações (item 35). E no verbete “Precisão” o manual expõe o que o jornal considera sua obrigação: “publicar apenas notícias corretas e precisas”. Como

destacado por Medina, as pautas da contemporaneidade demandam mais “as narrativas autorais densas e tensas do que promessas da verdade simples e precisa” (2008, p. 28). Construir novas narrativas da contemporaneidade, que trazem uma marca autoral e uma efetiva mediação dialógica, exige uma compreensão nova de mundo. E os caminhos dessa compreensão e interpretação, explica Medina, não são passíveis de serem colocados em um manual, pois não são transportáveis de uma situação a outra (MEDINA, 2006, p. 61). A ideia do campo objetivo no qual o profissional da comunicação trabalha é assim substituída pela realidade complexa, que, para ser compreendida, demanda um saber igualmente complexo, uma tarefa para qual a Ciência Moderna se mostra limitada.

A tese de que a filosofia positivista está comprometida é discutível, diz Santos (1989), mas há claramente um declínio deste paradigma. O autor acredita que a sociedade ocidental caminha para uma nova relação entre Ciência e senso comum, “uma relação em que qualquer deles é feito do outro e ambos fazem algo de novo” (SANTOS, 1989, p. 43). A proposta do pensador português é de que seja construído um novo paradigma em que a Ciência seja compreendida como uma “prática social de conhecimento, uma tarefa que vai se cumprindo em diálogo com o mundo” (Ibidem, pp. 11-12).

O diálogo começa com uma mudança na relação do pesquisador com a realidade que ele estuda. No paradigma positivista, a Ciência racional pressupõe uma relação sujeito-objeto, onde o sujeito é o pesquisador e o objeto é o que está em estudo. Uma relação “feita de

distância, estranhamento mútuo”, e na qual há uma total subordinação do objeto (sem criatividade nem responsabilidade) ao sujeito (Ibidem, p. 37).

A busca por um uma prática de conhecimento mais democrática e emancipadora também se reflete no campo jornalístico. Como explica Medina, a partir da consciência dos limites e das contradições dos saberes científicos, nasce uma nova epistemologia baseada no diálogo dos saberes e na realidade humana (MEDINA, 2006, p. 12). A ideia defendida por Medina significa romper com a concepção de comunicação tradicional e conservadora do signo da divulgação no Jornalismo, uma concepção baseada na transferência de conteúdos dos especialistas para os leigos. Em seu lugar, entra uma nova concepção de comunicação contemporânea, o signo da relação. O termo, cunhado por Medina no início dos anos 2000, denomina uma comunicação baseada na ação relacionadora, do sujeito-sujeito, realizada em um ambiente de efetiva mediação, onde o autor age de maneira criativa e com a capacidade de “mediar múltiplos sentidos das coisas (polissemia), assim como as múltiplas vozes (polifonia) que expressam o *conflito das versões*” (Ibidem, p. 23).

O Jornalismo passa a ser compreendido, segundo essa nova concepção, como uma forma de produção de conhecimento, atividade na qual o repórter vai a campo interagir com os diversos atores sociais, estabelecendo uma relação de afeto e solidariedade com as complexas realidades, para a partir daí criar uma narrativa autoral materializada na matéria jornalística. Não é suficiente criar narrativas da

contemporaneidade preso a regras de uma razão instrumental que não legitima a emoção como componente essencial do ser humano. Como explicitado por Medina (2003), é preciso percorrer o esforço da interpretação. Diferentemente do ditado pela linha positivista/racional, interpretar não representa o risco de se perder a verdade do fato, mas o esforço de se aproximar de uma melhor compreensão da realidade que se pretende construir. É ao interpretar que o jornalista cria uma narrativa que pode contribuir para que a sociedade seja mais consciente de suas decisões históricas.

O Jornalismo Interpretativo já se manifestava em alguns jornais brasileiros na década de 1970, como observaram Medina e Leandro em *A arte de tecer o presente*. No livro, os autores traçaram um quadro de tendências das narrativas da imprensa do pós-guerra e os elementos-chave para compor uma narrativa capaz de cumprir com a função de dialogia social: “o aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o fato imediato), a humanização do fato jornalístico (perfis, histórias de vida, ou protagonismo), as raízes históricas do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas” (MEDINA, 2003, pp. 126-127).

O aprofundamento do contexto é importante para que o fato jornalístico não seja apresentado como algo isolado. Aprofundar o contexto significa situar o fato jornalístico em seus nexos objetivos e significados subjetivos, de forma a revelar um tempo cultural além do tempo factual. A busca das raízes históricas do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas contribuem

para o esforço de contextualização do fato jornalístico e de abertura do espaço para diferentes versões.

A humanização da notícia por meio das histórias de vida, por sua vez, é central para aprofundar o contexto e para aproximar o público da narrativa. Levar as cenas cotidianas das pessoas comuns para a narrativa jornalística amplia a compreensão sobre o fato jornalístico. As experiências vivas dão significado ao tempo presente e permitem contemplar diferentes significados (polissemia) e versões (polifonia). Por isso Medina fala sobre a importância do “protagonismo anônimo” nas reportagens em vez da preponderância dos personagens oficiais nas narrativas burocráticas. Os saberes cotidianos também contribuem para o desenvolvimento da capacidade criativa dos mediadores-autores, na medida em que o contato do jornalista com os personagens da rua oxigena as pautas viciadas trabalhadas de dentro das redações. É a “linguagem dialógica” – utilizando uma expressão de Medina –, ou seja, a que resgata as vidas comuns e trata de detalhes e emoções do cotidiano das pessoas, que permite tecer as narrativas da contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer uma reflexão sobre os limites do Jornalismo tradicional e de sua base positivista na cobertura de uma crise política na América Latina, essa pesquisa propôs uma nova forma de fazer Jornalismo, amparada na epistemologia da complexidade e na virtude do signo da

relação. As dificuldades com que a imprensa brasileira trabalha os temas relacionados à região da América Latina, encontradas também na cobertura da derrubada de Zelaya, derivam em parte da limitação da cobertura a momentos de crise, catástrofes ou eventos oficiais como eleições, reuniões de autoridades, fechamento de acordos comerciais etc. Além disso, existe uma questão diretamente relacionada à forma com que o Jornalismo é praticado, preso a uma visão objetivista que impede o profissional da comunicação de se abrir à interpretação e à complexidade e de estabelecer uma relação de afeto à realidade abordada.

A leitura crítica dos conteúdos publicados durante a crise política em Honduras pelos três jornais escolhidos para a pesquisa mostrou o predomínio de fontes oficiais na cobertura e do uso de fórmulas pré-estabelecidas para interpretar o episódio. O resultado foi a produção de um material coerente com a linha de pensamento positivista, no qual a relação estabelecida entre os jornalistas e a realidade abordada foi a do sujeito-objeto, sem estar afeto ao drama vivido pela população naquele momento de instabilidade institucional.

É importante dizer que compreendo as dificuldades dos profissionais envolvidos nesta cobertura. A experiência como repórter ao longo de doze anos me permite elencar alguns obstáculos que os jornalistas enfrentam em sua rotina profissional e que dificulta explorar caminhos alternativos. Para uma cobertura em Honduras, que não conta com correspondente fixo, é preciso deslocar um profissional para o país no qual ele provavelmente nunca trabalhou, e a demanda é por retorno

rápido, já que em ambiente de crise as notícias surgem a todo instante. Já no local, sabe-se que é preciso buscar fontes alternativas, mas ao mesmo tempo o profissional é cobrado a acompanhar cada passo das personalidades oficiais. Portanto, discursos públicos, oportunidades de entrevistas coletivas, contatos com quem possa passar informações privilegiadas – as chamadas *inside information* – não podem ser perdidos por um repórter correspondente, principalmente se estiver sozinho.

Existe uma dificuldade das próprias empresas jornalísticas de se afastarem do paradigma positivista, não só porque acreditam na sua eficiência, mas também porque há um custo financeiro em apostar em algo diferente. É preciso investir no profissional, na equipe e no tempo à disposição de quem faz a cobertura para permitir um maior aprofundamento da apuração jornalística. Ao ir em setembro de 2015 a Tegucigalpa em busca de histórias, eu tive o benefício de olhar em retrospectiva e de chegar a Honduras com um mínimo de conhecimento sobre o assunto e com tempo disponível para os diálogos com os protagonistas. A partir da experiência de me preparar para a viagem com certa antecedência, pesquisando sobre Honduras, sobre o que aconteceu na época da deposição de Zelaya e sobre as fontes a quem eu deveria recorrer por lá, me permito fazer algumas considerações sobre o que possibilitaria a um repórter se abrir à complexidade daquela cobertura.

Buscar acadêmicos e conversar com especialistas locais ajuda a abrir novas perspectivas de abordagem à medida que se compreende o

contexto e as raízes históricas do acontecimento. Em uma Universidade é possível buscar professores de diversas áreas – História, Sociologia, Economia, Política, Comunicação – e de diversas linhas de pensamento. Foi por meio do meu contato com a Faculdade de Sociologia da UNAH, por exemplo, que soube da existência do *Centro de Documentación de Honduras* (CEDOH) e da riqueza de seu acervo de publicações sobre o contexto político hondurenho que tanto ajudaram esta pesquisa.

Os relatos dos acadêmicos não necessariamente servem para compor uma matéria jornalística de imediato, mas contribuem para o jornalista juntar as peças do quebra-cabeça que se arma na sua frente nesse tipo de cobertura. Entrar em contato com comunicadores sociais locais também ajuda nesse sentido. Além de permitir saber quais eram as pautas no país até então e ter contato com um olhar em retrospectiva, é possível obter dicas importantes sobre como é atuar como jornalista ali, quais os riscos, como as autoridades lidam com a imprensa e assim saber como agir de maneira segura.

Conhecer o jornalista Félix Molina, que rodou por Honduras para conhecer histórias do povo e cobriu as manifestações contra a deposição de Zelaya, foi uma experiência muito rica. Molina é um exemplo de comunicador que trabalha afeto às realidades que aborda. Por meio de seus relatos foi possível sentir a esfera hostil aos jornalistas que buscavam confrontar as versões oficiais durante o governo de Roberto Micheletti. A atuação de Molina traz o terceiro aprendizado importante, que é o de se relacionar com a população, de se abrir para

o ambiente onde está sendo feita a cobertura e buscar as histórias das pessoas comuns.

Fazer Jornalismo é contar histórias da contemporaneidade. A história não se faz apenas pela “grande política, a política dos grandes fatos e das grandes personalidades”, como observa Martín-Barbero (1997). A grande política é o que salta aos olhos, mas por trás dela há uma cena viva formada por pequenas histórias que se encontram e se entrelaçam, produzindo uma teia de sentidos que transcende os relatos oficiais. Essas histórias estão sendo tecidas a todo momento nas casas, nas calçadas, nas ruas, nos trabalhos, nos transportes, nos supermercados, nas aldeias, nos assentamentos. Elas são a construção cultural de um povo e por isso é que podem contribuir tanto à atividade jornalística na luta de tornar a realidade contemporânea cognoscível por meio de uma narrativa autoral.

REFERÊNCIAS

CALDERÓN, M. T. Quién conoce Honduras? In CALDERÓN, M. T.; MEJÍA, T.; ALDER, D.; JEFFREY, P. *Descifrando a Honduras: cuatro puntos de vista sobre la realidad política tras el huracán Mitch*, Cambridge: Hemisphere Initiatives, 2002. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/hemisphereinitiatives/honduras.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

CORDEIRO, J. A. *Honduras: Desempeño económico reciente*, Washington: CEPR, 2009. Disponível em: <<http://www.cepr.net/documents/publications/honduras-spanish-2009-11.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2015.

FRANZONI, J. M. *Social protection systems in Latin America and the Caribbean*: Honduras, Santiago: Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), 2013. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/4061/S2013117_en.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 out. 2015.

GARCIA, E. A. *História de Centro América*. 7 ed. Honduras: Ediciones de Librería Molino. 1965.

LAZO, L. E. (org.). *Honduras: Golpe y Pluma*, Antología de poesía resistente escrita por mujeres (2009-2013), Tegucigalpa: Litografía Lopez, 2013. 184 p.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 360 p.

_____. La comunicación desde la cultura: crisis de lo nacional y emergencia de lo popular. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, vol. I, n. 3, 1987, pp. 45-69.

MARTINS FILHO, F. E. L. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. 3ª ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MEDINA, C. *A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003. 152 p.

MEDINA, C. Caminhos e descaminhos da reportagem-ensaio. In MEDINA, C. e GRECO, M. (org) *Caminhos do saber plural*. São Paulo: ECA/USP, 1999. p. 81-97.

_____. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008. 118 p.

_____. *O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006. 197 p.

_____.; LEANDRO, P. R. *A arte de tecer o presente*. São Paulo, ECA-USP, 1972.

MERINO, F. G. Políticas e instituciones para el desarrollo económico territorial: El caso de Honduras, *CEPAL – Serie Desarrollo territorial*,

nº 7, 2009. Disponível em: <<http://archivo.cepal.org/pdfs/2009/S0900365.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

MEZA, V. *Diário de La Conflictividad en Honduras: 2009-2015*. Tegucigalpa: CEDOH, 2015. 532 p.

_____. et al. *Honduras: Prensa, Poder e Democracia*. Tegucigalpa: CEDOH, 2002. 301 p.

_____. *Honduras: Poderes fácticos y sistema político*. Tegucigalpa: CEDOH, 2007. 364 p.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 128 p.

_____. *A necessidade de um Pensamento Complexo*. In MENDES, C. (org) *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 69-77.

_____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006. 120 p.

_____. *O problema epistemológico da complexidade*. Mira-Sintra. Publicações Europa-América: 2002. 136 p.

ORLANDI, E.P. *Análise do Discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2013. 100 p.

RESTREPO, L.C. *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998. 110 p.

SANDANO SANTOS, C. E. *Para além do código digital: Discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade*. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTOS, B. S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. São Paulo: Graal, 1989.

SOSA, R. *Un mundo para todos dividido*. Tegucigalpa: Litografía Lopez, 2006. 68 p.

Sobre os Organizadores

Júlio César Suzuki

Graduado em Geografia (UFMT), com mestrado e doutorado em Geografia Humana (USP). Professor Doutor junto ao Departamento de Geografia da FFLCH/USP e ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP), onde atua, também, como coordenador. É pesquisador associado da Biblioteca Brasileira Mindlin/USP. Contato: jcsuzuki@usp.br

Rita de Cássia Marques Lima de Castro

Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero) e em Administração (Centro Universitário SENAC SP), com mestrado em Administração (FGV-EAESP), doutorado em Ciências (PROLAM-USP), pós-doutorado (FEA-USP). Professora (Programa PART) na FEA-USP da Universidade de São Paulo (USP). É pesquisadora no CORS e no NESPI, ambos centros de pesquisa lotados na FEA-USP. Contatos: ritalimadecastro@usp.br; ritalimadecastro@gmail.com

Laura Janaína Dias Amato

Graduada em Letras, com mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2005) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2012). Atualmente é professora adjunto IV da Universidade Federal da Integração Latino-Americana e pesquisadora associada do Centro Latino-Americano de Estudos da Cultura. E-mail: laura.amato@unila.edu.br.

Sobre os Autores

Cláudia Maria Serino Lacerda Muniz

Mestra em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Foz do Iguaçu, PR, Brasil. Secretária Executiva da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: claudialacerda84@gmail.com

Denise Rosana da Silva Moraes

Doutora em Educação, coordenadora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras e professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus Foz do Iguaçu. Líder do Grupo de Pesquisa: Políticas de ação educativa, avaliação, mídias e formação de professores – PAMFOR, cadastrado no CNPq. E-mail: denise.moraes@unioeste.br

Ivo José Dittrich

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, PR, Brasil. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil, PR, Brasil. E-mail: ivo.dittrich@unioeste.br

Laura Duarte Marinoski

Aluna de doutorado do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Foz do Iguaçu; Mestre e Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. de, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Brasil. E-mail: lauramarinoski@hotmail.com

Regiane Cristina Tonatto

Doutoranda no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-(UNIOESTE) – campus de Foz do Iguaçu. Técnica em Assuntos educacionais da Universidade Federal da Integração da América Latina (UNILA). E-mail: regitonatto@gmail.com

Renato Braz Oliveira de Seixas

Graduado em Direito (PUC-SP), com mestrado e doutorado em Integração da América Latina pelo PROLAM-USP. Professor do curso de Lazer e Turismo da EACH-USP e professor convidado de cursos de pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina e da UNESP. Pesquisador de temas relacionados à identidade e integração cultural e econômica na globalização contemporânea. E-mail: renato-seixas@uol.com.br.

Samantha Maia Araujo

Graduada em Jornalismo (PUC-SP), com mestrado em Integração da América Latina pelo PROLAM-USP. Pesquisadora de temas relacionados à compreensão e comunicação contemporânea. E-mail: samantamaia.jornalismo@yahoo.com.br.

Tania Marín Pérez

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA. Graduação em Letras - Artes e Mediação Cultural. Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Brasil. Contato: marin.pez@gmail.com